

**GRATUITO**  
**Adeus e obrigado**

# a Estrela Oriental

Fundado em 1856 Director: Oliveira Moura Director-Adjunto: Melo Teodoro III Série Ano II N.º 20 Janeiro 2003 Gratuito



*Fórum Ribeira Grande em debate*

## ***Cidade: que imagem dela temos, que imagem dela queremos?***

Participações de:

*João Teixeira (Porto Formoso, economista),  
Fernando Jorge Monteiro (Conceição, Arquitecto),  
Luís Pereira (Ribeira Seca, bancário),  
Carlos Arruda (Matriz, funcionário público).*

Fátima Ferreira PÁG. 6-7



Nesta edição

# 48

páginas

com suplementos  
Conceição,  
Matriz e  
Fusolândia



**Nelson Correia**

Dinâmico empresário  
e cidadão empenhado

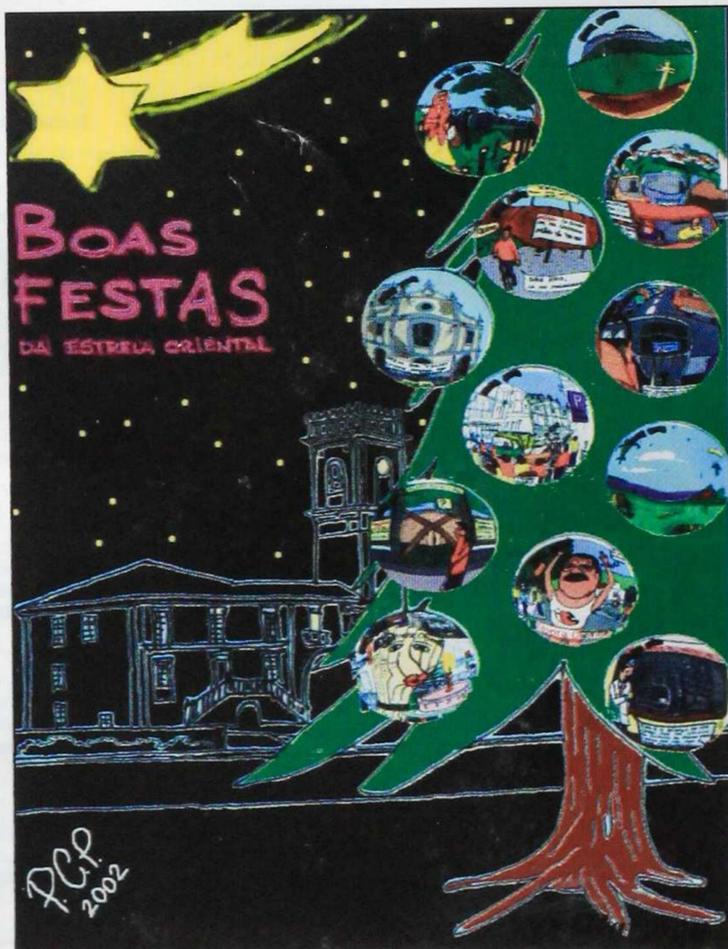
Mário Moura PÁG. 8-9

Hermano Teodoro

PÁG. Conceição 19



**João Correia**  
Médio Centro



FCO  
2002

**TOYOTA**



RUI & GASTÃO, LDA.  
Praceta da Pranchinha, N.º 20  
Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919  
9500 Ponta Delgada



**YARIS**

**Crie a sua história**

## Editorial oliveiramoura@mail.pt

### Canto do Cisne

Duas vezes ressuscitada, *A Estrela Oriental* fina-se pela terceira vez. Exige-se um *até já* amável. E festivo. Como sucede entre os africanos de Madagáscar ou os afro-americanos de Nova Orleães. Este número 20 terá mais páginas, cobrirá mais assuntos e acomodará mais comparsas do que os anteriores.

#### Razões da III Série de *A Estrela Oriental*

A história do Grande Condé, atribuída também a Frederico II, o Grande, da Prússia, poderá ilustrar a nossa. Reza assim: ao visitar uma Cidade da Borgonha, Condé não terá sido recebido com a salva de vinte e um tiros, como era habitual. O chefe do regimento desculpou-se, dizendo que não o fizera por dezanove razões, começando a enumerá-las:

'Primeira, não temos pólvora...' O grande Condé interrompeu-o: 'Dispense as outras dezoito.' Assim terá sucedido à '*A Estrela Oriental*': **porque dos cooperantes restou um número que impossibilitou qualquer continuidade.**

#### Gratidão

Por dois anos de alegre (a)ventura, agradeço a cooperantes, patrocinadores, colaboradores e leitores. Em momentos de obscura lucidez, cega-me a presunção de ter alcançado alguns dos objectivos desta *empresa*. Todavia, em outros de cristalina lucidez, presumo não ter concorrido em nada de essencial para o desenvolvimento da *minha terra*, além do desabafo para o futuro.

#### Três ideias à solta

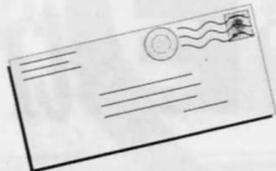
Haverá um claro nexos entre a curvatura descendente da importância da Ribeira Grande no contexto da ilha de São Miguel e o encerramento, em 1934, do *A Razão*, último título de raiz ribeiragrãndense. Como existirá uma nítida reciprocidade entre o arco ascendente da importância da Ribeira Grande e a fundação, em 1856, do *A Estrela Oriental*.

Tal como só uma Vila de Ribeira Grande forte fez um Concelho de Ribeira Grande forte, só uma Cidade forte fará um Concelho forte.

Se a Ribeira Grande ocupar no principal triângulo de desenvolvimento das ilhas, formado por ela, Ponta Delgada e Lagoa, um **lugar autónomo e concorrencial, do facto beneficiarão** ela, Ponta Delgada, a Ilha e a Região. Havendo nele duas Cidades, conforme o estipulado no Decreto Legislativo Regional, que ao elevar a Ribeira Grande a Cidade a constituiu como segundo pólo de desenvolvimento da Ilha de São Miguel, estas devem ser **diferentes em suas diferenças, mas iguais em deveres e direitos.**

Até Deus o entender.

Oliveira Moura



# Caixa do Correio

Passaram quase cinco meses desde a minha estada aí e nem uma palavra de agradecimento, uma apitadela a dizer cheguei bem a este lado. As minhas desculpas pelo silêncio e pela preguiça. E também por não ter cumprido o teu pedido, ou aceite a tua sugestão de transmitir as impressões da minha última visita aos Açores. Tentarei fazê-lo agora, esperando que a poeira do tempo não tenha coberto completamente o que retive na memória. Não esqueço a agradável surpresa de assistir a uma representação teatral – em pleno Dia Mundial – no restaurado Cine-Teatro Ribeiragrãndense. Era uma dessas jóias que estava a perder o brilho, dando da cidade norte-micaelense (mais um exemplo de desmazelo e falta de auto-estima. Que esse esforço renovador se mantenha. Menos agradável foi chegar à Caldeira Velha cheio de vontade de uma hidromassagem natural e quase apanhar um resfriado. Lembro-me de lá ir, em pleno mês de Natal, e sentir na pele e nas lentes dos óculos o contraste do ambiente local com o restante. Mas isso

Agradecia a publicação do seguinte artigo:

Se fizermos uma breve revisão das intervenções do Sr. José Vítor neste jornal, perceberemos, facilmente, que se trata de um defensor da zona nascente do concelho da Ribeira Grande, ou seja, a zona para além da Ribeirinha até à Lomba de São Pedro. Perceberemos também que parece conhecer muito particularmente a freguesia do Porto Formoso. Utilizo a palavra "parece" propositalmente, visto que, apesar das suas intervenções defenderem essa freguesia, a sua última deitou tudo a perder.

Escreveu esse leitor assim: "Para quando um complexo desportivo no Porto Formoso? Por isso é que a freguesia do Porto Formoso apresenta

são vicissitudes do clima que o bicho homem ainda não consegue controlar. Embora tudo faça para o alterar. Não se perdeu, contudo, a apazibilabilidade do lugar e é mais fácil atingir a represa. (Fui lá em dois momentos diferentes com dois amigos cegos e era complicado transpor o pedregal que se encontrava à barreira.). O Grande Senhor dos Elementos recompensou-me depois com uma visão soberba da Lagoa do Fogo e da encosta sul do Pico da Barrosa. Apesar de algumas crateras na paisagem – os aterros sanitários são um sinal dos tempos – consolei-me a percorrer as canadas da Macela e dos Portões Vermelhos. Mais tarde ainda, numa passeata às Furnas, havia de me deliciar com o chá e o ambiente da antiga Fábrica de Chá de Porto Formoso. Uma nota negativa nas Furnas. É preciso cobrar tanto para entrar no Parque Terra Nostra? Mesmo para quem pretenda usufruir da piscina é um pouco desajustado. Não haveria outra forma de prover à manutenção daquele paraíso? Dispus-me, finalmente, a ir conhecer

um dos mais elevados índices de jovens drogados. 90% dos jovens do Porto Formoso fuma charros e 15% drogas pesadas. Façam alguma coisa..." Pelo que tenho conhecimento nunca foi feito nenhum estudo estatístico dirigido à população jovem do Porto Formoso, muito menos sobre drogas. Contudo, segundo esse pseudo-estudo existe uma correlação muito forte entre o facto de não haver complexo desportivo e o elevado consumo de drogas. Percebo que ele queira dizer que o facto de os jovens não ocuparem os seus tempos livres nem praticarem desporto pode levar ao consumo de droga, mas de certeza que o facto de não existir o tal complexo desportivo não levaria a consumos de 90% de drogas leves e 15% de drogas pesadas, por parte dos jovens. Se assim

Santa Maria. Era um desafio antigo e sempre adiado. A ilha tem os seus encantos mas parece tão abandonada como nos tempos da pirataria. O aeroporto é um sossego, parece que pouco ou nada se aproveitou das infra-estruturas deixadas pelos americanos e franceses. Causa repugnância, a quem gosta de calcorrear caminhos, descobrir sufocado sob a vegetação um empreendimento tão importante como a Estação Laurent. Aquilo poderia muito bem ter sido aproveitado para um centro de lazer, ou de investigação científica. Mas quem sou eu para opinar. Tocou-me a tranquilidade e a doçura da ilha. A construção rural, pintalgando de branco a paisagem, as orlas coloridas das portas e janelas, distinguindo cada freguesia. As telhas de cano e os quintais murados e amanhados, o único museu da ilha e a igreja de Santo Espírito com a sua fachada de sonho. Os biscoitos de orelha e de aguardente, a única (?) oficina de teares manuais e os belos panos de linho. Mas para que é que a gente há-de continuar a fazer isto se quase ninguém

fosse estariam muitas outras freguesias assim, visto também não possuem complexo; se assim fosse para acabar com o problema da droga bastava o Estado construir ginásios, poli-desportivos, etc.

Há qualquer coisa aqui que não faz sentido!

A problemática da droga é algo muito mais abrangente e de difícil resolução do que construir complexos desportivos e muito mais complicado parece ser a matemática. Passo a explicar: onde foi esse leitor buscar esses números? Onde arranjou ele 90% de jovens consumidores de drogas leves? E 15% de drogas duras? É, realmente, muito triste verificar que o Porto Formoso, além de estar metaforicamente parado no tempo, tenha de aguentar com afirmações que

chá vem? Dizia-me, desencorajada, uma artesã. Oxalá fosse um desabafo que eu me encarregarei de transmitir como puder, porque quinhentos e tal anos de esquecimento já chegam. Enchi os olhos com as vistas de São Lourenço, Praia Formosa, Maia, Anjos. Acho até que os socorros de vinha deviam ter uma classificação qualquer, pois parece ser a única forma de evitar que certas obras da Humanidade em harmonia com a Natureza se percam irremediavelmente, deixando vingar a ideia de que o progresso só se consegue com sacrifício da vida natural. São Miguel que me desculpe, mas a primeira ilha pisada pelos homens de D. Henrique ficou-me no guto. E ainda me faltaria referir a simpatia das gentes, o empenho do prior da Vila do Porto na reparação da sua Matriz, o gosto pela leitura que transmite a senhora bibliotecária. E já basta de prosa.

Filipe Rato

inventam números assustadores sobre o consumo de droga, sem se realizar qualquer estudo junto da população. Imagine-se agora o pai ou a mãe de um jovem porto formosense que lê isso? E os pais de um filho que quer ir acampar à Praia dos Moinhos? Provavelmente, dir-lhe-á: "não vais à Praia dos Moinhos porque tem 90% de jovens drogados!" Além disso, quem lá for ou quem lá pertença fica com essa etiqueta!

Sejam verdadeiros, a droga está em todo o lado e o Porto Formoso não é excepção. Não vale é a pena inventar números ridículos sobre uma juventude que se sente isolada, sem oportunidades numa freguesia e num concelho onde existem, isso sim, 90% de mentalidades retrógradas.

Cumprimentos, Bruno Raposo

Querida deixar um recado ao Director do Jornal, há uns dias atrás dei a minha opinião sobre o "Estrela Oriental" e qual é o meu espanto quando hoje ao ler o Guest Book já não vi o meu comentário. A opinião das pessoas não devia ser respeitada? ou vocês só põem on-line o que vos interessa. É só para dizer que continuo com a mesma opinião, o Jornal é muito tendencioso para o lado Rosa. Nesta edição temos a foto da ribeira da Ribeirinha e da costa com o lixo, a Câmara Municipal não tem culpa da ignorância dos munícipes, aquela zona é limpa muitas vezes, mas 2 ou 3 dias depois já tá lá lixo outra vez. Enquanto as pessoas não tiverem uma cultura ecológica não chegaremos a lado nenhum. Gosto de ler o jornal, mas acho que devia servir para unir os Ribeiragrãndenses contra a discriminação levada a cabo pelo Governo Regional e não criar divisão interna. Um por todos e todos por um.

José Faria

A Região só há pouco descobriu o desastre social que é quase metade da freguesia de Rabo de Peixe, com quase 8 mil habitantes, apesar do mal vir muito de trás, mas ainda mais não fez do que muita conversa e pouco acção. A sede do Concelho a que pertence esta desditosa freguesia, a Cidade da Ribeira Grande, foi elevada a Cidade sem lhe dar meios para tal, sendo assim a pior Cidade da Região e do País. Neste caso tomando-a num vergonhoso caso de discriminação. Para resolver esta catástrofe de Cidade, a Região olha para o lado, o Estado assobia. Mas a Região tem por obrigação resolver um e outro caso. Também somos Região. Não é verdade?

M. Ribeiro C.

No triângulo Faial, São Jorge, Pico, onde se concentram c. de trinta mil açorianos, encurtou-se o tempo de deslocação entre aquelas ilhas graças à utilização de barcos mais rápidos e à construção de dois aeródromos e de um aeroporto. Em São Miguel, onde se concentram quatro vezes mais açorianos, o que equivale a mais de metade do total regional, só há pouco se iniciou a construção de estradas decentes. E, dada a crise da república, talvez esta necessidade seja mais uma vez adiada para as calendas gregas. Oxalá que não.

Fernando A.

Fiquei contentíssimo por a Cidade de Ribeira Grande ter aderido ao dia das Cidades sem carro. Não me esqueço que 'A Estrela Oriental', havia feito esse apelo em Editorial. Louvo a lucidez dos autarcas que se empenharam na sua concretização. Deu gosto ver a rua Direita devolvida aos peões, cheia de animação. O José Afonso com os seus dois Char-a-banc, a Elisa com o seu magnífico grupo de animadores de rua, o Grupo Folclórico da linda freguesia do Porto Formoso. As pessoas, velhos e novos, estavam radiantes, viam-se miúdos de patins, inúmeras bicicletas e, milagre, conversava-se no meio da rua. Muito obrigado à nossa autarquia. Como neste jornal se tem escrito: 'Assim se faz, todos nós, a Cidade.' E tudo isso num radioso dia de sol. A polícia portou-se muito bem. Obrigado ao Comissário Gil, que está de novo conosco, graças a Deus.

R. Rocha

Bem fizeram os operadores turísticos terceirenses e ilhas do triângulo e Rui Melo, Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca do Campo, ao furarem a imbecil política tripolar turística que o Governo Regional lhes pretendia impingir. Os primeiros criaram uma associação de promoção turística, o segundo, o Aquaparque e outras infra-estruturas. De que estarão os ribeiragrãndenses à espera para fazerem o mesmo?

José António B.

Esquecer é o pior que nos pode acontecer. Pediram-nos compreensão e solidariedade para ajudar a desenvolver as partes menos desenvolvidas da Região. Reticentes ou não, a Região assim fez e ficámos a aguardar. Depois em 1980, foi-nos de novo perdida compreensão e solidariedade para com o sismo de 1980. Ficámos de novo a aguardar a vez. E de novo, com novo sismo e com novas cheias. O mesmo. Já há quem diga que só uma pequena cheia ou um pequeno sismo fará com que a Região olhe para a Cidade de Ribeira Grande como Cidade. Não gostaria que chegasse tão longe.

E. Silva

Desde Julho que não sai nenhuma edição do jornal online *A Estrela Oriental*! Será que o tempo parou para os lados da Ribeira Grande? Sabemos muito bem que as coisas por aqueles lados andam a passo de caracol, mas enfim.....

Albert Einstein

#### Ficha Técnica:

**Estrela Oriental** | Jornal Mensal | Propriedade: Cooperativa Mãe d'Água, C.R.L. | Paginação: Francisco Veloso | Tratamento de Texto: Marília Dias, Carlos Arruda

Director: Oliveira Moura

Director-adjunto: Melo Teodoro

Colaboradores: Alexandre Gaudêncio, António Valdemar, Carlos Alberto, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Emanuel Martins, Fátima Borges, Fernando Silva, Ferreira Moreno, Gilberto Bernardo, Hermano Aguiar, João Teixeira, João Miguel Fernandes Jorge, Juvenálio Rego, Luís Noronha, Manuel Bernardo, Mariano Alves, Onésimo de Almeida, Otilia Botelho, Pe. António Rocha, Pe. Edmundo Pacheco, Pedro Câmara Pereira, Pedro Paulo Silva, Rafaela Cardoso, Rui Ponte, Teófilo de Braga

Colaboradores *Fuseirinho*: Filomena Moura, Gisela Correia, Carina Sousa

Contribuinte N.º 512 060 398

Número de Registo: 123813

Centro Cultural de Ribeira Grande

Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

e-mail: [estrelaoriental@portugalmail.pt](mailto:estrelaoriental@portugalmail.pt)

Tel. 963560639

Depósito Legal N.º:166371/01

Impressão: Coingra

Parque Industrial de R. Grande

Tiragem 1500 exemplares



Porte Pago  
Região Autónoma dos Açores

**a;nd**  
Associação  
Portuguesa de Imprensa

# Sem Rei nem Roque



E é raro nós vermos duas cabeças inclinarem-se para o mesmo lado, cada uma dá a sua sentença conforme a conveniência e o interesse para onde na ocasião está virado.

O Padre António Vieira, célebre escritor e homem notável no seu Sermão aos Peixes, diz encontrar neles qualidades que faltam aos homens.

São eles sal da terra, não os homens, o sal conserva são a carne e o espírito, e o homem deixa-se corromper.

Sendo dotado de razão não usa dela enquanto os peixes não sendo animais racionais parecem usar da razão que têm.

Na Justiça de Deus até um ladrão se salva, enquanto que na justiça dos homens até um Deus foi condenado.

O poeta Manuel Alegre no *Expresso* escreveu recentemente

sob o título "O Reino Cadaveroso" entre outras coisas o seguinte: "Parece que em Portugal não se perdoa a grandeza".

Camões morreu na miséria, Pessoa foi derrotado num concurso literário no SNI por um poeta de quem hoje ninguém se lembra. Alguém sabe quem foi Vasco Reis, alguém leu *Romaria*? Foi ele que ganhou e foi esse livrinho esquecido que o Júri preferiu à *Mensagem*.

«O favor com quem mais se acende o engenho / Não no dá a Pátria, não que está metida / No gosto da cobiça e da rudeza / duma austera, apagada e vil tristeza». A mediocridade impera.

A inveja continua a ser uma praga nacional. A inveja, a intolerância, o autoritarismo.

De facto, como li algures, só a estupidez, a cegueira humana, nos dá a verdadeira noção de

infinito. As coisas boas da vida, como a amizade, o amor, a alegria, são esmagadas pela estupidez, pela mesquinhez, pela mediocridade.

Para estes males que não são só portugueses, mas que têm aumentado muito de proporção no nosso país, não há panaceias políticas, aliás a política profissional só tem o efeito de os agravar ainda mais.

Porque a política se transformou, um pouco por todo o lado, numa carreira e não num serviço à comunidade, numa forma nobre de exercer a cidadania.

As pessoas mudam de atitude quando têm poder.

E quando não o têm não sabem viver, não querem ouvir, já sabem tudo! O Portugal é o país da União Europeia com a maior taxa de iliteracia.

Todavia, basta chegar ao aero-

porto da Portela a Lisboa e entrar num táxi para se perceber como a ignorância é de facto arrogante, atrevida.

Qualquer taxista sabe mais do que o Primeiro - Ministro, sabe mais de futebol do que o seleccionador nacional e acima de tudo não ouve o seu interlocutor. Conta-se que o filósofo Voltaire foi uma vez abordado por um admirador que o procurava há muito e que ele terá perguntado se poderia trocar com ele algumas ideias.

Voltaire terá respondido: "Sim, mas primeiro terás de definir os termos que usas".

Balbúrdia, ganância e pouca graça na vida portuguesa, uma atmosfera moral que destrói, uma pobreza que entristece.

E assim vai este país que parece não ter nascido para se feliz!

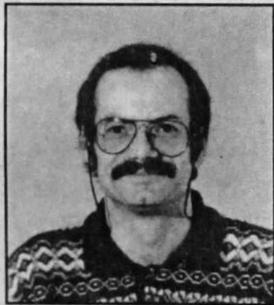
Pedro Paulo Silva

O Rei deste mundo é o dinheiro. Podemos comparar este mundo a uma Monarquia em que o Rei é o dinheiro, a Rainha é a vaidade e lá no fim de tudo, no fim do mundo, muito triste e sozinha vive escondida a verdade!

Quanto à justiça é uma senhora defeituosa, manca que se atrasa muito nos caminhos do mundo, destarte que frequentemente chega tarde e quando já nenhuma falta faz àqueles que dela mais precisam.

## Plantas Usadas na Medicina Popular (18)

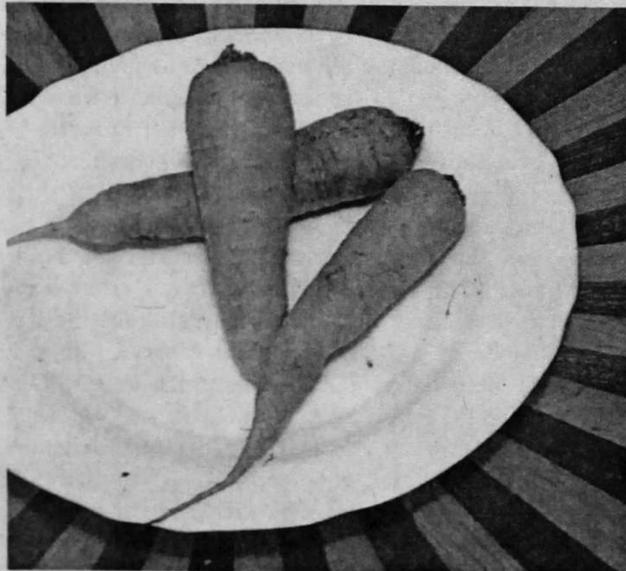
### Cenoura



A cenoura, provavelmente originária da Ásia Central, é cultivada na Europa há cerca de dois mil anos. A cenoura, que ocupa um lugar muito importante nas mais diversas preparações culinárias, possui uma raiz muito nutritiva e rica em vitaminas, pelo que é, também, muito usada na medicina popular.

Família - Apiaceae

Nome científico - *Daucus carota* L.



**Identificação** - Planta muito cultivada entre nós e muito usada na culinária pelo que dispensa qualquer apresentação.

**Utilização** - De acordo com o Dr. Oliveira Feijão, a cenoura é empregada na medicina popular como emoliente, aromática,

diurética e vermífuga. Ainda segundo o Dr. Oliveira Feijão, o infuso das suas sementes é usado como estimulante e favorece o aumento do leite nas mulheres que amamentam.

Num inquérito que efectuámos no final da década de 80 do século passado, a cenoura era usada no fabrico de um xarope para debelar a tosse. Assim, para um dos inquiridos, do Porto Formoso, o procedimento é o seguinte: "descasca-se a cenoura, corta-se às rodela, depois coloca-se num frasco, juntando açúcar, em camadas sucessivas. Deixa-se durante três dias, a partir dos quais bebe-se o sumo".

Teófilo Braga

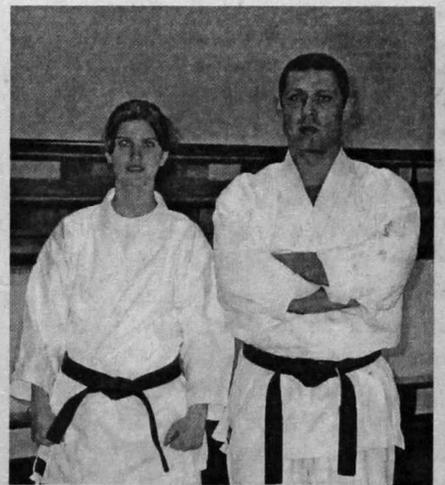
## Karate

**Atletas do Clube Karate da Ribeira Grande, campeã nacional na categoria cadetes femininos, kumite (combates -50Kg) As provas tiveram lugar em Alcabideche**

O Clube de Karate da Ribeira Grande iniciou a sua prática desportiva no ano 2000. O seu local de treino é o Complexo Desportivo da Ribeira Grande. Passados alguns meses, começou gradualmente a participar em torneios de ilha organizados pela AAKDA, Associação Açoriana Karate-do e Disciplinas Associadas, que organiza, por altura das FEstas da Cidade, então o torneio "Cidade Ribeira Grande". Um ano depois, participou nos campeonatos regionais em todos os escalões (Infantis, Cadetes, Júniores e Seniores), tendo na época passada organizado os regionais de Infantis nesta Cidade. Em todos estes escalões, desde os infantis aos seniores, tem obtido resultados muito satisfatórios e conseguido campeonatos regionais. Com estes resultados, tem adquirido o direito de participar nos campeonatos nacionais.

Esta época, que teve início em Setembro, intensificaram-se os treinos e os resultados não podiam ter sido melhores. Os regionais de cadetes e júniores decorreram a 2 de Novembro na Cidade da Horta, ilha do Faial, e a atleta Magda Moreira esteve presente no escalão cadetes femininos, kumite (combates -50, Kg) tendo-se sagrado **campeã regional**.

No dia 17 do mesmo mês de Novembro, decorreram as provas nacionais em Alcabideche e a atleta obteve o título de **campeã nacional**, destacando-se das suas adversárias com notável superioridade. Nada mais gratificante para a atleta, instrutor e colegas que auxiliaram e apoiaram a atleta durante os treinos de preparação, e, obviamente para o clube, região Açores e (penso que também Ribeira Grande). Os treinos continuam para



Magda Moreira e Paulo Telheiro

os europeus. A atleta foi convocada para os treinos de selecção pelo seleccionador nacional. Espera-se que haja condições para que participe nos Europeus que irão decorrer em Fevereiro de 2003 na Polónia. O Clube Karate da Ribeira Grande, é um clube legalmente registado e com sede na Ribeira Seca, Cidade de Ribeira Grande. Como responsável pelo clube, lamento publicamente o facto do Exmo Sr Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande, que tendo conhecimento pessoal e oficial desde o início da criação do clube, até hoje não nos deu qualquer apoio financeiro. Temos principalmente atletas dos escalões de formação, fazemos actividades e promoções da modalidade no Concelho. Não nos esqueçamos que a autarquia tem obrigações para com o desporto local, e este clube não é excepção, com ou sem Campeões Nacionais, o que aliás, não devem por cá haver muitos.

Paulo Telheiro

Aos Novos IX

## A Educação

# Portugal Cristão II



A Igreja, foi a instituição que maior apoio nos prestou, no campo jurídico de então, à causa da independência do novo reino que surgia e ao mesmo tempo, solicitou a cooperação dos cristãos europeus para a luta titânica e contínua com os mouros, desalojando-os das terras ao sul do reino de que se tinham apoderado. Portugal cristão, nasceu e beneficiou das cruzadas que tiveram o condão de unir a Europa.

Os cruzados que demandavam a terra santa, passavam amiúde pelo litoral português. A nossa causa era idêntica àquela que os levava para tão longe. Notabilizaram-se na tomada de Lisboa. Uns 13000 – anglo normandos, alemães, flamengos – que em Maio de 1147, tinham saído de Inglaterra, em meados de Junho vieram aportar ao Douro. Então D. Afonso Henriques encarregou o bispo do Porto, D. Pedro a concertar com eles a tomada da cidade. O arcebispo de Braga, D. João Peculiar veio juntar-se-lhes e chegaram a Lisboa a 28 de Junho, começando logo o cerco. No juízo criterioso de Oliveira Martins, a tomada de Lisboa lavra a acta do nascimento da nação portuguesa, apadrinhado pelo arrojo dos cruzados estrangeiros, espécie de congresso internacional.

O cerco feito primeiramente por terra, alargou-se pelo rio e tão apertado, que Lisboa capitulou em 25 de Outubro de 1147.

D. Afonso Henriques procurou fixar alguns dos cruzados em terras já portuguesas. Um sacerdote inglês Gilberto, vindo na armada, é feito primeiro bispo de Lisboa, depois de restaurada a diocese. A tomada da cidade, futura capital do império não foi fácil, saldou-se em enorme carnificina e mortandade que levaram os portugueses a erguer em honra dos soldados caídos no campo de batalha, um monumento tão patriótico e cristão, como havemos ainda de tê-los no decorrer da história, a Basílica dos Mártires que ainda está de

pé na gloriosa cidade de Lisboa. Estes mártires são os portugueses e estrangeiros que defenderam a Cruz contra o Islão.

D. Frei Bartolomeu dos Mártires, o santo arcebispo de Braga, há pouco canonizado pela Igreja, tomou o sobrenome dos Mártires, por ter sido baptizado na referida basílica. É ainda com auxílio de estrangeiros, cruzados alemães, ingleses e flamengos, que D. Sancho I conquistou em 1189 a formosa Silves.

Cruzados alemães e húngaros, sob as ordens de D. Afonso II, ajudam a reconquista de Alcácer do Sal, que se perdera em 1191.

Aqui o fecho da contribuição dos nossos irmãos cristãos.

D. Afonso Henriques, além da Basílica dos Mártires, levantou três colossais monumentos, fruto da sua devoção e piedade e da crença que sentia arreigada na alma dos portugueses: Santa Cruz de Coimbra onde ficou sepultado; Alcobaça e São Vicente de Fora.

### Defesa comum da Península

Os combates travados entre mouros e cristãos revestiram a maior violência, desde a primeira investida de Pelágio, até à desforra sangrenta e final de Isabel e Fernando em 1492. Os Mouros não se resignavam à perda da Península que marcava um ponto de saída para a Europa. De vez em quando coligavam-se entre si, o que obrigou os cristãos a seguir a mesma táctica. De permeio duas investidas mouriscas a registar: Navas de Tolosa e Salado.

A incursão em Navas de Tolosa, regista-se no tempo de D. Afonso II que compreendeu logo o perigo para os cristãos, ocorria o ano de 1212 e agiu como a prudência lhe sugeria, pois vencida Castela, depois era a vez de Portugal. E era sobretudo a causa da fé, os exércitos davam as mãos e corriam para a luta. A vitória seria dos cristãos.

Memorável ficou na história a batalha do Salado em 1340 que até o nosso épico a ilustrou no seu canto III, descrevendo a entrada da formosíssima Maria – Pelos paternais paços sublimados, pedindo auxílio ao pai, D. Afonso IV, pois numerosas forças muçulmanas, coligadas, ameaçavam o sul de Castela, em tentativa desesperada para reconquistar o

poderio perdido na Península e tinham a vitória tão certa, que com elas tinham vindo muitas famílias para se fiarem nas terras que iriam reconquistar.

Os reis cristãos tudo ponderaram para o embate que iria ser decisivo no Salado, a rolar tranquilo no fundo do vale.

Os cristãos haviam-se confessado e comungado e o arcebispo de Braga lera a bula do Papa Bento XII, concedendo indulgência aos que se batessem pela fé. Uma chama eléctrica de fé e patriotismo apoderara-se das almas.

Perante a investida maciça e persistente dos cristãos, os sarracenos são vencidos, deixando estendidos no campo de batalha, os seus melhores soldados e cavaleiros.

Narra-se que a riqueza dos despojos foi tal, que o ouro e a prata desceram uma sexta do seu valor em Paris, Barcelona e outros mercados. Convidado pelo genro, Afonso XI de Castela, a escolher o que mais lhe aprouvesse o rei de Portugal respondeu que partira do seu reino por serviço de Deus e honra própria e que não pensara voltar rico, mas vitorioso e honrado, como pela graça de Deus, tornava.

Espelho cristianismo do Portugal Cristão.

### Mosteiro de Alcobaça

Nasceu com Portugal, com um voto de euforia das armas e também das almas, com Santarém na mira da conquista. D. Pedro Afonso, irmão de D. Afonso Henriques, figura omissa nos livros de história que nos passaram pelas mãos, surpreendendo na manhã de 13 de Maio de 1147, o seu jovem rei e irmão, de joelhos pedindo a protecção divina para a empresa, humanamente quase insuportável, incutiu-lhe no ânimo suplicar a São Bernardo a sua intercessão junto de Deus para aquela empresa arrojada. São Bernardo domina espiritualmente o seu século, foi o reformador da ordem de cister e depois o primeiro abade de Claraval, tendo grande influência na eleição de Inocêncio III, foi o apóstolo da II cruzada e o seu parecer muito acatado na cúria Romana. Até em vida se lhe atribuíam milagres e nestes, aposta a sugestão ao rei de D. Pedro Afonso.

O rei pondera e aceita, fazendo voto soleníssimo de dar todas as terras que correm da serra dos Alvados, Rio Maior, águas

vertentes ao mar, para nelas se erguer um mosteiro da sua Ordem. O braço férreo dos portugueses venceu a batalha e Santarém volta aos cristãos. Durante séculos, os monges deste convento, pela sua variadíssima actividade, desempenharam valioso papel na organização da nacionalidade.

De anotar, neste II Portugal cristão, o intercâmbio cultural e religioso que galvaniza toda a Europa. A religião une os povos, e transmite-lhes ideias que mais os estreitam e irmamam.

O trabalho dos monges de Alcobaça, não foi apenas cultural, artístico e religioso, foram eles os propulsores infatigáveis do desenvolvimento agrícola que lavraram campos regados pelo sangue das batalhas.

Segundo Ramalho Ortigão, o convento tinha celas para 999 religiosos e dispunha de vastos aposentos para hóspedes, quartos para criados, livraria, gabinetes de estudo, cavalariças, adegas enormes, celeiros, boticas, lojas de barbeiro e numerosas oficinas e impressores, encadernadores, marceneiros, carpinteiros, ferreiros, escultores, barristas etc, etc... Mais do que um monte alentejano, é um arsenal que de tudo dispendo, tudo reparte para o gozo e a defesa da vida. Eram assim os conventos e os frades juntavam à oração a operosidade, não se entregavam à ociosidade.

Um outro aspecto a considerar e levar não só aos novos como também aos velhos, olhando a magestade de Alcobaça e seguindo a obra «D. Sebastião» de Antero de Figueiredo, da Academia das ciências de Lisboa, deparamos nas suas vetustas e venerandas entranhas, com Santa Cruz de Coimbra, Batalha, São Vicente de Fora e Jerónimos.

O livro é sobre D. Sebastião, será assim este rei, o guia da nossa romagem ao panteão de Alcobaça. D. Sebastião, rei cavaleiro irrequieto e místico, não governava o país como seu tio materno, Filipe II à sua secretária, numa centralização dos vários serviços da coroa, percorria o país de lés a lés, queria conhecê-lo bem para a administração da justiça. Mais tarde, um outro jovem rei, D. Pedro V seguir-lhe-á o exemplo.

Não terão sido os pioneiros das presidências abertas? D.

Sebastião, D. Pedro V e Fontes Pereira de Melo, este último na qualidade de Ministro do Reino, saíram, correram para ver e acertar.

D. Sebastião viajava a cavalo, cercado de pessoas da corte, de cavaleiros do seu conselho, oficiais de despacho, seguido de bastante criadagem e de azêmolos com provimentos e aprestos.

O rei monta a gineta em sela mourisca de viagem. O povo das aldeias, deixando suas moradas, transpondo serrados e descendo colinas, acode com fato domingueiro às bocas do caminho para o ver passar e saudar. As gentes das vilas, recebem-no festivamente, são grupos com o bispo à frente, de pluvial, mitra e báculo, o alcaide-mor, o senado municipal, como aconteceu em Alcobaça, termo da nossa referida romagem, onde atraído por seu tio, o cardeal D. Henrique, passou um mês, vivendo a vida dos frades bernardos, seus hospedeiros, com estes rezando as horas canónicas, como já fizera D. Afonso Henriques com os cruzados de coimbra, frequentando-lhes o coro.

E, numa hora de abalo patriótico, vai prestar homenagem a alguns reis seus avós, visitando-lhes túmulos para observar os seus corpos, recordando e evocando os seus feitos. Manda abrir as arcas tumulares de D. Afonso II e D. Afonso III. A tenacidade com que o primeiro lutou contra os reis de Leão e o Papa Inocêncio IV, preferindo morrer interdito a transigir com as pretensões de seus inimigos, as quais, no seu entender, seriam despretegiadoras do poder real e nocivas ao reino.

O corpo de D. Afonso III de enorme estatura, estava conservado, ele que estendera o território português até à conquista do Algarve, último pedaço da praia cristã. O túmulo de D. Urraca, esposa de D. Afonso II, a fundadora dos primeiros conventos franciscanos, conservava inteira a soberana que assim podia administrar a lição dos mortos aos vivos que a soubessem interpretar.

No próximo artigo, continuaremos a romagem do Desejado, à Batalha e a Santa Cruz de Coimbra, colhendo lições de verdadeiro patriotismo, tão necessárias nos tempos que correm.

# Direitos Humanos



A Revolução Liberal Francesa de 1789, de onde surgiu a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão,

marcou uma nova era no Mundo Moderno e consequentemente no Mundo Contemporâneo, nomeadamente é a partir daí que o tema dos direitos humanos vem a ser um debate mundial persistente e contínuo pelos líderes mundiais, pelas organizações internacionais, nacionais e regionais, ou

mesmo pelos indivíduos anónimos.

A função principal dos direitos humanos consiste em proteger um espaço de liberdade individual contra a ingerência do poder do Estado e contra a sua expansão totalitária. No entanto, nem todos os sinais de liberdade e tolerância do Estado face a concepções e interesses individuais podem ser interpretados, sem mais como uma fase evolutiva dos direitos humanos. O princípio do respeito dos direitos humanos universais, de igualdade perante a lei e dos direitos elementares de liberdade, faz parte, da mesma forma que o princípio democrático, dos critérios mundialmente reconhecidos, do poder legítimo do Estado, embora em largas partes do mundo actual, ambos os

princípios sejam reconhecidos apenas por declaração oral, não sendo acatados na prática estatal. Ainda assim, na divulgação internacional de violações dos direitos humanos e na sua desaprovação por parte da opinião pública em todo o mundo, reside, hoje em dia, um factor político que impele a uma efectivação eficaz em Estados mais fortemente dominados pelo regime da opinião pública do que em Estados que conseguem resguardar-se, com maior ou menor êxito, contra a influência da opinião pública mundial.

Stanley Hoffmann, no seu trabalho intitulado "*Duties Beyond Borders: On the Limits and Possibilities of Ethical International Politics*", coloca o problema da complexidade de um debate geral acerca dos direitos humanos, na medida em que é extremamente difícil falar-se numa universalidade de direitos humanos, quando existe entre os Estados, que são aqueles que têm a "obrigação" de zelar pela protecção dos direitos humanos, diferenças substanciais, nomeadamente as diferenças económicas, sociais, culturais, sendo estas realidades absolutamente distintas.

Acrescenta ainda, que o Estado como sujeito de direito internacional, tem de independentemente das suas condições, garantir os direitos mínimos, ou seja, o direito à vida e o direito à saúde. Acredito que a protecção destes direitos mínimos, referidos anteriormente, poderão contribuir para se atingir outros, sendo que este percurso para atingir tais direitos tem que ser crescente e muito bem estruturado. Mas nem todos os Estados promovem a protecção dos direitos humanos, nem

mesmo dos dois direitos mínimos, como por exemplo refere Jack Donnelly no seu trabalho "*Universal Human Rights in Theory and Practice*", o totalitarismo é uma das causas principais para a privação dos direitos humanos, sendo que, regra geral, todos os Estados devem respeitar o direito internacional, mas a interpretação dos "actos estatais", referentes às suas atitudes para com os seus cidadãos, é um tema de extrema complexidade, de onde surgem inúmeros conflitos que, por vezes, são mais de índole político-económico do que uma tentativa de resoluções sociais, mais concretamente a procura de promover aos seus cidadãos os direitos a que lhes pertence, como seres humanos.

Um dos debates para a resolução dos problemas acerca dos direitos humanos é a assistência à segurança, na medida em que promove e assegura a harmonia entre os povos e consequentemente entre os Estados, ou seja, uma sociedade segura tem vários benefícios, tais como conformidade com o regime político da nação, aumento do sentimento nacional, aperfeiçoamento pessoal e profissional de cada indivíduo, inserido em todas as áreas sociais do Estado, nomeadamente na economia.

Assim, acredito que o debate dos direitos humanos fica muito aquém das expectativas, porque em pleno século XXI, quer em Estados do Ocidente, quer Estados do Oriente, encontramos diariamente o abuso, o desrespeito pelo ser humano e por mais diálogos e conversações que se realizem, as mudanças são pouco observáveis e eficazes.

Paulo Teves



# Justiça de Borla



O dia entardecia precocemente numa tarde fria e seca do mês de Fevereiro de 2001. Preparava-me para sair do meu escritório quando vejo uma senhora, que aparentava já estar na meia idade, entrar. O seu sorriso conturbado entristeceu-me. E a sua vida muito mais.

Era uma jovem mãe que tinha sido privada dos seus filhos há sete anos. Devido aos maus tratos abandonou o lar conjugal e, por medo, limitou-se nos últimos anos a viver de fotografias dos seus filhos, que orgulhosamente me exibiu, e que a acompanhavam todos os momentos desde a trágica separação.

Disse-me que não sabia como falavam, o que gostavam e o que sentiam, pois tinham-lhes dito que a 'mãe morrera'.

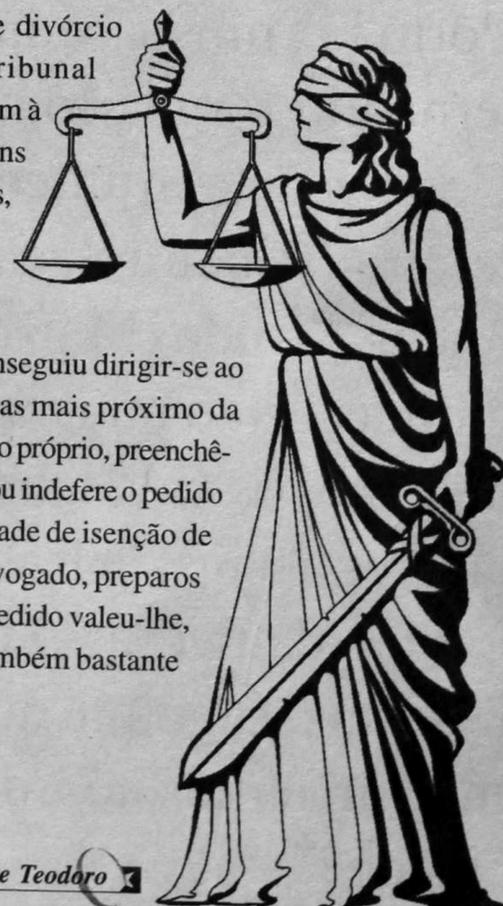
O benefício de apoio judiciário permitiu a esta jovem mãe ganhar estrutura emocional e independência económica para intentar a acção judicial de divórcio e a regulação do poder paternal.

Os dados estavam lançados. O marido compareceu à minha convocatória e mostrou-se disponível para os filhos conhecerem a mãe sem conflitos, queria que a sua trágica história tivesse um desenlace feliz.

Volvidos dois dias, a verdadeira felicidade chegou com o reencontro perturbado, inseguro, da mãe com os filhos. Inspiraram-me alegria e vontade

de serem família. A acção de divórcio acabou por entrar no tribunal competente. Os menores ficaram à guarda do pai, mas todos os fins de semana, e no período de férias, irão juntar-se aos outros irmãos, fruto de uma outra relação da mãe.

A jovem mãe, com 24 anos, conseguiu dirigir-se ao Centro de Prestações Pecuniárias mais próximo da sua residência, solicitar o impresso próprio, preenchê-lo e aguardar decisão que defere ou indefere o pedido de apoio judiciário, na modalidade de isenção de pagamento de honorários ao advogado, preparos e custas. O deferimento do seu pedido valeu-lhe, como disse, 'a minha vida' e também bastante da dela.



Judite Teodoro

## Diálogos

# Fórum: *Ribeira Grande em Debate* **Cidade: que imagem dela temos, que imagem dela queremos?**

O recém relançado jornal *A Estrela Oriental*, que ora encerra a sua publicação, no passado dia 20 de Fevereiro, iniciou, o que esperava tivesse continuidade, o Fórum *Ribeira Grande em Debate*. O seu objectivo visava estimular a participação do cidadão que, embora anónimo, tem um lugar de merecida importância na vida presente e futura da Cidade e do Concelho. Nesse contexto, tal iniciativa seria um exercício de cidadania, isento de pretensões político-partidárias. Neste primeiro encontro, participaram os ribeiragrandenses João Teixeira (Porto Formoso, economista), Fernando Jorge Monteiro (Conceição, Arquitecto), Luís Pereira (Ribeira Seca, bancário), Carlos Arruda (Matriz, funcionário público). Não puderam estar presentes os cidadãos convidados das freguesias de Rabo de Peixe e de Pico da Pedra. O Fórum tentou dissecar a seguinte questão: “que imagem temos nós, de facto, da Cidade?”



Fernando Jorge Monteiro

### Cidade-Vila

Entendida por alguns ainda como uma Vila imersa em certo encantamento, como que à espera de transformação, qual *sapo* que esconde a identidade de um príncipe à espera de um mero beijo, a verdade é que a Ribeira Grande há muito que tem vindo a perder fascínio e ainda não atingiu a maturação de uma Cidade. A questão coloca-se no porquê. Uma das explicações prender-se-á com uma situação incontornável, pelo menos do ponto de vista geográfico, a sua proximidade a Ponta Delgada, a qual exerce sobre a Ribeira Grande uma dupla consequência (maléfica?). Por um lado, condiciona o investimento privado, a construção de infra-estruturas e o enraizamento de serviços públicos, que imprimiriam um maior dinamismo maior à

Cidade e uma maior importância no contexto dos Açores; por outro lado, fá-la sentir-se sem auto-estima, ou seja, relegada para plano inferior, sendo frequentemente apelidada de “Cidade-Vila”. *Impulsivamente*, a Ribeira Grande estipula como grande desígnio rivalizar com a Cidade de Ponta Delgada. É tarefa inútil!

### Falta de estratégia

Desorientada face ao seu rumo, pelo menos numa ainda patente indefinição, em parte relacionada com a ausência de um Plano Director Municipal, é flagrante a falta de estratégia em quase tudo o que se faz na Cidade.

A Ribeira Grande surge como uma Cidade com imensas dificuldades de afirmação no âmbito regional mantendo

# Diálogos

Luis Noronha

ainda um perfil muito rural, desprovida de atractivos, o que não implica uma ausência de capacidades locais para modificar e inverter a situação.

Centrando a atenção nas estruturas de apoio e serviços existentes na urbe central, conclui-se que a Cidade não excedeu em muito e durante muito tempo, o que havia em outras Vilas, nomeadamente repartições do Estado, um Centro de Saúde, escola e algum comércio. Este, em parte, salvo honrosas excepções, é pouco aderente às exigências do presente. A introdução de um Hipermercado é a mais recente novidade. Tal situação mostra dois aspectos interessantes de se perceber. Numa primeira análise, e do ponto de vista do consumidor, o sucesso e a afluência a um espaço comercial que demonstra o preenchimento de uma necessidade imediata de se ter uma área de comércio onde se possa adquirir bens de primeira necessidade e de se poder substituir o ambiente, por vezes, excessivamente doméstico e despido, dos auto intitulados mini-mercados. (A renovação do comércio não é um ponto que possamos descurar. A pouca variedade de produtos, o número reduzido de espaços comerciais onde impere o modernismo e a juventude, e o atendimento, frequentemente, pouco apropriado, desvia os que podem adquirir bens para outros lugares.) Numa segunda observação verifica-se uma ausência de discernimento na conceptualização de um centro de Cidade. Basta ver o exemplo de Ponta Delgada onde esse tipo de estrutura comercial foi empurrada para a zona periférica.

Em relance: uma orientação económica dispersa, pouco contundente e rentável para a Cidade e para o Concelho; uma pouca valorização em termos histórico-patrimoniais torna a Cidade pouco aprazível de se estar, para passear e usufruir; as fracas aspirações socioculturais de muitos cidadãos da Cidade que se traduzem em obstáculos à dinamização e à experimentação; a indiferença votado ao património paisagístico, destacando-se pela negativa, o caso da orla marítima que se converteu, graças ao desleixo, desmazelo, inércia e todos os adjectivos que possam definir os responsáveis e a sua falta de coragem, planeamento e intervenção, numa lixeira digna de um país não de terceiro mas de quinto mundo; a não preservação de zonas únicas no país como a Caldeira Velha onde se colocam caixotes de lixo para ludibriar a população e não se tem a capacidade ou simples lembrança de recolhê-lo; as praias de areia ou não, onde ora desaguam fios de água e onde a sujidade prima contaminando as águas de banho, ora não se criam as estruturas dignificantes de uma praia que não nos obrigue a percorrer alguns quilómetros até outra; são aspectos que, por si próprios, numa outra perspectiva, susceptíveis de se transformarem em potenciais motores de arranque e desenvolvimento urbano.

## Potencialidades da Ribeira Grande

Para além da agro-pecuária, em declínio, a construção civil constitui-se como o grande sector económico da Ribeira

Grande. O caso da indústria merece um reparo pouco favorável se atentarmos ao que supostamente seria o Parque Industrial de São Miguel, que concentraria todas as iniciativas ligadas à actividade (destacamos a produção de material para a construção civil como blocos, pedras de ornamento, entre outras), desbloqueando espaços na Cidade que seriam reconvertidos, por exemplo, em zonas de lazer. Hoje, o Parque Industrial, se tivermos em conta o objectivo para que foi criado, é entendido como algo anedótico, destituído de uma dinâmica interna que lhe permita vingar nas suas verdadeiras funções incapaz de ser concorrencial e apetecível ao investidor. Costuma ser usado na aprendizagem, a título particular, da condução de iniciantes e de observação de animais em pleno repasto, como vacas e cabras.

Para João Teixeira, a educação e o turismo, ou seja, o sector terciário, apresentem-se como fortes alternativas para a economia da Ribeira Grande, neste particular, para a sua Cidade.

Insista-se no caso do ensino como serviço a prestar. Porém, sobre ele algumas dúvidas se colocam. Será que a fundação de um Instituto Politécnico, a saber-se da discussão de tal ensino, presentemente, no nosso país, na Ribeira Grande é aquilo de que ela necessita para instruir os seus cidadãos e os que a ela possam, eventualmente, recorrer? Não serão as necessidades mais prementes, quer a nível da Cidade, do concelho, da ilha e da Região, de se criar uma escola que ministre cursos médios, de âmbito técnico-profissional, de acordo com o estudo, em permanente actualização, das necessidades profissionais do mercado de trabalho, permitindo uma certificação qualitativa das mesmas? Nem todos os membros do Fórum concordaram.

O turismo sempre abordado quando se fala da revitalização da economia e sempre obliterado quando é necessário pragmatizar. O maior areal da ilha fica na Cidade, mais propriamente na Ribeira Seca. Só no ano passado ganhou algum fôlego depois da exploração de que foi vítima durante anos embora fosse e seja muito procurado para a prática de desportos ditos radicais. A Caldeira Velha, local edénico para banhos de locais e turistas. (A Ladeira da Velha, antiga instância termal, absolutamente destruída e esquecida.) Uma costa marítima fabulosa para passeios, pesca, e repouso. As Lombadas, com paisagem característica lembra-nos um ermo fantasma do *far-west* americano. As Caldeiras da Ribeira Grande, instância de veraneio, onde se localizam termas e onde se investiu algum dinheiro no remate de estruturas estão esquecidas. (A lagoa de São Brás dignificada apenas pela existência de uma placa informativa.) Muitos outros trilhos turísticos existentes mas não sinalizados. A ribeira, que atravessa a Cidade, suja. Inexistência de locais de alojamento na Cidade e esta com tantos edifícios em franca decadência que podiam ser convertidos em pousadas ou residenciais.

## Dar qualidade de vida à Cidade

Desprovidos de qualquer presunção

mas com a pretensão de ver a nossa vivência diária na Cidade da Ribeira Grande deveras melhorada propuseram-se algumas ideias. Considera-se que, e uma vez mais, João Teixeira, a grande questão coloca-se ao nível das acessibilidades. Sendo estas melhoradas e corrigidas, desviar-se-ia o tráfego do centro da Cidade, permitindo, por exemplo, a requalificação patrimonial, o alargamento de passeios estimulando o comércio e a circulação de consumidores, e, acima de tudo, atrairia a iniciativa privada.

No entanto, esse investimento privado terá de ser bem articulado com um dos grandes trunfos da Ribeira Grande: o seu património cultural-arquitectónico e paisagístico. Aí surge a imperativa necessidade, segundo a opinião do arquitecto Fernando Jorge Monteiro, de se definir e estruturar um Plano Urbanístico que consiga harmonizar uma Cidade em desenvolvimento, travando o crescimento desordenado e desorganizado, salvaguardando a sua componente histórica.

A infância e a juventude são grupos etários que primam pelo esquecimento. Onde estão os espaços verdes dentro da Cidade para que pais e educadores possam levar as crianças a passear, brincar, jogar, praticar desporto? E uma biblioteca onde possa trabalhar, sossegadamente, e onde os livros possam estar devidamente expostos?

O turismo passaria por apostar naquilo

que *a priori* já possuímos e oferecer aquilo que os outros não têm. O património paisagístico e histórico já referido necessita de uma requalificação que perpassa por todos os sectores da limpeza à preservação ambiental e arquitectónica, a acções de sensibilização aos munícipes, à definição e construção de estruturas de apoio delineadas por especialistas a fim de prevenir aberrações e agitar a vida na Cidade. Ao invés de apostar só em hotéis por que não oferecer uma outra diversidade: pousadas e turismo rural? Se temos praias que possam viabilizar desportos radicais, por que não dinamizar festivais, competições?

Se a nossa Cidade tem mão-de-obra por que não instruí-la e aproveitá-la para superar as lacunas que diagnosticámos? Instruir pessoas na área do turismo e preservação ambiental, requalificação social, dinamização cultural, restauração, construção civil?

A questão pertinente que agora se coloca é a de saber se estamos dotados, enquanto cidadãos, de mecanismos de intervenção e de exigência que permita impulsionar a Cidade.

Uma resposta já podemos adiantar: o jornal *A Estrela Oriental*, a ter continuado, ajudaria a promover o debate de ideias.

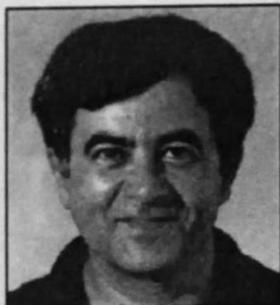
Relatora do Fórum

Fátima Ferreira



João Teixeira

# Água mole em pedra dura... Inoronhabotelho@hotmail.com



O percurso ao longo da ribeira desde a Mãe d'Água até à foz, ou no sentido inverso, poderá ser

daqui a alguns anos um dos emblemas desta cidade.

Abordámos a falta de ordenamento da ribeira junto à foz que contrasta com o arranjo da chamada em tempos "Cova do Milho" e depois "Paraíso Infantil".

Entre um e outro ficou o nome de Parque Infantil (que desapareceu) e o estrangeirado "Paradise", mas este destinado a gente crescida.

O principal constrangimento deste espaço para uma utilização mais frequente e circulação de pessoas é a falta de ligação deste aos espaços adjacentes.

Como se observa numa fotografia antiga, havia uma rua entre o Largo 5 de Outubro (em frente ao Teatro) e a Cova do Milho.



É pena que a rampa construída entre o parque e o Centro Cultural só dê ligação ao piso inferior deste. Perdeu-se a oportunidade de ligar a frente do Teatro directamente ao Parque, possibilitando a travessia do Parque ao Largo 5 de Outubro e deste à Rua do Barracão Velho.

Na Margem esquerda criou-se um mirante sobre a ribeira, (uma excelente solução, porque eliminou uma situação de latente perigo) que resultou num arranjo bem integrado e bem enquadrado.



Esta solução podia ter continuidade, permitindo a travessia para montante da ponte, através de uma passagem com a mesma qualidade de equipamentos.

Porque se situa no centro da cidade, somos **contra soluções rústicas ou toscas**, que alguns apelidam de "regionais", mas se assemelham mais a imitações de lugares turísticos

situados nos trópicos...

Essa passagem evitaria a volta que é preciso dar desse mirante até à frente do edifício sede da Câmara Municipal para se poder passar para o outro lado da Ponte.

A montante desta ponte, que foi alargada nos meados do século XX, a ribeira perde novamente a relevância. Há sítios por onde se pode espreitar para ela, mas até uma pequena escada de pedra, na Rua da Ribeira, em frente ao antigo cinema, perdeu alguns degraus, provavelmente como desafio à prática de desporto radical.



No entanto, em ambas as margens era possível um passeio suficientemente largo, sempre com a utilização de materiais de qualidade e que atenuasse o efeito do agressivo paredão de betão da margem direita.

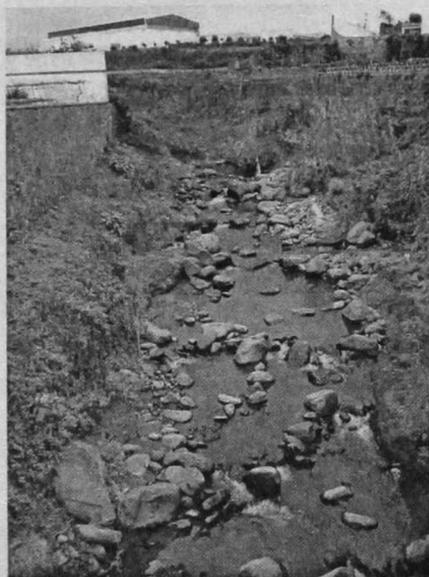


As margens são lindíssimas, há espaços que mantêm construções antigas que merecem ser preservadas, nomeadamente os moinhos de água. Ao longo do percurso, outras decisões arrojadas podiam ser tomadas, como a que levou a instalar o conjunto do posto de turismo, galeria de arte e mirante, enquadrado em espaço ajardinado, criando outros equipamentos de lazer.

Seria necessário retirar pedras roladas, que fazem subir o nível do leito da ribeira, regularizando-o e evitando a deposição de outros materiais trazidos pela corrente, muitas vezes torrencial.



Desde a Ponte Nova até à Ponte de Trás-Os-Mosteiros, o caminho seria facilmente construído, dando acesso a duas escolas e ao parque desportivo, onde continua a faltar uma piscina que serviria ambas as escolas e a população que tem de se deslocar a Ponta Delgada para fazer a sua manutenção ou a sua prática desportiva.



A frágil Ponte de Trás-Os-Mosteiros tem terrenos à sua volta onde o **PARQUE DA CIDADE** teria espaço para se alargar.

Todo o curso da ribeira é zona de reserva. Justifica-se que haja inflexível respeito por esta resolução, não apenas por razões paisagísticas, ou de defesa do curso da ribeira ou por ficar num leito de cheia. Uma razão decisiva é a do curso da ribeira corresponder a uma falha sísmica importante e seria irresponsável permitir a construção de moradias ou equipamentos colectivos nas suas margens.



A segurança deve ser prioridade a respeitar, mas entendemos que o **PARQUE DA CIDADE** pode ser uma unidade que se estenda ao longo da ribeira, com lugares com uma maior dimensão, ligadas com um passeio sempre nas suas margens.

Os lugares de maior dimensão seriam o actual "parque infantil", a jusante da ponte de Trás-Os-Mosteiros e a Zona da Mãe d'Água



Da ponte de Trás-Os-Mosteiros até à Mãe d'Água são uns escassos 300 metros. Aqui a ribeira alarga bastante o seu leito, que deveria ser limpo dos depósitos de pedras roladas, sedimentos e entulhos. Seria possível recuperar o dique que aí já existe, fazendo um pequeno lago, florestando as suas margens, equipando-as com esplanadas, um parque infantil, campos de jogos, espaços cobertos, recuperando os edifícios que se encontram em ruínas, colocando depois na mão dos paisagistas e dos arquitectos a concepção de um espaço, a terceira parte do parque, porventura a maior.

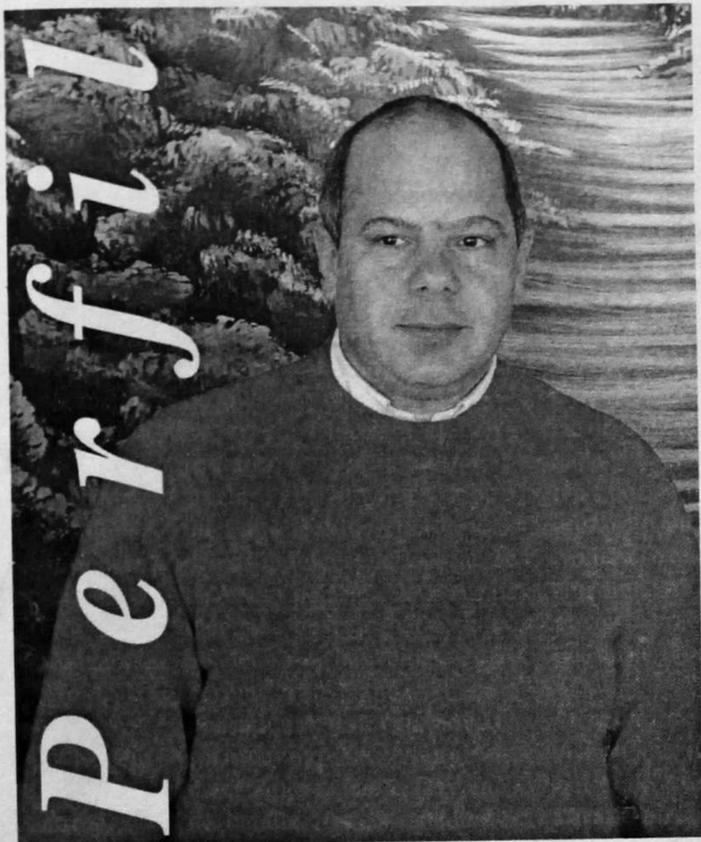


A Ribeira Grande precisa de valorizar o que tem de mais precioso. Sem loucuras, com equipamentos que não necessitam de grandes investimentos.

*Ao longo de todos os números que foram saindo, a partir do 2º desta série do jornal, mesmo em situação de adversidade familiar, foi feito um esforço para despertar o interesse dos leitores pela sua cidade, pelo seu Concelho, sem propósitos sectários. Oxalá haja mais oportunidades para transmitir as reflexões que forem surgindo e que outros também o façam, porque as ideias correm como a água – batem até que furam o imobilismo.*

**Nelson Correia**

# Dinâmico empresário e cidadão empenhado



Nelson de Jesus Tavares Correia, filho mais velho do fundador da firma Jacinto Ferreira Correia & Filhos Lda, e um dos seus sócios, nasceu na freguesia do Apóstolo São Pedro há quarenta e três anos no dia 22 de Abril. Foi aluno de D. Manuela Almeida Lima nos três primeiros anos da Escola Primária sita à rua da Saúde, completando o Ensino Básico na Escola de Madre Teresa da Anunciada, na rua Eng.º Arantes de Oliveira. Como colegial interno fez o Ensino Preparatório no Seminário Colégio do Senhor Santo Cristo dos Milagres e daí transitou para a Escola Secundária Domingos Rebelo onde fez o Curso Complementar de Administração e Comércio. Leccionou, a pedido do Padre António Rocha, no Externato Ribeiragrãndense, durante um ano lectivo, Contabilidade e Economia ao curso nocturno e Matemática ao curso diurno. Durante três anos foi funcionário dos Serviços Regionais de Estatística e durante onze anos do Banco Comercial dos Açores, ainda Banco Micaelense.

Em Agosto de 1993, por insistência paterna, trocou a banca pela firma. Nelson faz parte da actual direcção da Câmara do Comercio e Indústria de Ponta Delgada. Durante doze anos, foi Tesoureiro da Junta de Freguesia presidida pelo saudoso Manuel Aguiar. É pelo segundo mandato consecutivo vogal eleito pelo PSD à Assembleia Municipal. É membro da Comissão Política Concelhia há já vários anos do mesmo partido. Foi membro fundador da JSD da Ribeira Grande.

Além de participar regularmente na vida económica e política da sua terra, tem dedicado o seu tempo livre à cultura, ao desporto e à acção sócio-caritativa. Foi Presidente e Vice-Presidente do Atlético Desportivo de São Pedro, foi co-fundador, mais o Professor Juvenálio Rego, Eduardo Amaral, Fernando Cordeiro e outros, do Grupo Juventude de Animação Cénica (JAC), assim como do primeiro grupo folclórico infantil da Ilha de São Miguel. Membro fundador, do Centro Paroquial de São Pedro da Ribeira Seca. Após o Senhor Padre António ter-se reformado do múnus sacerdotal na paróquia do Apóstolo São Pedro, ele, o Padre Norberto Pacheco e os demais membros de comissão nomeada para o efeito, lograram levar a cabo com êxito a construção do Centro Paroquial, obra que montou a cerca de 100.000 contos, incluindo equipamento.

## Como surgiu a firma?

NC: A empresa foi constituída em 1981 com um capital social de 200.000\$00, sendo actualmente de 100.000.000\$00. O capital social é composto por cinco quotas iguais, sendo o sócio gerente meu pai. Tudo, porém, havia começado em 1950 com uma mercearia e taberna fundadas por Jacinto Correia Papagaio, meu avô. Para além da mercearia e da taberna, meu pai, que tirara um curso de rádio-técnico na *National School* da Califórnia por correspondência, dedica-se às instalações eléctricas, comercializa aparelhos de rádio, inscreve-se na *Contrastaria Nacional* e vende ouro e relógios. Em 1989 passa a dedicar-se ao comércio de ferragens. Em 2000 a empresa comemorou as bodas de ouro, tendo realizado ao longo do ano sorteios mensais de 40 000\$00 em compras e de um automóvel no final do ano. Além destas, e em nome pessoal e da esposa, sou sócio-gerente da *Ourivesaria Ouro Rosa*, na vizinha freguesia da Conceição.

## Quem constitui a firma?

NC: São cinco os sócios da firma Jacinto Ferreira Correia & Filhos Lda.: Jacinto Ferreira Correia, meu pai e sócio fundador, Maria Odete Tavares da Silva, minha mãe, meus irmãos Pedro Jorge Tavares Correia, e Elizabete Maria Tavares Correia e eu. Aqui quero realçar a virtude dos nossos

pais, em terem confiado a firma nas mãos dos filhos. Creio que não estarão arrependidos, pois tudo fazemos para o merecermos a sua confiança. Por isso ficaremos eternamente gratos.

## Espaços da Firma?

NC: A sede social é na Ribeira Seca, uma das cinco da Cidade de Ribeira Grande, no chamado canto do Lima. Aí temos o *Supermercado* e o *Café Papagaio*, a *Electroferragem Correia* (materiais de construção e eléctricos) o *Stand Correia* (mobiliário, electrodomésticos e artes decorativas) e a *Loja do Bêbé* (inaugurada em Junho de 2000). Tudo isso ocupando um espaço de cerca de 1.200 m<sup>2</sup>. Desde Agosto de 2002, a empresa instalou-se na freguesia das Capelas, com a abertura de um espaço de 400m<sup>2</sup>, destinado à comercialização de mobiliário, electrodomésticos e artigos de decoração. Dentro em breve, a empresa conta concretizar diversos projectos, incluindo o da ampliação da actual sede social da firma.

## Perspectivas de futuro para a vossa firma?

NC: Tendo separado da firma o negócio da construção, em nome de meu pai, temos vindo a dedicar alguma atenção a este ramo. No entanto, todo o apoio, em termos de *know-how*, negociações com fornecedores, empreiteiros, é dado pela firma.



Aspecto do Stand Correia da Ribeira Seca

É um empreendimento que envolve doze casas sitas à rua do Balcão. Apesar de certa retracção económica, estão [01.11.2002] todas vendidas. Há meses atrás, *não havia negócio*, houve como que um compasso de espera, fruto do anúncio da intenção do Governo Central de acabar com o crédito bonificado. Há cerca de um mês atrás, assistiu-se como que a um novo fôlego para compra de habitação. Em sete meses, em tempo *record*, a firma construiu o edifício das

Capelas. Aí, no rés-do-chão, temos a Loja e no primeiro andar, dois apartamentos. Já tínhamos negócios importantes naquela zona, por isso avançámos com aquele empreendimento. Neste momento existem outros projectos em carteira, na área da imobiliária e do comércio, porém, pouco mais adiantarei sobre os mesmos a não ser que se encontram na *'normal'* fase de pedido de licenciamento. O projecto, quanto a nós, dignificará além da nossa Cidade toda a ilha de São Miguel.



## Que opinião sobre as entradas e saídas da Cidade?

As entradas, tanto Poente como Nascente, da Cidade da Ribeira Grande deveriam ser obviamente mais condignas. Neste aspecto, a nossa Cidade merecia uma mais cuidada atenção. Creio até, que, além da Câmara, que não pode fazer tudo, o Governo Regional, através do IROA, deveria abrir mãos de alguns terrenos que, infelizmente, ainda caem dentro do âmbito da *reserva agrícola*. À entrada da Cidade, poderiam, entre outras coisas, ser construídas vivendas de luxo e ser melhorado a área envolvente.

## Obras chave na Cidade, além das entradas: Via Litoral, variante, vias ribeirinhas, etc.?

NC: Obras imprescindíveis. Infelizmente, não irei assistir à concretização de todas estas obras. Tenho imensa pena. Talvez as apanhe já na ponta final da vida, quando as forças e a vontade não forem as mesmas de agora. Tenho a certeza de que tais obras marcarão o futuro da nossa Cidade. Porém, já se fala nisso há mais de vinte anos. O nosso infeliz destino tem sido 'andar quase a passo de caracol', pois os entraves têm sido enormes. A Cidade esteve, até há pouco na mão de muito poucos, além de o poder político, tanto Autárquico como Regional, ter andado desconstruído. Enquanto fui autarca senti muitas vezes esta situação. Sou essencialmente um comerciante, não um político, ainda assim custa-me dizer isso: já no tempo dos governos do Dr. Mota Amaral, se calhar pelo facto de os votos estarem assegurados, não houve necessidade de *derramar* mais dinheiro pela Ribeira Grande. Precisava-se, para ganhar votos, de 'tapar buracos em outros sítios.' A Ribeira Grande foi, e



Aspecto da loja de Capelas

Presidente da Câmara devia ter tomado uma posição de força: Não houve quatro faixas, não há mais nada para aquela via.

Parte decisiva no nosso desenvolvimento passará, sem dúvida, pela construção da Via Litoral. Por isso, há que avançar já. Dizem-me que isto vai acontecer dentro em breve (anunciada pela autarquia na semana que findou a 13 de Dezembro). Não podemos, contudo, paralisar a obra com pormenores de 'lana caprina'. Infelizmente, fomos ainda secundarizados, sem que ninguém da Região desse a cara, face ao

Funchal com o programa *Polis*. Neste momento decorre uma candidatura ao programa PITER. Estou convencido de que, indo para a frente a Via Litoral, todo o desenvolvimento da Cidade passará por ali. Desafogaria a Cidade, pois ela está estrangulada, quer em termos de trânsito, quer em passeios pedonais. O jardim da Matriz já não é tão atractivo como dan-

tes. Assim, para a Via Litoral deslocar-se-iam uma série importantíssima de valências urbanas. Há que criar novos centros à Cidade, como ocorre em todas elas. As Cidades voltadas para o mar têm componentes próprias, atractivos diferentes das que se situam no interior. Algo prometido ainda no tempo dos Governos do PSD e continuado nos Governos do PS, ou seja a transferência para a Ribeira Grande de serviços Regionais, seria como 'pão para a boca' do desenvolvimento da Cidade, do Concelho e de toda a Costa Norte. Infelizmente, ainda não foi concretizado. Nem, pelos vistos, acontecerá. Antes pelo contrário, como temos visto.

**Tornar a a terra atraente para os que cá moram e para os que nos visitam? Nesta perspectiva falámos já das entradas da Cidade, da Variante e da Via Litoral e referiu-se o Jardim. E o Parque da Cidade?**

NC: Exactamente. É vital a construção de

habitação de qualidade para fixar naturais e atrair não-naturais, do mesmo modo que é vital a construção de mais e melhores espaços verdes. Mas parte disso, competirá à iniciativa pública, tanto Regional como Autárquica.

**É vantajoso, neste momento, investir na Ribeira Grande? Por que razão, por exemplo, não surgiram publicamente projectos na área do Turismo? Em todos os ciclos económicos anteriores a Ribeira Grande esteve à cabeça ou no grosso do pelotão, neste está na cauda.**

NC: Tal é preocupante. Não vou referir o caso da nossa empresa, mais vocacionada para a construção de moradias, mas referirei aquilo que oiço de outros investidores. Para que surjam hotéis aqui, diz-se, apesar de eu não estar totalmente de acordo, pois tal não sucedeu em Ponta Delgada, seria necessário criar outras estruturas: restaurantes de qualidade, agências com circuitos locais, etc.. Tais coisas viriam com a necessidade. Os investidores vivem também demasiado na expectativa do que possa vir a suceder em Ponta Delgada. Julgo que a autarquia tem demonstrado intenção de dar alguns passos neste sentido. Mas, de facto, por parte da iniciativa pública, vêm mais promessas do que concretizações. Temos assistido a um enorme 'boom' em Ponta Delgada, fez-se um hotel na Povoação, ainda não sabemos a sua taxa de ocupação ao longo do ano, o mesmo se poderá dizer de Vila Franca do Campo. Ponta Delgada, neste momento, é capaz de ter os hotéis certos para a altura do Verão e excesso de oferta para o Inverno. Com a falta de verbas, o Governo Regional corta o *Centro de Congressos* que poderia atrair mais ocupantes, pois, o nosso turismo está muito dependente do clima pouco propício durante o Inverno. Para encher os hotéis ter-se-á de arranjar, durante o Inverno, ou o golfe, ou a organização de congressos. A Ribeira Grande deveria ter aproveitado, no caso do Teatro, ou mesmo antes de o Governo Regional ter decidido fazê-lo em Ponta Delgada. Mas agora é tarde, essas coisas não podem estar à mercê de hesitações. Mesmo assim já se justificaria um Hotel aqui. Mas depende de vários factores. Por exemplo de apoios governamentais.

Se o Governo se compromete com determinados investimentos e, depois de criar legítimas expectativas, recua, como parece que já sucedeu. Para sermos realistas, investir num Hotel na Ribeira Grande, sem os apoios adequados, os contra são maiores do que os prós. Um turista ao chegar a São Miguel preferirá ficar em unidades de Ponta Delgada, porque aí encontra mais e melhores condições. Para o ano haverá um novo Centro Comercial. Se assim for, o turista que chegue à Ribeira Grande será sempre em último recurso. Comenta-se à boca pequena a construção de um Hotel ligado ao golfe, um projecto para a zona da antiga fábrica José do Canto. É uma louvável iniciativa. Dentro da Ribeira Grande haveria necessidade de criar um outro, partindo do princípio que se iria tirar partido dos circuitos da natureza e culturais daqui e dos arredores. Julgo que tem havido negociações neste sentido. Temos muito que explorar: Caldeiras, Lagoa do Fogo, Casa da Cultura, Chá Gorreana e Porto Formoso, etc.. Um investidor local dever-se-ia associar a outros promotores para que pudesse existir mais atractivos. Por exemplo, atrair o cliente nómada, tipo caixeiro viajante. Muito hotel em Ponta Delgada, durante o Inverno sobrevive à custa deles. Se se conseguisse atrair esta clientela, já que a Via Rápida nos irá ligar mais facilmente ao aeroporto, ficamos no meio da ilha, é bem possível que um hotel seja rentável. Só com a Via Rápida construída, pois a actual via é desencorajante para a hotelaria, para o comércio, para a Indústria, para a habitação, para tudo. Sem uma boa Via Rápida ficamos estrangulados.

**Se falharmos tudo isso, se perdermos mais tempo, será inevitável a nossa decadência. Não há mais tempo a perder.**



Fachada da loja de Capelas

infelizmente, ainda continua a ser penalizada por isso. Quando existiu alinhamento político entre a Região e a Autarquia, foi como se viu, agora que não há, é o que se vê. Sei que é difícil, mas alguém deveria, passe a expressão, 'dar um soco na mesa e acabar essa situação de desfavor uma vez por todas'. Veja-se as quatro faixas! O estado actual da Via Rápida Ribeira Grande - Ponta Delgada, diga-se o que se disser, estrangula toda a circulação. Esta situação só ficará resolvida, se estou bem informado, daqui a dois anos com a ligação do nó da Manguinha ao Morro da Ribeira Grande e com a conclusão da 2.ª Fase da Variante Sul. Tempo, como sabe, em termos de negócio é dinheiro, e assim vamos perdendo margens de competição. É desanimador para quem queira vir à Ribeira Grande. Já não bastava o sacrifício de quem vai todos os dias trabalhar para Ponta Delgada ou vem para a Ribeira Grande. Vejam-se as filas de trânsito. O Sr.

# Nortadas

## Urgências

É inadmissível que um cidadão micalense, não-residente na Cidade de Ponta Delgada, seja residente do Nordeste ou de Vila Franca do Campo, sendo transportado de ambulância para o Hospital de Ponta Delgada, no regresso tenha de pagar do seu bolso. É como mandar um doente dos Açores a Lisboa e pagar-lhe só a ida. É inadmissível não haver em cada Centro de Saúde da Ilha, fora do Terreiro do Paço, unidades de emergência para doenças do foro cardiovascular ou traumático. Tempo é vida. Não tratem o resto da Ilha 'abaixo de cão'!

## É inadmissível, blá, blá, blá!

É inadmissível alguém comprar teléles em lojas Telecel, ou vendedores autorizados da Telecel, ou da TMN, na Cidade de Ribeira Grande e ter, caso avariem, perder horas de serviço para o ir consertar a Ponta Delgada.

É inadmissível alguém ter a sua seguradora estabelecidas na Ribeira Grande e ter de se deslocar a Ponta Delgada para pequenos problema burocráticos.

É inadmissível, quando o prazo do pagamento de telefones expira ter de ir pagá-lo a Ponta Delgada.

É inadmissível a PSP da Cidade de Ribeira Grande não ter um reboque seu e ter uma sede indigna de Cidade, como é indigno termos um Posto de Correio ao nível de aldeia terceiro-mundista, não termos uma Repartição de Finanças informatizada, não termos uma sede da Repartição de Finanças condigna nem um Tribunal condignos. É inadmissível! E por isso não nos devemos calar.

## É desta que vamos ter a Via Litoral?

O *Correio dos Açores* de 5 de Dezembro dá-nos uma migalha de esperança. Oxalá se concretize.

## Decorações de Natal

Parabéns. As deste ano seriam das melhores de sempre se se perdesse o mau hábito de sacrificar a natureza, e o 8 de Dezembro seria bom não fora o tempo inclemente. Diversas ruas, até hoje não contempladas, foram decoradas, a música estava a preceito e a árvore de Natal artificial, como deve ser, ao contrário do Presépio. Parabéns, as intenções também contam.

## Jardim da igreja Matriz

Parabéns à Junta de Freguesia de Ribeira Grande – Matriz.

## Junta de Freguesia de Ribeira Grande – Conceição: Parabéns

Parabéns pela iniciativa de promoção sócio-cultural da freguesia.

## Bebedouro em risco

O traçado da 2.ª Fase da Variante Sul vai demolir um bebedouro antigo situado à entrada da antiga Fábrica de Fiação Micalense. Que destino lhe reservam?

## Dr. Sampaio Rodrigues

Foi justa e oportuna a homenagem que a Junta de Freguesia da sua residência lhe prestou, aguarda-se, agora, o seu reconhecimento

pelo Sr. Presidente da República. Este Senhor usou sempre a mesma 'casaca', antes e depois do 25 de Abril. E os da situação sabiam-no. Por isso foi o nosso primeiro Presidente de Câmara pós-25 de Abril.

## Araucárias à vida!

Duas, coetâneas do início da instalação do Chá José do Canto foram recentemente arrancadas. Havia necessidade?

## Trânsito & Trânsito & Trocas

Transferiu-se para o cruzamento da igreja dos Passos, um dos pontos mais fageis da Cidade, quando deveriam ter feito o contrário, ainda mais tânsito. E se a fachada barroca cair? A partir de 19 de Dezembro a 'emenda foi pior que o soneto'. Nunca mais aprendem?

## Não fossem as fífias

Não fossem as fífias, e desnecessárias, contra o Angrense, Praiense, etc., e o Ideal estaria neste momento destacado em primeiro lugar a caminho da II Divisão B, que lhe pertence por ambição e direito.

## Ainda o Ideal?

Vai-se perpetuar nos novos Estatutos o erro de 2 de Fevereiro de 1931 como data da sua fundação?

## São muitos os que choram?

Este será o último número do *A Estrela Oriental* e será também o maior. Um enterro alegre e de luxo. Outros títulos surgirão. São muitos os que lamentam, mas poucos os que trabalham.

## São muitos mais os que rejubilam!

Irão ver-se livre deste incómodo, mas será sol de pouca dura pois outros projectos surgirão. Mas, enquanto o pau vai e vem, folgam as costas.

## Urbanização do Cabo da Vila

Graças à visão do Tony, esta urbanização irá transformar de alto a baixo a face da Cidade de Ribeira Grande.

## Açores: penta ou tripolares

O Decreto Legislativo Regional que elevou a Vila de Ribeira Grande a Cidade, consagra a bipolaridade na Ilha de São Miguel. Porém, o Estatuto de 1998, ao consagrar a tripolaridade, anula aqueles DEcretos. É um absurdo! Pergunta-se: por que razão os nossos representantes nos Governos Regionais, no actual e nos anteriores, Deputados Regionais, Secretários ou Directores, não defendem, como o se faz em todo o lado menos aqui, o fim deste absurdo?

## João Tavares: um gestor exemplar

Impõe, infelizmente, a cartilha dos defeitos das virtudes e das virtude dos defeitos dos ribeirgrandenses, que seja mais fácil dizer mal do que elogiar. Todavia, há excepções que nos merecem todo o respeito: é o caso de João Tavares, gestor repetidamente premiado pela qualidade que impõe na administração do nosso Hospital, recuso-me a referi-lo como Centro de Saúde, deixo a designação para os donatários residentes nas únicas três Cidades. Pena é que o 3.º Hospital das Ilhas, com mais movimento que o da Horta, seja olhado como um vulgar Posto Médico. Mas não vamos baixar os braços. Aqui também é Açores.

## Óbito

A recusa das quatro faixas, baseou-se em dois argumentos: Os pópós teriam que reduzir pelo menos duas vezes de velocidade, e, caso a ideia fosse avante, ter-se-ia que construir meia dúzia de viadutos encavalitados em residências familiares. Porém, na *recauchetada* via actual, os pópós reduzem de velocidade pelo menos quatro ou cinco vezes, existem viadutos à espera de estradas, veja-se a envolvente a Ponta Delgada e uma data de outros encaixados entre casas, veja-se o nó do Livramento. Dois pesos e duas medidas? Simples e boa administração.

## Parques de estacionamento na Cidade

A Ribeira Grande dispõe de seis parques de estacionamento, porém, os automobilistas teimam em estacionar as suas viaturas na via pública. Haja um pouco mais de civismo e um pouco menos de comodismo. Assim, todos ganhariam.

## Papparazzi Palmeira!

Nos idos de noventa do século XX, uma luzidia comitiva fuseira, quase toda constituída por valorosos leões, caiu em peso no estádio José de Alvalade não para assistir a mais um Derby futebolístico mas para participar num fenomenal concerto dos fenomenais Pink Floyd. De entre eles, destacou-se pela sua acutilante inventividade um, prontamente e a propósito alcunhado de Papparazi, mais precisamente Papparazzi Palmeira. Ao exemplo dos famosos fotógrafos clandestinos, célebres pelas fotografias não-autorizadas de celebridades, o nosso Papparazzi contrabandeando uma máquina fotográfica no interior de um pacote de leite UHT, obteve fantásticas fotografias não-autorizadas do evento. Infelizmente, dada a ferocidade do mundo papparazzi, talvez devido à sua condição de cidadão das periferias rurbanas da ilha do Arcanjo, não conseguiu como merecia a consagração. Se isto lhe servir de consolo, caso o deseje, abrimos-lhe as portas à fama merecida.



Museu do Arcano ou campo de jogos

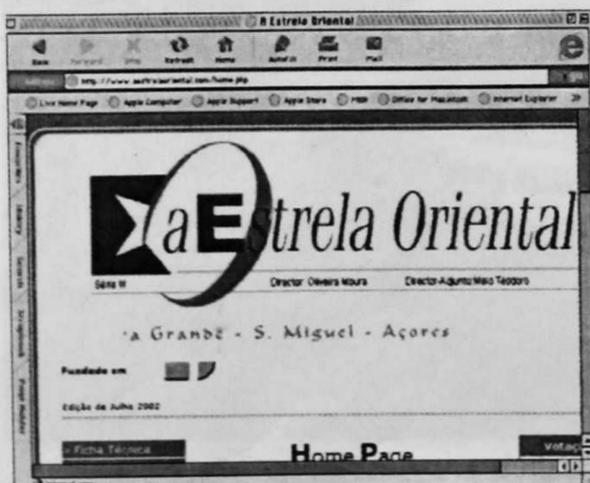


Arqueologia urbana

**meios**  
AIND - Associação Portuguesa de Imprensa

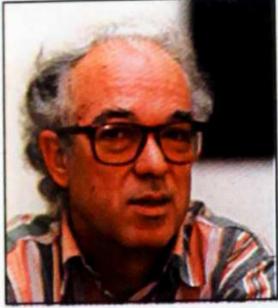
(...) no site do "Estrela Oriental", publicação dos Açores, encontramos um layout "limpo", sendo as cores base o branco e o azul. Em relação aos conteúdos, temos acesso à versão impressa, às edições anteriores desde Agosto de 2001. Os links sugeridos são para páginas pessoais ou de empresas da zona da Ribeira Grande. Em síntese, a página do "Estrela Oriental" está bem estruturada e é de navegação acessível.

in *meios*, Outubro de 2002



## Crónica mal-humorada

### Auto do plágio



No dia em que o Sporting apanhou três do Gil Vicente, não fiquei lá muito bem disposto. Para me vingar, brinquei a propósito de um poema publicado em dois jornais açorianos. Não haveria nada de mal se esse poema não fosse de António Gonçalves Dias, poeta brasileiro do século XIX, mas assinado por alguém vivo... E palavra de honra que nem sequer me dei conta da ironia: o que eu fiz foi uma imitação, embora mal feita, de Gil Vicente, o de outros dramas... Aqui o deixo.

#### Personagens:

Gonçalves Dias; Anjo da Guarda; Diabo.

**Daniel de Sá**

ANJO – Aonde ides tão asinha?  
G. D. – Vou ali e volto já.  
A – Levais cara muito má...  
GD – Mas a culpa não é minha.  
A – De quem é, se a cara é vossa,  
E tanto vai transtornada?  
GD – Meu anjo, não há quem possa,  
Ter cara bem figurada  
Se nos rouba a canalhada  
Uma coisa que é bem nossa  
E que custou a ganhar  
Ou a fazer...  
A – Pois então...  
GD – Eu vou ali ensinar  
Um descarado ladrão  
Que pegou nuns versos meus  
E sem vergonha os fez seus.  
A – Ensinar um ignorante  
É obra bem compensada.  
GD – Mas este, que é um tratante,  
Ensino-o à bofetada.  
A – Tende cuidado, que a ira  
É muito má conselheira.  
DIABO – Vai depressa, vai, atira,  
Com pontaria certa,  
Ao focinho do impostor.  
A – Não façais caso, senhor  
Poeta António Gonçalves.  
E se morreis condenado?  
D – Que importa que não te salves  
Se morreres consolado?  
Dou-te boa companhia,  
Que no inferno não falta.  
Há lá tanta fidalguia,  
Da mais pequena à mais alta.  
Há padres, frades e bispos,  
Cardeais e arcebispos,  
Papas até, podes crer.  
GD – Mas com quantas bofetadas,  
Gostaria de saber,  
Mereço tal companhia?  
D – Se forem muito bem dadas,  
Com ira e raiva mandadas,  
Eu até me atreveria  
A dizer duas ou três.

GD – Podes bem contar comigo,  
Que, para tão ruim rês,  
Eu juro que não consigo  
Parar antes de umas trinta  
Ou de quarenta talvez.  
A – Não deixeis que ele vos minta.  
D – Estou dizendo a verdade.  
A – Não deixeis que ele vos tente.  
GD – Mas não há cristão que aguente  
Uma tão grande maldade.  
D – Dá-lhe, Dias, dá-lhe forte.  
A – Depois, na hora da morte,  
Gostareis de ver sentado,  
Rindo à vossa cabeceira,  
Este maldito enviado  
Do inferno mais medonho?  
GD – Meu anjo, por vez primeira,  
Mais paciência vos peço  
Para o empenho em que ponho  
Minha ira verdadeira.  
Depois, eu juro, confesso  
Este pecado e os mais  
Em que amiúde tropeço,  
Pois sou fraco.  
D – Se não vais  
Ficas tão enxovalhado  
Que dez dias de barreira  
Não te deixarão lavado.  
A – Por Deus eu vos esconjuro  
A ter imensa cautela  
E ser mais ajuizado.  
GD – Eu afirmo aqui e juro,  
Está dito e destinado:  
Aquele patife tem  
A cara tão descarada  
Inteira por tempo pouco.  
D – Bem dito!  
A – E o vosso bem?  
GD – O meu bem é dar-lhe a sova.  
A – Bem vejo como estais louco.  
Ides condenado à cova.  
D – Que este anjo não te iluda.  
GA – Eu vou ser é justiceiro.  
A – Se assim é, dou uma ajuda,  
E sou eu quem dá primeiro.

## As primeiras projecções cinematográficas na Ribeira Grande: 1910

De acordo com pesquisa feita na imprensa local, as primeiras projecções cinematográficas na Ribeira Grande datam de inícios de Janeiro de 1910. Terão sido introduzidas por um inglês de nome Dennis H. Russell, que promoveu uma série de espectáculos cinematográficos no granel de Júlio Peixoto de Oliveira.<sup>1</sup> Estes foram muito concorridos, causando uma óptima impressão de agrado no público.<sup>2</sup>

Neste mesmo ano, também foram projectados alguns espectáculos cinematográficos organizados por Manuel Carreiro e Vicente Pedro Botelho, tendo tido uma enorme adesão por parte do público.<sup>3</sup>

Em 1912, veio de Paris uma máquina cinematográfica, que foi instalada numa sala 'das dependências do edifício da Câmara'.<sup>4</sup> Qual? Talvez o actual espaço da Biblioteca Gulbenkian, outrora Salão dos Bombeiros? Foram apresentadas algumas 'fitas cinematográficas' no Salão dos Bombeiros, sendo estas bastante concorridas.<sup>5</sup>

O Salão "Phantastico" era outro local onde se assistia a sessões cinematográficas, sendo estas proporcionadas por uma empresa cinematográfica da Ribeira Grande, constituída por Ezequiel de Medeiros, Manuel Ignácio Lopes e Calisto de Oliveira Rocha.<sup>6</sup> Neste salão foram exibidas várias fitas, entre elas, *Leis do coração*, *Um dia a bordo de um cruzador*, *Um grito na noite*<sup>7</sup>, *Madame Sans Gene*<sup>8</sup>, e muitas outras.

Contudo, convém salientar que havia algumas críticas aos comentários impróprios por parte de algumas pessoas do público, o que revela falta de instrução deste.<sup>9</sup>

Algumas destas sessões revertiam a favor de famílias mais necessitadas, estando neste caso, uma família que perdeu a sua casa num incêndio,<sup>10</sup> ou o caso da viúva Júlia Raposo, que recebeu a quantia de 41.875 reis.<sup>11</sup>

Depois de um interregno sem haver sessões, devido a uma avaria da máquina, estas recomeçaram em Maio de 1912, depois da máquina cinematográfica ter vindo da Alemanha, no Salão 'Phantastico', patrocinadas pela dita empresa Ribeiragrãndense.<sup>12</sup>



**Manuel Ignácio Lopes**  
25.04.1882 - 07.09.1939  
Director da 1ª empresa  
cinematográfica  
da Ribeira Grande

(Continua no suplemento Conceição, pág. 18)

### Contraste +

o fotógrafo

### Contraste -

o fotógrafo



Cultura da Conceição



Caos na rua Hintze Ribeiro



## Em poucas palavras...

- > *A história do futebol ribeiragrاندense com destaque para o Águia (páginas 2 a 11)*
- > *Tudo sobre o Mercado da Cidade. Sabia que foi aberto ao público há mais de 100 anos? Saiba também quanto custou a obra. (página 13)*
- > *Roteiro ilustrado de monumentos e locais da freguesia da Conceição (páginas 14 e 15)*
- > *Nomes das nossas ruas (página 16)*
- > *Instituições Ribeiragrاندenses: Caixa Económica e Sociedade de Instrução e Recreio (páginas 17 e 18)*
- > *A minha selecção: João Correia, Médio Centro (página 19)*
- > *A lenda da flor do maracujá e o porquê da designação "fruto da paixão" (página 20)*
- > *Memórias da minha terra na forma poética de Fernando Soares Silva (página 20)*



**P a u l o M i r a n d a**

Poema gnóstico inspirado nos antigos mistérios gregos e na teoria bissexual do ser humano, em que a deusa Diana, ou Deméter se revela nua aos iniciados. Diana representa a Consciência mística, enquanto o iniciado é o símbolo do Homem em demanda da Sabedoria transcendente. Diana simboliza ainda a alma do universo e a natureza feminina escondida dentro de cada homem. Da união do iniciado com a sua Diana ( a sua natureza feminina oculta), o homem torna-se andrógino e portanto atinge alquimicamente a perfeição divina e a suprema beatitude.

### **Anasyamene**

Vem sem vestes ó Diana;  
recôndita deusa antiquíssima;  
mulher oculta que é vida em nós,  
liberdade, fogo ritual que purifica.

Vem mãe tenebrosa primordial;  
erguer cósmico dos Mistérios profundos;  
das iniciáticas revelações do Ser,  
da aurora que em nós desponta.

Vem sem vestes ó Diana;  
verdade última das coisas impronunciáveis,  
nudez informe de luz e amor.

Vem sem vestes ó Diana;  
celebrar o alto Mistério em nós,  
a revelação última das coisas.

# Em busca do Águia I: Memória escrita

Dedico estas notas ao meu amigo **Viriato Tavares Moreira**. Para o estudo aprofundado dos clubes ribeiragrandenses de futebol, cuja existência é confirmada por documentação da Associação de Futebol de São Miguel, da Liga Desportiva Micaelense, da Liga Desportiva Ribeira-grandense e da imprensa da época, falta-nos documentação. Necessário seria indagar sobre os fundos dos clubes de Ponta Delgada, Vila Franca do Campo e Lagoa com quem os da Ribeira Grande mantiveram relações desportivas. Neste pequeno trabalho, pretendemos confrontar dados sobre o futebol exumados à imprensa local com os recolhidos no Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel. Cotejámos igualmente aqueles com os veiculados pela tradição oral. Apesar de termos recolhido documentação oral sobre, entre outros, o *União Campestre*, os *Vingativos*, ou ao *Rambóia*, deixaríamos a sua divulgação para outra ocasião. Pretendeu-se, antes de avançar para os aspectos sociológicos do desporto, estruturar a cronologia dos dados actualmente disponíveis sobre o Águia, Estrela, Artista e demais clubes citados.

## Relance: Contexto da ilha

Em 1920, a imprensa de Ponta Delgada anunciava com certa frequência partidas de futebol entre equipas de futebol daquela Cidade e equipas forasteiras: 'Vão degladiar-se *Sport Club Terror* e o *Team Brasileiro* (*Correio dos Açores*, 21 de Novembro de 1920).' Ainda naquele ano, realizavam-se danças no *Club União Micaelense* (*Correio dos Açores*, 8 de Junho de 1920). Na Ribeira Grande, por seu turno, no polivalente salão dos Bombeiros, havia espectáculos de 'animatógrafo' (*Ecos do Norte*, 10 de Julho de 1920). A 13 de Abril de 1921, o *Correio dos Açores*, divulgava o programa da 'Aliança Ribeira-grandense', iniciativa do Cónego Cristiano, destinada a 'tratar de organizar uma força política no concelho, estranha aos partidos e destinada a conquistar todas as regalias e de o fazer gozar todas as vantagens, a que a sua riqueza e importância têm direito.' O *Correio dos Açores*, de 20 de Novembro de 1921, dedicava atenção a um foco 'pneumónico na Ribeira Seca'. O mesmo jornal, mas de 17 de Fevereiro, refere a criação da Fábrica de Fiação que iria ser montada na Ribeirinha. A 23 de Abril, ainda o mesmo jornal, anunciava uma partida entre as primeiras e segundas categorias do *Instituto de Educação Física*. E a 7 de Maio daquele ano, ainda o mesmo jornal, anunciava uma partida de futebol entre o grupo infantil *Esperança* e a segunda categoria do *União Sportiva*. O de 7 de Junho, referia que o recém criado *Sport Club Luzitania*, de Vila Franca do Campo, mudara o nome para *Sport Club Vilafranquense*. O de 22 de Julho, dá conta de que se jogava na via pública, onde se incluía as jogatanas defronte dos próprios Paços do Concelho de Vila Franca do Campo! O de 30, refere jogos nos Mosteiros. O de 4 de Outubro de 1922 fala da estreia do *Santa Clara Foot-ball Club*. O de 14 de Novembro, por seu lado, dá conta de novas equipas de futebol criadas nas freguesias do Concelho de Ponta Delgada, tais como: nos Ginetes, nos Arrifes e na Fajã de Baixo. A 18, sempre no

referido diário, regista-se o nascimento do *S. Pedro Foot-ball Club*, na Calheta. Ou um novo clube, de nome *Automóvel Futebol Club*, fundado por condutores profissionais. (*Correio dos Açores*, 25 de Novembro de 1922). O *Correio dos Açores* de 30 de Dezembro de 1922, diagnostica o estado de saúde do futebol em Ponta Delgada, referindo a certo trecho: '(...) campos de foot-ball conhecemos dois: o do Liceu e o Açores, ambos maltratados e sem nivelção, não correspondendo, de forma alguma às condições necessárias para que os jogos se realizem devidamente. (...) não há uma associação de Foot-Ball, mas apenas grupos dispersos de amadores que, na nossa humilde opinião, praticam pessimamente este género de desporto, por falta de treino, na maioria dos casos, e também por desconhecimento das regras do jogo, por cegueiras da emulação e demasiadas ambições de hegemonia (...)' É neste preciso contexto que surge, na Ribeira Grande, o *Açor Foot ball Club* (*Correio dos Açores*, 26 de Janeiro de 1923). Entretanto, a 14 de Abril de 1923, era lavrada a primeira Acta da Associação de Futebol de São Miguel. Na de 21, enumera-se os clubes fundadores: *Club União Sportiva*, *Instituto de Educação Física*, *Santa Clara Foot-Ball* e *Operário Sport Club*. A Câmara Municipal de Vila Franca do Campo, entretanto, 'retirou, muito acertadamente, a licença que tinha concedido a um club sportivo para partidas de foot-ball no Aterro, passeio que agora no Verão é muito frequentado, além de que o trânsito estava interrompido durante o jogo, o também era prejudicial ao público' (*Correio dos Açores*, 21 de Junho de 1923). Funda-se o *Sports Club Atlético Micaelense*, de Ponta Delgada (*Correio dos Açores*, 4 de Outubro de 1923). Funda-se do mesmo modo o *Futebol Clube União Micaelense*, cujo primeiro Presidente foi Horácio Teves (*Correio dos Açores*, 4 de Agosto de 1923). Em Outubro de 1923, os *Club Atlético Micaelense*, *Operário Sport Club*, *Club União Sportiva* e *Santa Clara Foot Ball Club*,

**DIÁRIO DESPORTIVO**

## Campeonato das Villas e Aldelas

A final deste campeonato efectua-se no próximo domingo, nesta cidade, sendo adversários, o Açoreano, da Vila da Lagoa e o Marítimo, das Capelas.

Decorre no próximo domingo, 24 do corrente, pelas 16.30 horas, no Campo de Jogos desta cidade, a final do Campeonato das Villas e Aldelas, sendo adversários as equipas do Marítimo, das Capelas, e do Açoreano, da Vila da Lagoa, vencedores dos encontros já realizados.

Nesta partida, que será dirigida pelo árbitro sr. Manuel de Aguiar Junior, disputa-se a Taça Manuel Albano, em homenagem ao organizador deste campeonato, sr. Manuel Albano Botelho de Medeiros, cuja taça que no final do encontro será entregue ao vencedor pelo sr. dr. António Augusto Riley da Nogueira, digno Rector do nosso Liceu.

As entradas para esta partida, que o meio desportivo local aguarda com interesse, são ao preço unico de um escudo, sendo grátis a entrada das senhoras.

A banda Lira de S. Roque abrilhanta esta final. As gravatas que inserimos são respectivamente do S. Pedro, da Lagoa, e do Aguiar, da Ribeira Grande, que foram finalistas do campeonato realizado na época de 1921, e do sr. Manuel Albano Botelho de Medeiros, organizador destes torneios.

**MANUEL ALBANO**

*o Palco, da Lagoa, (campo em 1923) e Aguiar, da Ribeira Grande, (2.ª classificada).*

Primeira fotografia conhecida do Águia Sport Club (*Diário dos Açores*, Maio de 1933)

são declarados membros da Associação de Futebol de São Miguel (Acta da AFSM, 17 de Outubro de 1923). O *Correios e Telegrafos Foot Ball Club* surge em 1923 (*Correio dos Açores*, 15 de Novembro de 1923). O *Correio dos Açores*, de 11 de Janeiro de 1924, anunciava ser intenção da Associação de Futebol de São Miguel reformar os seus estatutos. O *Sport dos Açores*, de 15 de Abril, dava para breve a deslocação a Vila Franca do Campo da 2.ª categoria do *Club União Sportiva*. E acrescentava-se: 'Visto ser este o primeiro desafio de foot-

ball que se realiza naquela Vila está despertando grande entusiasmo tanto mais que o *União Sportiva* possui elementos de valor na sua 2.ª categoria do *Club União Sportiva*.' E, para a Lagoa, o mesmo jornal, em Março de 1924, revelava a intenção de aí se 'fundar um Club de foot-ball para o que contam com a adesão dos principais habitantes da mesma.' E mais um clube, que teria o nome de *Sporting Club S. Miguel*. Em Vila Franca, os desportistas locais, entregam petição assinada por setenta vilafranquenses. Pedem um

campo de jogos (*O Sport dos Açores*, 24 de Maio de 1924).

Este mesmo jornal, em Abril de 1925, noticiava que em Vila Franca do Campo, o campo de jogos iria ser uma realidade. O articulista desabafava: 'era verdadeiramente lamentável ver-se os nossos rapazes, aos domingos principalmente, metidos em clubes e em cafés em vez de estarem a gozar o ar puro e saudável dos campos de Sport.' O *União Sportiva*, de Ponta Delgada, sagra-se campeão dos Açores (*Açoriano Oriental*, 10 de Março de 1928).

# Açor Foot-ball Club II

A 29 de Abril de 1923, logo após a fundação da Associação de Futebol de São Miguel, o *Correio dos Açores* dava à estampa o teor de telegrama do correspondente na Ribeira Grande, de 27: 'grande entusiasmo nesta Vila pelo desafio de foot-ball que terá lugar no próximo domingo entre as primeiras categorias do União e do Açor Sport Club [sic].' O Armazém do Povo fez publicitar no *Correio dos Açores*, de 1 de Maio, que vendia as leis do jogo do Futebol, traduzidas do inglês. A 12 de Junho, no mesmo jornal, noticiava-se que o Açor havia empatado a duas bolas com o 5 de Outubro. E comentava-se: 'Não se jogou foot-ball, mas sim o jogo do empurrão e rasteiras. A atitude do team de Ponta Delgada deixou a desejar. É preciso mais prudência e melhor combinação.' E o de 21 de Junho, dava o Açor como vencedor por 4 a zero frente ao Oriental da Fajã de Baixo. Arbitrara o Sr. Fábio Vasconcelos, que, lá se dizia, fora recto. Era a segunda vitória do Açor. Portanto, o Açor, tendo defrontado e perdido com as melhores equipas de Ponta Delgada, as que estavam na Associação, voltara-se, talvez para rodar a equipa, para outras mais acessíveis. Assim, no dia das Cavalhadas, conforme o *Correio dos Açores*, realizar-se-ia um jogo entre esta equipa e o Vitória, de Ponta Delgada.

No dia 15 de Agosto, numa quarta-feira, havia-se realizado, conforme o correspondente do *Diário dos Açores*, de 26 de Agosto de 1923, um jogo de desforra entre o Açor e o Praia, com o resultado favorável ao primeiro de 3 a 1. Deste modo, surge, logo após o Gaspar Frutuoso e o Açor, um novo clube ribeiragrandense: o Praia Sport Club. Por documento enviado à Associação de Futebol de S. Miguel por Luís da Silva Melo, um dos primeiros praticantes da modalidade, depreende-se que seria constituído por atletas oriundos das 'classes baixas locais,' residentes nas vizinhanças da rua do Estrela. Seria a área de recrutamento preferencial do Águia. A área dos alcunhados de 'tarraços'.<sup>1</sup> O comentador escreveu: 'o jogo decorreu com certo interesse, apesar de que já se têm realizado 'matches' com melhor combinação de ambos os grupos. O 'Praia' apresentou-se no campo com falta da sua 'ponta direita', que estava doente, o que danificou bastante o jogo. A arbitragem esteve a cargo do Sr. Fábio Moniz de Vasconcelos que foi recto.' O *Correio dos Açores* do dia 24, regista o resultado de 4 a 1 e refere a partida, não como de

desforra, mas de desempate. E informava: 'Os jogadores, que a princípio se mostraram falhos de combinação, conseguiram bater-se lealmente, sendo marcado contra o Praia 8 corners, 4 penalties e contra o Açor 4 corners e 1 goal. O Açor estava num dos seus dias bons.' O Praia já existia em Agosto de 1923.

Em Setembro daquele ano, aparece nova equipa na Ribeira Grande, o Estrela Foot-ball Club (*Correio dos Açores*, 14 de Setembro de 1923). Naquele mês, de acordo com o *Correio dos Açores*, de 23, noticiava-se novo encontro entre o Oriental, da Fajã de Baixo e o Açor, no qual se verificara, desta vez, um empate. Vale a pena transcrever a crónica do jogo: 'Ao princípio o jogo mostrou-se sem fases que entusiasmassem; somente algumas bolas que o Açor perdeu por falta de remate e talvez devido ao nervosismo do seu central, alguns jogadores do Oriental nunca souberam onde ficavam os seus lugares, pois que se amontoavam, prejudicando por isso muito os seus próprios parceiros. No entanto, sempre conseguiram empatar 1 a 1, havendo a mencionar uma infinidade de bolas fora, dezenas de encontrões (no que são exímios os da Fajã) pouco remate da parte de alguns jogadores de cá, e a grande sorte com que estava o Oriental, que sempre conseguiu meter uma bola por obra e Graça.'

O Açor defronta o Operário, de Ponta Delgada (*Correio dos Açores*, 13 de Outubro de 1923). O de 16 de Outubro, diz: 'no match que teve lugar domingo na Ribeira Grande, entre o Açor Foot-ball Club e a 2.ª categoria do Operário Sport Club ficou este vencido por 2 bolas contra três.'

O *Correio dos Açores*, de 25 de Outubro, refere-se em mais detalhe ao jogo que o Açor havia vencido por 3 a 2: 'Operário Sport Club de Ponta Delgada realizou, no último domingo, uma excursão a esta vila, que decorreu no meio do maior entusiasmo. Pelas 2 horas da tarde, teve lugar um renhido desafio de foot-ball (...) que terminou pela vitória do Açor por três goals a dois. Ambos os teams desenvolveram bom jogo, decorrendo o desafio sem o mais leve incidente desagradável, pois todos os players, foram de uma correcção digna de maiores elogios, e que com muito prazer registamos. A arbitragem, que esteve a cargo do distinto back Audifaco foi enérgica e imparcial, podemos mesmo dizer sem receio de desmentido que nunca na Ribeira Grande se arbitrou tão bem uma partida de foot ball.

O Operário veio acompanhado pela sua direcção, de que é mui digno presidente o hábil guardalivros da Companhia de Seguros Açoriana o Sr. Trindade Pereira.<sup>2</sup> A forma por que tudo decorreu deixou nos habitantes desta vila a mais agradável impressão, sendo os jogadores e demais sócios do Operário saudados pelo povo à despedida com muitos vivas e hurras. Felicitamos aquele clube, formado por gente correcta e disciplinada, pelo brilhante êxito da sua excursão.'

E o Açor retribuiu, indo ao campo do Liceu, defrontar o Operário (*Correio dos Açores*, 31 de Outubro de 1923). Seria das primeiras saídas desta equipa. O Açor defronta o Praia (*Diário dos Açores*, 16 de Novembro de 1923). E derrota-o por 1 a zero (*Diário dos Açores*, 23 de Novembro de 1923). A 30 de Novembro, *Correio dos Açores*, um dia após a entrada de pedido de filiação do Praia na Associação de Futebol de São Miguel, aquele jornal regista um empate entre esta equipa e o Açor. Em jogo realizado no último domingo, na avenida Luís de Camões. Para nós constituiu um mistério o facto de ter sido o Praia e não o Açor a candidatar-se à Associação de Futebol, já que o Açor, até então, provara ser a melhor equipa da Ribeira Grande. O jornal *A Terra*, de 29 de Dezembro, na sua secção desportiva, comentava que no Domingo passado o Açor Foot-ball Club havia vencido por uma bola a zero a segunda categoria do Santa Clara Foot-ball Club, o mesmo que havia empatado a 16 com o Praia. Nada mau. Este Santa Clara participaria na Associação. O cronista, indo muito além da simples crónica, discorre acerca do estado do futebol na Ribeira Grande: 'A concorrência foi sem exagero a mais numerosa que temos visto afluir ao campo do jogo, o que é um sintoma muito animador do interesse que o foot-ball vai despertando no povo da Ribeira Grande. Lamentável é que o público no meio das estridentes manifestações partidárias, dirija imprecisões injuriosas aos adversários nossos visitantes. Postos os jogadores em campo, notamos com um certo pesar que o Açor todas as vezes que joga em desafios de certa responsabilidade, fá-lo com elementos novos sem preparação física suficiente e sem tática de conjunto alguma. E os que ficaram do grupo anterior, aparecem ocupando posições completamente antagónicas das precedentes. Foi o Açor o primeiro club de foot-ball fundado nesta vila por elementos provenientes de classes que podiam



Luís Melo - Praia Sport Club

sem custo e deviam por uma questão de capricho e de brio, mante-lo fortemente organizado e em condições modelares de aperfeiçoamento. Mas o Açor, da maneira como se mantém e caminha sem organização adequada, sem ministrar a preparação física e treinos indispensáveis, breve atingirá o seu desastrado termo. Notamos a falta de uma entidade competente e que animada do verdadeiro espírito sportivo, dirija os jogadores, fazendo por lhes inculcir o estímulo e o espírito de disciplina. E o Açor possui entre os seus associados, elementos de incontestável valor, que aproveitados e dirigidos com habilidade e competência, dariam um team excelente (...) Terminou o encontro em boa ordem ficando o Açor vitorioso por 1 a zero. É talvez a mais oportuna ocasião que se oferece ao Açor, depois de ter vencido a mais forte segunda categoria de foot-ball de Ponta Delgada, para se organizar convenientemente com alma e boa vontade (...). Assinado: Um

ribeira-grandense. De facto, o Açor, talvez pelos motivos apontados pelo 'ribeira-grandense, para alguma mágoa do mesmo, não se filiara na Associação de Futebol de São Miguel.

Ainda a *Terra*, mas de 5 de Janeiro, noticia que o Açor vencera, no primeiro dia do ano, por 3 a 1 o Praia. E analisa o desempenho desportivo do Praia e do Açor: 'Este (o Praia), muito recente na sua fundação, tem feito alguns progressos, não obstante as inúmeras dificuldades que tem encontrado no aperfeiçoamento dos seus jogadores. Todavia, com a recente e acertada nomeação dum capitão geral, é uma segura garantia de que em breve poderemos contar com no Praia um forte grupo futebolista. O Açor, mais antigo do que aquele não tem progredido como era de esperar não obstante os diligentes esforços do seu capitão geral, o que será talvez devido à substituição (...) de jogadores no seu onze.' E mais adiante, mais uma vez 'um ribeira-grandense',



Segunda fotografia conhecida do Águia e a primeira do Ideal: gémeos rivais (Outubro de 1933)

desabafava: 'Era nosso desejo vermos estes dois teams trabalhar conjuntamente sem as rivalidades acérrimas que só redundam em prejuízo do sport.' E assim se faria pouco depois. No *Correio dos Açores*, de 6 de Maio de 1924, o *Liberal*, novo clube de Ponta Delgada, da categoria infantil, em jogo de estreia, defronta na Ribeira Grande o *Açor* com quem perde por 3 a zero. O cronista escreveu que: 'o *Açor* jogou com a máxima correcção e muito embora o seu peso fosse muito superior ao do team infantil, não se registou uma única penalidade por deslealdade contra aquele club. Apenas não deixaremos de aconselhar o meia defesa direito do *Açor* a ser um pouco mais correcto e o seu avançado ponta direita a colocar-se menos off-side. O seu avançado centro, que tem excelentes qualidades, usa contudo muitos dos truques das mãos, o que prejudicou bastante o seu onze (...)' No *Correio dos Açores*, de 7 de Maio, anuncia-se a deslocação do *Açor* a Ponta Delgada para defrontar, em jogo de retribuição, o *Liberal*. O produto das entradas destinava-se a custear as despesas com o 'raid' aéreo Lisboa-Macau.

#### A Fundação do Praia Sport Club Praia

A 24 de Agosto de 1923, como

vimos, de acordo com o *Diário dos Açores*, já existia uma outra equipa ribeiragrandense: o *Praia Sport Club*. Nada refere, porém, acerca da data exacta da sua fundação. Todavia, no mesmo periódico, noticiava-se que no dia 15 de Agosto, o *Praia* havia defrontado e perdido em jogo de desforra por 3 a 1 contra o *Açor Foot-ball Club*.

#### Praia Sport Club: entrada na Associação de Futebol de São Miguel: 1923/24

A Associação de Futebol de São Miguel fez constar no *Correio dos Açores*, de 25 de Novembro de 1923, que os clubes não-filiados que quisessem participar nos campeonatos das primeiras, segundas e terceiras categorias, deveriam filiar-se até ao dia 29 de Novembro. A um dia de findar o prazo, Luís da Silva Melo, Presidente do *Praia Sport Club*, 'morador na Ribeira Seca, na qualidade de Presidente da Direcção do *Praia Sport Club*, desta Vila, propõe a filiação do mesmo club nessa Associação.' A sede era na rua do Estrela, o campo seria a Praça Pública das Reses e as cores da equipa seriam: Amarelo e (verde) azul. Na mesma ocasião envia uma relação dos jogadores: Manuel da Silva Câmara Junior, capitão, João Teixeira, Artur da Silva Câmara,

Manuel da Silva Castanha, Mariano Carreiro, Leonel da Ponte, Humberto da Silva Câmara, Manuel da Costa, António de Amaral, José Carvalho Santo e José Vieira. É de primordial importância examinarmos de perto esta nova equipa. Ao contrário dos 'Casacas' ou 'Chapéus' da rua Direita, conotados com a burguesia ou o resto aristocrático da terra, o *Praia*, presidido por 'um Caneta', alguém da burguesia, é recheado por jovens oriundos das 'classes baixas'. Manuel, Humberto e Artur da Silva Câmara, trabalhavam no ramo da panificação. O pai deles, Manuel, jogara nas primeiras equipas da terra, conforme vimos no primeiro artigo desta série. Sobretudo os irmãos Câmara, são responsáveis pela manutenção do *Águia Sport Club*, como a seu devido tempo, veremos. No fundo, a tradição oral que circula, de que o *Águia* teria vindo do *Praia*, em parte, confirmar-se-á pelo papel desempenhado pelos irmãos Câmara. Em parte, porque esta equipa virá do *Açor* e mais tarde do *Pátria*. Apesar de esta última ser constituída pelos elementos do *Águia*, bem como pelo seu equipamento. Terá, como veremos mais à frente, sido um estratagema levado a cabo por Francisco Justino Machado. A 13 de Dezembro de 1923, em novo ofício dirigido à mesma

Associação, Luís da Silva Melo solicitava a anulação da inscrição de José Vieira, segundo ele, por este ter entretanto 'embarcado' para as Bermudas. Em sua substituição, adiantava o nome de Moisés Canário. Caso a Associação não aceitasse a troca, como alternativa, Moisés Canário passaria a suplente, substituindo Jacinto Vilão. Este último, mais Evaristo Botelho e Jacinto Grilo eram suplentes<sup>3</sup>. Evaristo Botelho fizera parte dos *Gasparinhos*. Seja como for, o *Praia* é a primeira equipa da Ribeira Grande a conseguir filiar-se no novo organismo associativo de futebol. A Acta da Sessão da Associação de Futebol de São Miguel, de 5 de Dezembro, de 1923, escalona do seguinte modo as equipas associadas da 1.ª e 2.ª categorias. Na 1.ª: *Atlético Micaelense*, *Operário*, *União* e *Santa Clara*. Na 2.ª: *União*, *Operário*, *Praia* e *Atlético*. Seria o *Praia* a primeira equipa de fora da Cidade de Ponta Delgada a competir nos campeonatos da Associação. Logo no início da sua existência. E, talvez, para se preparar para a competição que se avizinhava, o *Praia* jogaria no Domingo próximo com o *São Miguel Foot-ball Club*, de Ponta Delgada (*Correio dos Açores*, 6 de Dezembro de 1923). E no dia 6, no mesmo jornal, referia-se que: 'Hoje, no Campo Avenida de Camões desta Vila, houve um desafio de foot-ball entre as primeiras categorias do *Açor Foot ball Club* e o *Praia Sport Club* desta Vila, ganhando este por 2-0.' A 7 de Dezembro, de 1923, o *Correio dos Açores* divulgava o calendário do campeonato. Ei-lo, por interesse óbvio de divulgação, apesar de longo: '2.ª categoria - 1.ª volta - Dia 9 de Dezembro - *União* e *Operário*; 16 de Dezembro - *Praia Sport Club* (Ribeira Grande) e *Santa Clara*; 23 de Dezembro *União* e *Atlético*; 13 de Janeiro - *Operário* e *Atlético*; 20 de Janeiro *União* e *Praia*; 27 de Janeiro - *Operário* e *Santa Clara*; 3 de Fevereiro - *Praia* e *Atlético*, 10 de Fevereiro - *União* e *Santa Clara*; 2.ª volta - 17 de Fevereiro - *Atlético* e

*Santa Clara*; 24 de Fevereiro - *Praia* e *Operário*; 3 de Março - *Atlético* e *União*; 10 de Março - *Santa Clara* e *Praia*; 31 de Março - *Atlético* e *Praia*; 7 de Abril - *Santa Clara* e *Operário*; 14 de Abril - *Praia* e *União*; 21 de Abril - *Atlético* e *Operário*.'

A 15 de Dezembro, o *Diário dos Açores* anunciava a partida entre o *Praia* e o *Santa Clara*, para o dia seguinte, no campo do Liceu, pelas 13:30, sendo árbitro nomeado o Sr. Mário Duarte. Mas, para fazer face às deslocações ao campo de jogos do Liceu em Ponta Delgada, o *Praia* pede apoio à Associação que, em Acta da sua sessão, de 19 de Dezembro, aprova um subsídio para o *Praia Sport Club*, no montante de vinte e cinco escudos.<sup>4</sup> Entretanto, estreara-se a 16 e com um promissor empate a uma bola (*Correio dos Açores*, 18 de Dezembro de 1923). Não obstante o jogo ter sido fraco, como se costuma dizer em circunstâncias semelhantes, a estreia teria sido auspiciosa. Além do mais a jogar no *reduto do inimigo*. O comentador escreveu: 'resultando o goal do *Praia* dum penalty. Jogo fraco.' O *Correio dos Açores*, de 29 de Dezembro, anunciava para as 10:45 o jogo entre o *Operário Sport Club* e o *Praia Sport Club*. Seria árbitro o Sr. José Rodrigues. A *Terra*, de 30 de Dezembro, anunciava para aquele dia, o mesmo jogo, referindo que o *Praia* 'tão boa impressão deixou do seu desafio com o *Santa Clara*.'

#### Praia Sport Club: fracasso na Associação de Futebol de São Miguel: 1924

O *Praia Sport Club*, contudo, a fazer fé no *Correio dos Açores*, de 26 de Fevereiro de 1924, desiste do jogo com o *União Sportiva*. Perde por 3 a 2 com o *Clube Atlético Micaelense* (*Correio dos Açores*, 18 de Março de 1924). No *Diário dos Açores*, de 21 de Março, referindo-se à mesma partida, o cronista comentou: 'O desafio, em que se fez bom association e que decorreu com a maior correcção por parte dos jogadores e dos

## Primeira Direcção do Águia



Francisco Justino Machado  
1º Presidente - 1929



Hermano Faria  
Vice-Presidente - 1929



José Teixeira Moreira  
Vogal - 1929



Viriato Madeira  
Delegado do clube

partidários, terminou pelo triunfo do Club Atlético Michaelense por 3 bolas a 2. Ambos os grupos trabalharam com vontade, notando-se um ligeiro domínio do grupo Atlético. A arbitragem foi conscienciosa e imparcial.'

Em artigo intitulado 'A passada época de Foot-Ball', vindo a lume no *O Sport dos Açores*, de 23 de Agosto de 1924, o articulista identificado pela inicial A., desabafava: '(...) a direcção transacta da nossa Associação alguma coisa fez de bom, apesar de muita gente julgar o contrário. Já o pouco que ela fez tem muito valor, porque no começo surgem sempre dificuldades. (...) Há porém descuidos que lhe são indesculpáveis como por exemplo o de ainda se não saber qual o campeão de 2.ª categorias (...) é preciso que os clubes encetem a próxima época com divisas sãs para que o foot-ball michaelense possa progredir acompanhando as outras ilhas, e mesmo imitando-as nos seus métodos e nas suas organizações. É mesmo indispensável que os dirigentes dos clubes incutam nos seus onzes a disciplina, para que o público volte novamente a ser atraído e não afastado como se tem notado nestes últimos tempos.'

A época, apesar dos esforços, corra mal à Associação, pois, já em Março, de acordo com o *Açoriano Oriental*, de 15 de Março de 1924, o campo de jogos do Liceu, onde se realizavam os jogos oficiais estava em obras. As competições tinham sido transferidas para o Campo de Santa Clara. Neste mesmo artigo, dava-se conta da saída de um grupo filiado da Associação.

O *Praia* padeceria de todos os males apontados aos clubes de Ponta Delgada mais o de falta de verbas e da rivalidade excessiva entre ele e o *Açor*.

A própria Associação, em Acta de 11 de Março de 1925, reconhece que as receitas são inferiores às despesas, pelo que decidia que 'a diferença seja paga pelo fundo de assistência aos clubes, sempre que tal facto se constate (...)'. Portanto, ao que parece, o problema seria comum a todas as equipas.

Neste contexto, a fim de se tentar de novo, parece-nos aceitável que as duas equipas da Ribeira Grande, *Açor* e *Praia*, apesar da rivalidade, quisessem unir esforços. Da união nasceria o *Águia*, ao que parece, mas não chegaria para formar uma equipa mais forte, como veremos.

#### **Águia Sport Club**

#### **Maio de 1924: a fusão do Açor e do Praia leva ao nascimento do Águia Sport Club**

O *Correio dos Açores*, de 13 de Maio, divulgava a decisão de fusão do *Praia Sport Club* e do *Açor Foot-ball Club*. Estes clubes, tendo feito um balanço às



**Irmãs Câmara: Madrinhas do Águia na década de quarenta**

suas forças, decidiram em prol do melhoramento do futebol ribeirão-grandense, fundirem-se.<sup>5</sup> Nada, porém, referem quanto à designação da nova equipa. Talvez por diplomacia, talvez para se dar alguma continuidade, de *Açor*, ave que simboliza o arquipélago, passa a *Águia*, ave da mesma família, dando-lhe o nome de: *Águia Sport Club*? Nada referem igualmente quanto ao seu elenco directivo. A este respeito tentei indagar junto do Sr. Francisco Inácio Machado, 86 anos, a residir em Beja, cujo pai, Francisco Justino Machado, participou activamente em 1929 na refundação (?) do *Águia* e foi membro da Liga Desportiva Ribeirão-grandense, acerca do assunto, porém, 'não se recorda de nada. Admito que os meus mais de oitenta anos mo tenham feito esquecer'. Seja como for, a 11 de Julho, o *Correio dos Açores* escrevia que a 3.ª categoria do União Sportiva iria à Ribeira Grande jogar com a 2.ª categoria do *Águia Sport Club*. Seria a estreia do *Águia*? Derrotou-o, no dia 13 de Julho, por 3 a 2 (*Diário dos Açores*, 14 de Julho de 1924). A assistência, segundo a imprensa, havia sido numerosa. Do *Açor* e do *Praia*, escolhendo os melhores atletas? A existência deste primeiro *Águia*, segundo os documentos que dispomos, porém, seria

efémera.

#### **Il participação na Associação de Futebol de Ponta Delgada: Renascimento do Águia**

Só em 1929, em ofício de Francisco Justino Machado, datado de 4 de Abril, dirigido à Associação de Futebol de São Miguel, surge de novo referência a um *Águia Sport Club*. Seria este herdeiro do primeiro? Não sabemos. No referido ofício, lê-se: 'tendo-se organizado um grupo de football com o nome de *Águia Sport Club*, com sede (provisoriamente) na Rua Conde Jácome Correia, freguesia Matriz da villa da Ribeira Grande e a cuja direcção me honro de presidir, e desejando o mesmo grupo filiar-se na Associação de Foot-Ball de S. Miguel da sua mui digna presidência, venho perante V.Ex.<sup>a</sup> solicitar respeitosamente a sua inscrição e pedir o registo das nossas côres que são as seguintes: calção preto, blusa branca e vermelha (metade de cada côr) tendo as mangas as cores trocadas e gola e canhões preto.'<sup>6</sup> E no mesmo processo, acrescentava-se os restantes membros da Direcção: Vice-Presidente, Hermano da Motta Faria, Secretário, Medeiros Ferreira, Vogais, José Teixeira Moreira e Manuel de Sousa

Pereira e Tesoureiro, Tomás José Ferreira de Viveiros. Tomás Viveiros seria em 1933 coproprietário do 'Estádio do Rosário' e Manuel de Sousa Pereira, seria um dos mais argutos e bem sucedidos dirigentes do *Ideal*. Hermano da Motta Faria participaria na Liga Desportiva Ribeirão-grandense. Como jogadores da equipa: Manuel Barnabé, guarda-redes, José de Sousa Gaspar, capitão, Jaime de Sousa Pereira, Jacinto Santo, Manuel Carvalho, Francisco da Ponte, José da Costa, José Faia, Humberto da Silva Câmara, Francisco da Ponte Rita e Moisés Carvalho. Como suplentes: Mariano Carreiro, Artur da Silva Câmara, António Freire, António Dionísio e João Ferreira. Seriam delegados do clube, em primeiro lugar, Manuel Albano de Medeiros, com direito de voto, em segundo lugar, João de Deus Albergaria, guarda redes do *Açor*, e, por último, Hermano Cabral. Alguns dos jogadores referidos na lista, irmãos Câmara, tinham sido atletas do *Praia*. A 8 de Maio de 1929, o *Águia Sport Club* é inscrito, conforme Acta da Associação de Futebol de S. Miguel, naquela associação.<sup>7</sup> José de Medeiros Pavão Junior, substituiu Manuel Albano Botelho de Medeiros como delegado junto da Associação de

Futebol de S. Miguel e António Freire deixa de ser jogador passando a suplentes Constantino de Melo e Manuel Caetano.<sup>8</sup>

O *Correio dos Açores*, de 24 de Maio de 1929, na secção Desportos, titula: 'O *Águia Sport Club*, da Ribeira Grande, estreou-se oficialmente contra o *Santa Clara (Novo)*. Um mau jogo de futebol - Um resultado duvidoso.' E adianta: 'Marcou a Associação de Futebol de S. Miguel e muito bem, um jogo entre o *Águia Sport Club* da Ribeira Grande, que há pouco tempo se filiou na Associação e o *Santa Clara (novo)*, que apadrinhou o seu aparecimento ao público da Cidade. O gesto dos dirigentes da entidade máxima dos futebolistas de S. Miguel, facilitando o jogo, foi um gesto que gostosamente aplaudimos. É preciso amparar os novos que surgem cheios de vontade a engrossar as fileiras da causa desportiva. Por tal motivo, felicitamos os representantes da Ribeira Grande pela correcção como se apresentaram no campo e pela maneira disciplinada como aceitaram o resultado da luta. Fazer sport é assim. Antes do jogo os visitantes saudaram com as vivas costumadas a AFSM e os clubes da Cidade. O jogo produzido por ambas as equipas foi muito precário, um jogo falho de intenção, com muito dispêndio de energia sem utilidade e com muito pontapé sem direcção. O *Santa Clara (novo)* é um grupo que não aperfeiçoa a qualidade do futebol que pratica. Não procuram fazer melhor e é pena, porque têm matéria prima para se desenvolverem. Apesar disto, os brancos foram mais team durante toda a partida. O *Águia* nunca jogou vencido e teve mesmo oportunidades de atingir o goal, com justiça, nalguns raids perigosos que realizou. Necessitam de trabalhar com muita vontade e com persistência, mormente no sentido de aperfeiçoamento no domínio de bola, ignorância esta, que todos os jogadores possuem, consistindo a base principal de poderem melhorar as suas qualidades de jogadores. A dentro desta equipa todo o jogador tem o seu lugar definido, não devendo ir ao encontro da bola em corrida desordenada três e quatro homens ao mesmo tempo, como sucedeu neste jogo. O guarda-redes, Manuel Barnabé, foi o jogador que fez o bom resultado que alcançaram. Evidenciou defesas valorosas, marcando notavelmente a sua coragem em mergulhos que executou. Tem defeitos que podem facilmente ser corrigidos. O primeiro goal foi marcado pelo *Santa Clara (novo)*. Saldanha, remata a bola toca nas pernas dum adversário, engana o guarda redes e entra. O goal do *Águia* foi retirado duma grande

## Jogadores do Águia



**João Soares Albergaria:**  
elemento vindo do Açor



**Manuel Barnabé**  
guarda-redes:  
a partir de 1929



**Manuel da Silva Câmara:**  
o Anjo Protector do Águia



**José Faia:**  
Jogador do Águia

penalidade, por empurrão com as mãos. Momentos antes de findar o desafio, o extremo esquerdo do Santa Clara, envia um centro por alto, a bola bate na parte superior da trave e devido ao efeito saltita e volta ao terreno do jogo. Nesta altura o guarda redes tenta defende-la, tocando-lhe mas não a agarrou e os contrários em massa empurram a bola para dentro das redes, fazendo assim o goal da vitória. Foi um goal um tanto duvidoso pelo facto de a bola ter batido na trave pela frente de cima. Venceu pois o Santa Clara por 2-1. Manuel Maria, Saldanha, Simão e o defesa esquerdo foram os elementos que mais se destacaram. Arbitrou F. Ferreira. A linha do Águia Sport Club era assim constituída: Manuel Barnabé, Manuel Caetano, José Gaspar, F. Carroça, M. Carvalho, Jacinto Santos, Moisés, F. Rita, Constantino Barroso, H. Câmara, J. Grandela. O médio esquerdo, na 2.ª parte, foi magoado casualmente na cabeça. Após o curativo voltou a jogar. O penalty foi marcado por F. Rita. Este F. Rita, segundo testemunhos orais, faria parte do Ideal na altura da inauguração do Estádio do Rosário.

Todavia, a 27 de Julho, é considerada nula a inscrição.<sup>9</sup> Em ofício de 22 de Setembro daquele ano, como ainda não tivesse estatutos, e pretendia participar no campeonato de 1929-1930, o Presidente, Francisco Justino Machado, indagava, junto daquela Associação, se o Águia podia reger-se pelos estatutos da Associação.<sup>10</sup> Debalde. Ainda em Outubro o *Correio dos Açores* referia a hipótese de equipas da Lagoa e da Ribeira Grade participarem.<sup>11</sup> Porém, em Outubro, conforme o *Diário dos Açores*, de 31 daquele mês, anunciava um jogo na Lagoa 'entre o Águia Sport Club, da Ribeira Grande e uma selecção da Lagoa para o 'próximo Domingo.' O Águia havia escolhido para sua madrinha naquela vila, a menina Estrela Borges Garcia. O árbitro seria Manuel Albano Botelho.

### Participação na Liga Desportiva Micaelense

Todavia, o Águia Sport Club, tal como o Artista, também da Ribeira Grande, inscrevem-se na Liga Desportiva Micaelense, que surgira após uma dissidência com a Associação. Pelo menos em Dezembro já lá estão.<sup>12</sup> A Liga, conforme *Correio dos Açores*, de 24 de Novembro, autoriza o Club União Micaelense a aceitar o convite do Águia Sport Club para se deslocar à Ribeira Grande. Seria árbitro o Sr. Fábio Moniz de Vasconcelos, árbitro da Liga. No dia 1 de Dezembro, *Diário dos Açores*, de 2 de Dezembro de 1929, o grupo B do Santa Clara havia derrotado por 2-0, na Ribeira Grande, o Águia Sport Club. A 16, o mesmo jornal, adiantava que no dia anterior a 2.ª categoria do Santa Clara ganhara por 1 a 0, na Ribeira Grande, uma equipa local. Não menciona qual. O *Correio dos Açores*, de 28 de Dezembro, refere o Águia, tal como o Artista estão inscritos no Torneio Relâmpago da Liga Desportiva Micaelense. O *Correio dos Açores*, de 31 de Dezembro, informa que 'o Torneio Relâmpago não terminou por falta de tempo, e pelo facto das equipas S. Miguel e Águia Sport Club, da Ribeira Grande, apesar de sucessivos prolongamentos de tempo, não terem marcado goals. O Ponta Delgada foi eliminado pelo Artista Sport Club da Ribeira Grande por 2-0 e o Santa Clara (velho) equipa B, bateu o S. Miguel por 1-0. Na próxima quarta-feira, continua o torneio, jogando o S. Miguel e Águia e o vencedor bate-se na final com o Santa Clara (B).' Além destes, estão inscritos os seguintes clubes de Ponta Delgada: Ponta Delgada Sport Club, Clube Desportivo Santa Clara (B), S. Miguel Atlético Club. O Águia perderia por 1-0 com o S. Miguel Sport Club, que, ao derrotar pela mesma marca o Santa Clara, ganhou o bronze em disputa (*Diário dos Açores*, 3 de Janeiro de 1930). A 8 de Janeiro de 1930, ainda se falava do Águia. O *Diário dos Açores*, regista que o S. Miguel, recente vencedor do Torneio

Relâmpago da Liga, havia derrotado na Ribeira Grande o Águia por 2-0. A nota oficiosa da Liga Desportiva Micaelense, de 24 de Dezembro, divulgada no *Diário dos Açores*, de 10 de Janeiro de 1930, adiantava a composição da II Divisão. Seria composta pelos clubes vencidos no citado Torneio Relâmpago: Águia Sport Club, Artista Sport Club, Ponta Delgada Sport Club e Club Desportivo Santa Clara. O vencedor teria direito a se juntar aos clubes da I Divisão: Club União Micaelense, Club Desportivo Santa Clara (A) e S. Miguel Atlético Club.

O Artista Sport Club ganhou por 1-0 ao Santa Clara (B), em jogo

trarão em breve espaço a regularidade a todas as manifestações de futebol. Parece pois, que as coisas a dentro da Associação de Futebol para onde acabam de voltar o Santa Clara (Velho) e o União Micaelense, pretendem tomar bom caminho. (...) Para comemorar este importante acontecimento, joga-se hoje, pelas 15 horas, um desafio de futebol entre o Santa Clara (Velho) e o União Sportiva (...). Graças aos esforços desenvolvidos por Riley da Motta e Jeremias da Costa, dirigentes da Liga e da Associação, respectivamente. Porém, os jogos agendados pela Liga continuaram. O nível desportivo, no

mesmo prevenindo os responsáveis da Liga, por seu turno, o Artista empatara a uma bola com o Santa Clara (Velho) B. O cronista refere que 'ambos fizeram uma pobre exibição, dando uma impressão dolorosa do seu trabalho individual. A maioria dos jogadores, dos novos, principalmente do Santa Clara, possuem qualidades susceptíveis de se aperfeiçoarem na prática do jogo. Gualberto, Manuel Pedro, Virgínio e o médio direito, são os que mais nos chamaram a atenção. No Artista o meia esquerda Laurindo, avançado centro e extremo direito. O guarda redes do Artista entrou em acção várias vezes,

*Agostinho de Melo Garcia, na qualidade de membro da direcção do grupo de futebol "Artista Sport Club" desta vila, participa a V. Ex.ª que se considera desligado de membro da dita direcção, por motivos que me tornam indignado, e que só pessoalmente constará a V. Ex.ª a verdade máxica de tudo que ha passado ultimamente com referencia no sport. Sem outro assumpto sou com estimo e consideração,*

*De V. Ex.ª  
Att. V. Olego.*

*Agostinho de Melo Garcia*

disputado na Lagoa (*Diário dos Açores*, 20 de Janeiro de 1930). Veja-se como o mau estado do campo da Ribeira Grande irá condicionar o futuro das equipas locais. O Ponta Delgada derrota o Águia por 3-0 (*Diário dos Açores*, 10 de Fevereiro de 1930).

O *Correio dos Açores*, de 2 de Março, de 1930, regozija-se pelo facto de a Liga e a Associação se entenderem: '(...) para que tudo entre nos eixos, que vão ser postos imediatamente em vigor novos artigos do Regulamento, que juntamente com as disposições de detalhes que a futura direcção duma só entidade se propõe publicar,

entanto, a fazer fá nos jornais, deixaria muito a desejar (*Correio dos Açores*, 13 de Março de 1930): 'temos de reconhecer que nesta cidade se pratica em geral mal o association.' E na Ribeira Grande, poder-se-ia acrescentar.

Águia e Artista, conforme o *Correio dos Açores*, de 19 de Março, iriam participar na II Divisão da Liga Desportiva Micaelense. Jogariam naquele dia o Águia Sport Club com o Santa Clara (Velho) B e o Ponta Delgada com o Águia. Todavia, segundo o *Correio dos Açores*, de 22 de Março, o Águia 'pretextando doença de jogadores', não compareceu, nem

tendo salvo o seu grupo duma derrota. A melhor fase do jogo foi uma recarga de Raposo às balizas do Artista, saindo fora. Os goals foram marcados, o primeiro pelo Santa Clara, por intermédio de Saldanha, e o do Artista pelo avançado centro, trabalho de Laurindo. Arbitrou Gustavo Moura, que fez a sua estreia oficialmente.' Repare-se que os jogos das equipas da Ribeira Grande, ou são disputados em Ponta Delgada ou na Lagoa. O que se passaria com o campo local? Depois disso, silêncio acerca das equipas da Ribeira Grande. Que teria sucedido? O Águia deixa de

participar na Liga. A Liga Desportiva, em nota à imprensa, referente às sessões dos dias 21 e 28 de Maio de 1930, informa que o *Águia Sport Club*, de acordo com o pedido do seu ex-Presidente, Francisco Justino Machado, fora dissolvido e a sua inscrição anulada na Liga Desportiva Micaelense. Bem como a dos seus atletas. Porquê? A nota é esclarecedora: 'Notificar publicamente os grupos desportivos filiados da Ribeira Grande nos termos em que já anteriormente haviam sido notificados em ofício desta direcção, de que a LDM deixou de deslocar aquela Vila grupos de futebol filiados por virtude de ter sido condenado pelo médico que faz parte desta direcção o único campo de jogos que aquela vila dispõe, quer por não estar nas condições regulamentares pelo seu desnivelamento, medidas e lajes salientes que existem perto de uma baliza, quer, e principalmente, porque servindo este campo habitual e semanalmente de feira de gado, correm os desportistas o grave risco de contraírem infecções perigosíssimas e até mortais. 3.º Prosseguir nas negociações já entabuladas para aquisição de um campo de jogos naquela vila

nas condições regulamentares e com um Hangar de Educação Física para exercícios ginásticos e atléticos dos desportistas inscritos (Correio dos Açores, 3 de Junho de 1930).' Está dada de maneira clara e objectiva, pela voz dos dirigentes da Liga, a explicação para a interrupção da participação do *Artista* e do *Águia* na Liga e de as partidas de Futebol se terem realizado na Lagoa e em Ponta Delgada. Aguardava-se a aquisição de um recinto desportivo adequado, algo que só se verificaria em 1933, mas sob a alçada da efémera Liga Desportiva Ribeira-grandense. Francisco Justino Machado, que pertenceria à Liga Desportiva Ribeira-grandense, enquanto se aguardava o novo campo, terá certamente pensado em aderir à Associação, já que este organismo, aparentemente, não estabelecia como requisito essencial a ultrapassagem imediata das precárias condições do campo das reses? Parece que sim. O campo até 1951, esporadicamente em 1933, seria a causa principal da estagnação do futebol ribeiragrandense. Assim se compreenderá as diferentes atitudes dos dirigentes da Liga, intransigente, e a do Presidente da Associação de Futebol de S.

Miguel, condescendente, quando este último oficia a 22 de Maio a pedir à Câmara Municipal de Ribeira Grande autorização para 'se efectuar jogos na feira do gado desta Vila, bem como autorização para que o *Pátria Sport Club*, desta Vila, realize na mesma feira de gado os seus treinos (...)' A autarquia, Acta de 5 de Junho de 1930, folhas 122, autoriza mas acrescenta: 'devendo os referidos clubes assumir a responsabilidade por quaisquer prejuízos a que deem causa, nomeadamente nos telheiros da dita feira.' Está explicada a causa da mudança da Liga para a Associação. Mas porquê a adopção do nome *Pátria* em vez de *Águia*? Não sabemos.

#### De novo na Associação de Futebol de S. Miguel: *Pátria Football Club* da Ribeira Grande

Em Abril de 1930, com sede na rua Direita (onde exactamente?) e pretendendo filiar-se na Associação de Futebol de S. Miguel, tendo como Presidente, o ex-Presidente do *Águia Sport Club*, Francisco Justino Machado, surge o *Pátria Football Club*. O calção era preto e a blusa vermelha e branca (metade cada).<sup>13</sup> Cores do dissolvido

*Águia*. A 30 de Abril foi aceite a sua inscrição provisória.<sup>14</sup> A 1 de Maio, Francisco Justino pede a inscrição e o registo das suas cores. A 6, é enviada a relação dos jogadores da nova equipa. Que são: efectivos, Manuel Barnabé, Manuel Caetano, Dinis da Silva Bravo, Francisco de Medeiros, José Correia, José da Silva Moço, Francisco da Ponte, Laurino Carreiro, Humberto da Silva Câmara (capitão), Constantino de Melo e José Câmara, como suplentes, José Carvalho Santos, José Gaspar, Moisés Carvalho, José Maroto, José Vieira Faia, António Freitas e Manuel Moniz da Costa. Quase todos do extinto *Águia*.

Conforme a acta n.º 39 da Associação de Futebol de São Miguel, datada de 30 de Abril de 1930, esta associação aceita a inscrição provisória do *Pátria Football Club* da Ribeira Grande e autoriza-o a jogar amigavelmente, no dia 4 de Maio, com as segundas categorias do *União Sportiva*.

Novo jogo ainda em Maio, conforme Acta n.º 41 de 14 de Maio de 1930, da Associação de Futebol de S. Miguel, autorizando o *Sport Club Santa Clara* a 'realizar no próximo domingo, dezoito do corrente, com o *Pátria*

*Foot-Ball Club da Ribeira Grande*, um desafio amigável no Campo daquela vila, sendo nomeado árbitro o Sr. Manuel de Aguiar Jr. (MFBC)'

A mudança do nome de *Águia* para *Pátria*, terá sido um expediente para possibilitar a uma equipa da Ribeira Grande, ao sair da Liga, pudesse, sem problemas filiar-se na Associação, ou algo mais que desconhecemos? Os jogadores do *Pátria* são os mesmos do *Águia*. Como vimos. Seja como for, este *Águia Sport Club* fundado por Francisco Justino Machado, durara pouco mais de um ano, sendo dissolvido pelo responsável que fundaria com os jogadores do *Águia*, o *Pátria Sport Club*. A época começara e não seria possível ao novo clube participar em provas oficiais, restar-lhe-ia, enquanto aguardasse pela próxima época oficial, ir realizando jogos amigáveis. Por que teria saído o *Águia* da Liga? Porque teria mudado de nome? Continuará, enquanto não se encontram outras provas, assunto por resolver.

Em carta datada de 27 de Maio, redigida e assinada por Francisco Justino Machado, dirigida ao Presidente da Associação, além da referência a peripécias



S. Miguel — O campo de foot-ball na vila da Ribeira Grande

*Luis da Silva Melo, morador na  
Ribeira Seca da Ribeira Grande, na  
qualidade de Presidente da Direcção  
do Praia Sport Club, desta Vila,  
propõe a filiação do mesmo Club  
na Ribeira Associação.*

*Nome do Club - Praia Sport Club  
Sede " " - Rua do Estrela R. Grande  
Cores da Equipa - Amarelo e (verde) azul  
Campo onde jogam - Praça publica das reses*

*Esperando ser atendido, deseja a V. Ex.<sup>a</sup>*

*Saude e Fraternidade*

alegradamente motivadas pela falta de policiamento durante o encontro do *Pátria* com o *União Sportiva*, Francisco Justino Machado explica a razão do pedido de auxílio à Associação. O que revela algo da crise que então os clubes viviam e talvez perceber a razão do novo clube ao filiar-se naquela agremiação desportiva: 'Eu sei e lamento a situação que todos os clubes desportistas atravessam, (situação criada pela desunião dos clubes) e que eu não desejo agravar exigindo mais do que se deve exigir e se tal pedido fiz, foi simplesmente pelo que acima digo.' O clube padecia de dificuldades financeiras, como os demais clubes da ilha, e pretendia que a autarquia nos jogos realizados no campo das reses, enquanto não se construísse um novo recinto desportivo, vedasse o acesso aos peões nas ruas circunvizinhas.<sup>16</sup> Solicitava, ainda, se fosse possível, que qualquer clube que viesse à Ribeira Grande jogar, mercê das dificuldades económicas do *Pátria*, trouxesse três pares de botas para emprestar aos atletas do *Pátria Foot-ball Club*. Francisco Justino solicitava ainda anuência da Associação para que o *Santa Clara* (Novo) se deslocar no dia 1 de Junho à Ribeira Grande. A 25 de Junho, de 1930, a acta n.º 47, da Associação de Futebol, inscreve autorização para o *Clube União Sportiva* se deslocar à Ribeira Grande para disputar jogo com o *Pátria*, no dia 29, dia de Cavalhadas. Ficando o juiz e fiscais de linha a cargo dos mesmos clubes. A 16 de Julho, Acta n.º 51, a Associação autoriza a 1.ª categoria do *Micaelense Foot-ball Club* a ir disputar jogo à Ribeira Grande com o *Pátria*. A 23, acta n.º 52, por seu turno, a Associação autoriza o *Pátria* a ir, no dia 27 de Julho, à Lagoa jogar com uma equipa local. E os encontros, talvez de preparação para época seguinte, continuam a um ritmo regular, desta vez, a Associação autoriza o *Pátria* a receber de novo as 1.ª categorias do *Micaelense* (*Correio dos*

*Açores*, 24 de Julho de 1930). E, conforme o *Correio dos Açores*, de 13 de Agosto, que divulga o comunicado n.º 42 da Associação, o *Pátria* estaria autorizado a receber, no dia 27, uma equipa da Lagoa. A 8 de Outubro, representantes da Liga e da Associação, assinam acordo que pretendia pôr fim ao dissídio entre ambas. Pela direcção da Liga, entre outros, assina o Presidente, Lúcio Agnelo Casimiro e pela Associação, entre outros, o seu Presidente. A partir daqui silêncio absoluto acerca do *Pátria*. Não terá conseguido cumprir com as novas regras acordadas entre Liga e Associação? À cabeça das quais um campo decente? A autarquia não tinha cumprido com a promessa de novo campo? A acta n.º 3, de 10 de Março de 1931, da Associação, apesar de não mencionar o *Pátria*, poderá dar-nos uma pista. Os clubes dissidentes da Associação que haviam fundado a Liga, haviam sido readmitidos na Associação: '(...) e como se tenham suscitado dúvidas a esta Direcção sobre a legalidade das inscrições de Clubes e jogadores na presente época desportiva, bem como das provas oficiais pelos mesmos realizadas até à sua posse, em virtude da Direcção transacta publicamente ter confessado haver cometido irregularidades no desempenho das suas funções, de comum acordo com os Presidentes dos referidos clubes (...) foi resolvido por unanimidade julgar válidas as inscrições de Clubes e jogadores, bem como as provas oficiais pelas mesmas realizadas na presente época desportiva (...)' Este imbróglgio teria apanhado o *Pátria* e os demais clubes da Ribeira Grande desprevenidos e explicaria o desejo de a Ribeira Grande ter a sua estrutura desportiva. Algo que iria ser tentado, sem êxito, pela Liga Desportiva Ribeira-grandense. Em declarações à *Gazeta*, de 2 de Maio de 1931, o Presidente da Liga, Agnelo Casimiro apontava as causas da crise: 'a falta de compreensão por parte dos

Dirigentes do que seja e para que seja a prática dos desportos, deflagrando o desinteresse e a indisciplina dos Dirigidos.' E, como solução, indicava: 'Refundir o Estatuto e o Regulamento da entidade dirigente local; organizar de novo as filiações por forma a evitar a dispersão dos jogadores (...)' E rematava, com alguma esperança: 'virão melhores dias, mas não nesta época que está a findar. Esperemos por 1931-32, pois tenho fé no amor que todos os que dedicam à causa desportiva nutrem pelo foot-ball.'

Seguir-se-ia, na Ribeira Grande, um hiato de silêncio, quebrado pelo *Águia*, logo seguido por outras equipas. Neste período surgiria o *Ideal*. Segundo Francisco Inácio Machado (Depoimento de 27 de Junho de 2002), o *Ideal* teria vindo do *Artista*, tal como o *Águia* do *Praia*. E (ainda o *Ideal*) talvez também da reunião de elementos do *Estrela*.

Informalmente, primeiro, conforme se pode depreender da notícia do *Correio dos Açores*, de 8 de Outubro de 1932: 'Ultimamente tem havido entre nós alguns desafios de Foot-ball, que geralmente terminam em verdadeiras touradas.' Mas o óbice da falta de campo adequado não tinha sido ainda ultrapassado. Entretanto, da Lagoa, que despertara para o futebol mais tardiamente, com o mesmo problema resolvido, surgiam ecos de jogos. De Vila Franca, silêncio absoluto. Ecos dos Mosteiros, das Capelas e pouco mais.

#### De novo o Águia: 1932

O *Correio dos Açores* refere-se a clubes da Ribeira Grande.<sup>17</sup> Em 1932, reaparece o *Águia Sport Club*.<sup>18</sup> Em Outubro, estaria já activo. Trata-se de um jogo disputado na Ribeira Grande, entre o *Águia* e o *Futebol Club Esperança*, de Ponta Delgada. O árbitro foi Manuel Albano Medeiros, que organizaria em 1933, por sua conta e risco, o I Campeonato de Vilas e Aldeias. O *Águia* venceu-o por 2-0 (*Correio*

*dos Açores*, 4 de Novembro de 1932). Por que razão ressurgiu o *Águia* e não o *Pátria*? Não sabemos. Joga, na Ribeira Grande, e com o aval da Associação, com o *Micaelense Foot-ball Club* a 29 de Janeiro de 1933 (Acta, n.º 223, 1 de Fevereiro de 1933). Esta acta da Associação de Futebol, confirma que este clube continua activo a 29 de Fevereiro de 1933.<sup>19</sup> A 21 de Abril deste ano, Viriato da Costa Madeira, antigo capitão do *Açor*, é indicado como sendo o representante do *Águia Sport Club* na Liga Desportiva Ribeira-grandense. Mais se reforça o carreado pela tradição oral, de que o '*Águia* veio do *Praia* e do *Açor*'? Mas o *Praia*, ainda a 21 de Abril de 1933, estava representado por Francisco Justino Machado, refundador do *Águia* em 1929.

Em Março daquele ano, ressurgiu o *Praia Sport Club* e surge um *União Sport Estrela*.<sup>20</sup> O representante deste último na Liga Desportiva Ribeira-grandense, era António Augusto da Mota Moniz, antigo jogador do *Açor*, segundo a tradição oral. Teriam estes elementos, Francisco Justino, António Augusto e Luís da Silva Melo, a fim de disciplinar o desporto na Ribeira Grande, não só feito parte da Liga como feito parte das chefias das novas equipas? O *Ideal*, um recém-chegado, seria a excepção?

#### Participação no I Campeonato de Vilas e Aldeias

O *Praia Sport Club*, como já referi, no entanto, reaparece em Março juntamente com o *Águia Sport Club*, e surgem o *Grupo Desportivo da Ribeirinha* e o *União Sport Estrela*, todos da Ribeira Grande, a disputar um campeonato de futebol entre as equipas das vilas e das freguesias da ilha.<sup>21</sup> Que pensar de tudo isso? Que o futebol alastrara à Ribeira Seca e ao Curato da Ribeirinha, lugares próximos da Conceição e da Matriz. Talvez se possa adiantar, face à documentação disponível, que o *Águia*, num primeiro momento estaria ligado ao fim do *Açor* e do *Praia*, mas que, posteriormente, ressurgiria autonomamente? Apesar de já fazer parte da Liga Desportiva da Ribeira Grande, o *Águia*, tal como o *União Sport Estrela* e o *Grupo Desportivo da Ribeirinha*, continuam a disputar o acima referido campeonato. O *Águia* chegaria invicto à final, em Maio de 1933, onde seria derrotado por 4-3 pelo *S. Pedro Futebol Club*, da Lagoa.<sup>22</sup>

#### Campeonato mais de perto

Vejamos mais de perto esse I Campeonato de Vilas e Aldeias de 1933. É provável que tenha surgido para tentar colmatar o espaço deixado vago pela incapacidade ou pela falta de vontade em dar resposta por parte dos organismos oficiais que então tutelavam o futebol em São Miguel, face à proliferação de

grupos por toda a ilha de S. Miguel. Foi promovido fora dela, por quem conhecia bem o futebol fora de Ponta Delgada, Manuel Albano de Medeiros: 'Está sendo organizado um Campeonato de foot-ball entre os grupos das Vilas e freguesias desta ilha, achando-se inscritos os seguintes grupos: Ribeira Grande - *Águia Sport Club*, *União Sport Estrela*, *Praia Sport Club* e *Grupo Desportivo da Fábrica da Ribeirinha*; da Lagoa - *S. Pedro Sport Club*; das Capelas - *Club Recreio e Instrução Capelense* (*Correio dos Açores*, 15 de Março de 1933).' E, no mesmo jornal, publicavam-se os regulamentos da prova: 'Os Ribeira-grandenses apurarão o seu representante, o qual disputará com os outros dois clubes o título de vencedor. Este torneio disputar-se-á muito em breve e será presidido por um júri formado pelos presidentes da AF e o Colégio dos árbitros e pelo Sr. António Viveiros. Dois lindos troféus premiarão, respectivamente, o vencedor do torneio e o segundo na eliminatória da Ribeira Grande.' O *Diário dos Açores*, do mesmo dia, acrescenta pormenores relevantes e dá-nos uma ligeira nota dissonante: está sendo organizado pelo Sr. Manuel Albano Medeiros, nota dissonante, e, a disputa final decorrerá em Ponta Delgada, um artístico bronze para o vencedor com o nome do malogrado Ernesto Pereira e uma taça de prata ao segundo classificado na Ribeira Grande, pormenores. Entretanto, o *Águia Sport Club* preparava-se para a prova recebendo a 19 de Março e perdendo por 1 a zero com o *Micaelense Foot Ball Club* (*Diário dos Açores*, 20 de Março de 1933). Este, de acordo com o mesmo jornal, fizera alinhar alguns reservistas. Manuel Albano fora o árbitro (*Correio dos Açores*, 21 de Março de 1933). E a 4 de Abril, o *Diário dos Açores*, divulgava os primeiros resultados dos jogos disputados: 'realizou-se no último domingo dois encontros de foot-ball: C. União Estrela contra Praia S. Club ganhando este por 2-0; *Águia S. Club* contra *Grupo Desportivo F. da Ribeirinha*, ganhando aquele por 7-0.' O *Águia* estava lançado. Entretanto, nas Capelas, o grupo local, também a participar no Campeonato, não descurava a preparação: perdeu por 2 a zero com o *Club Desportivo Santa Clara* (*Diário dos Açores*, 10 de Abril de 1933). Era preciso rodar a equipa. O *Águia* na segunda jornada cilindrou a sua 'alma mater', o *Praia*, por oito golos sem resposta. Ainda assim, este último, por se classificar em segundo lugar, recebera a Taça de prata Manuel Albano. Marcou-se para o dia 23 de Abril, em Ponta Delgada, como regulamentado previa, o desafio entre o *Capelense* e o *S. Pedro*, da Vila da Lagoa. O *Águia*, como vencedor invicto da Ribeira Grande, ficara apurado para a

Tendo-se constituido um grupo de futebol com o nome de "Praia Football Club" com sede na Rua Direita, Ribeira Grande e desejando filiar-se na Associação da muito digna presidencia de V. Ex.<sup>a</sup> venho muito respeitosa-mente pedir a sua inscriçã e o registo das suas cores, que são as seguintes: calção preto, blusa vermelha e branca (metade de cada cor) tendo as mangas as cores trocadas.

Junto envio a V. Ex.<sup>a</sup> a relação dos jogadores (efectivos e suplentes) que fazem parte do team para V. Ex.<sup>a</sup> ordenar a sua inscriçã.

Com as mais respeitosas saudações, desejo

V. Ex.<sup>a</sup>

Manuel Sport

final. O primeiro jogo seria arbitrado pelo Sr. Manuel Cabral e o segundo, o da final, pelo Sr. Manuel Albano Medeiros (*Diário dos Açores*, 13 de Abril de 1933). Entretanto, como vimos em artigo já publicado, a Liga Desportiva Ribeira-grandense ensaiava os primeiros passos. A imprensa local, apesar de o *Diário dos Açores*, ao que parece, ter funcionado como uma espécie de órgão oficial da prova, farejando por certo leitores interessados, segue atentamente a última fase da prova. O *Correio dos Açores*, de 12 de Maio, anuncia para o dia 21 a final no Campo do Liceu pelas 14 horas. A prova é promovida pelo Sr. Manuel Albano e que ao grupo vencedor será entregue a Taça 'Ernesto Pereira'. Presidiria ao encontro os senhores Alberto de Oliveira, José Januário da Costa e A. Viveiros. A *Gazeta*, de 17, acrescenta que os finalistas são o *Águia Sport Club*, da Ribeira Grande, e o *S. Pedro SC*, da Lagoa, e que, a Taça tem estado exposta na vitrine do Sr. M M Botelho, à esquina do Cais. E agradece a oferta de bilhete de ingresso para assistir à desejada final. O *Correio dos Açores*, de 18, a três dias do prélio, volta à carga, recordando o evento e acrescentando que a madrinha do encontro seria Mademoiselle Maria Clotilde de Furtado Pacheco. O *Diário dos Açores*, não querendo porventura ficar atrás, a dois dias da contenda, sem acrescentar nada de novo, relembra a natureza, a data e o local da prova. Um dia antes, é a vez de *O Distrito*, na sua secção *Desportos*, elogiar

Manuel Albano pela iniciativa, e como o dia seguinte coincidia com o mais festejado do ano, prever, erradamente, uma enchente de locais e forasteiros. O *Açoriano Oriental*, do mesmo dia de *O Distrito*, que até então se quedara mudo, deixa-se levar pelo entusiasmo geral e ao noticiário geral divulgado pelos concorrentes acrescenta que Ernesto Pereira, nome da Taça, fora um entusiasta dirigente do *Santa Clara Foot Ball Club* e da Associação de Foot Ball de S. Miguel e esclarece-nos, pelo facto de o escrever por extenso, que o A de A Viveiros corresponde a António Viveiros. No próprio dia do jogo, o *Correio dos Açores*, relembra a contenda. Resultado? O *Diário dos Açores*, de 23, a 22 não saíram jamais, diz: 'Perante regular concorrência

teve lugar no último domingo, o encontro final para o campeonato, inter vilas e aldeias, jogando o *S. Pedro*, da Lagoa e o *Águia da Ribeira Grande*. Ganhou o primeiro por 4-3.' O *Águia* ficara sem troféu. Ao menos o *Praia* alcançara uma Taça de Prata. A *Gazeta* do dia seguinte, repete o mesmo. O *Correio dos Açores*, de 25, alarga-se em crónica é generosa. Titula: 'O campeonato de Vilas e Aldeias foi ganho pelo *S. Pedro F. Club*, da Lagoa por 4-3.' E, entra na crónica: '(...) O jogo só teve de interesse pelo equilíbrio das duas equipas, sendo no entanto o *S. Pedro* mais realizador, devido a ter alinhado *F. Freitas*, que é um bom elemento em qualquer grupo. Foi o melhor dos vinte e dois homens em campo, pois que a maioria deles

nada conseguem fazer que se pareça com futebol. Não tivemos ocasião de apreciar o trabalho de Barnabé, Keeper do *Águia*, um elemento com habilidade para o lugar, por ter tido pouco que fazer. Os goals que sofreu foram todos motivados por erros dos companheiros. O penalty marcado por Freitas não tinha defesa possível. Não concordamos com a atitude de o *S. Pedro* não querer jogar a meia hora suplementar, querendo jogar a final com outro árbitro, que não foi nada justo, pois que o Sr. Manuel Albano foi regular na sua arbitragem, durante os 90 minutos. O goal que invalidou ao *S. Pedro*, proveniente dum livre marcado ao Keeper do *Águia*, por ter dado mais que quatro passos com a bola segura nas mãos, está correcta a sua decisão. Qualquer

livre que não seja da Lei não vale goal entrando directamente.' O facto gerou polémica e ameaçava denegrir a reputação do organizador. E não se ficou por aí, pois, no mesmo título, a 2 de Junho, ainda se falava na ocorrência. M. Aguiar, seu autor, responde a um tal MA, que escrevera na secção desportiva de quinta-feira do *Correio dos Açores*, a reclamar contra a injustiça, e a dado passo, escreve: 'O grande erro que o árbitro teve, sabe qual foi? O de não ter entregue a taça ao *Águia*, quando o *S. Pedro* se negou a jogar.' A 3 de Junho, sempre no *Correio dos Açores*, Manuel Albano defende-se.

Para trás ficara o Campeonato de Vilas e Aldeias, avizinhava-se a inauguração do Estádio do Rosário e o início de um campeonato local. Neste contexto, o *Águia*, certamente, desejando manter e elevar a forma dos seus atletas, pede autorização para defrontar o *Clube Desportivo Santa Clara*, um grupo de maior valia. (Acta n.º 5, da Associação, 4 de Outubro de 1933). A acta n.º 7, da Associação de Futebol, de 18 de Outubro de 1933, a poucos dias da inauguração do Estádio do Rosário, autoriza o *Club União Sportiva* a realizar um jogo amigável na Ribeira Grande. Com quem? Seria com o *Ideal*, o parceiro do *Águia* no jogo inaugural? Ter-se-á realizado depois de 21 de Outubro (*O Distrito*, 21 de Outubro de 1933). Desconhece-se. Tal como estrear o 'Estádio do Rosário' frente ao *Ideal*, o *Águia Sport Club*, empata a duas bolas a derradeira partida de futebol,

## Estrela Sport Club



José de Melo Machado  
Tesoureiro



Virgílio Botelho  
Dirigente do Gaspar Frutuoso

## União Ribeiragrandense



**Agostinho da Costa Feio**  
Capitão do União Ribeira-grandense

frente ao *Vingador Nacional Sport Club*, de Ponta Delgada, a 17 de Junho de 1934.<sup>23</sup>

A partir daqui só encontramos referência a um grupo com este nome, e para a Ribeira Grande, já que surge um *Águia* nos Arrifes, em 1941.

### Águia: Reabertura após sete anos: em 1941

Ressurge depois de 1924 em 1929, e, depois do *Pátria*, em 1930, reaparece em 1932. Depois de 1934, só em 1941, pouco tempo depois do *Ideal Sport Club*: *'desafio de domingo passado [6 de Abril de 1941], embora prejudicado pelo mau tempo, interessou muito. Encontraram-se o Clube Desportivo Santa Clara e o Águia Sport Club, desta vila. O resultado, que foi favorável ao Santa Clara, foi muito honroso para o nosso grupo, que jogava pela primeira vez com um grupo experimentado, conseguindo ainda assim o resultado de 2-3 pontos.'*<sup>24</sup>

### Águia: reabre em 1961

A 29 de Junho, dia de Cavalhadas, numa quinta-feira, o *Águia* reaparece (*Diário dos Açores*, 27 de Junho de 1961), após a experiência frustrada da fusão do *Ideal* e *Águia*, de 1956 a 1961. A Câmara Municipal, pelo facto de o *Águia Sport Club* ter faltado sem aviso prévio ao Torneio de Futebol promovido pelo Governo Civil a favor do Movimento Nacional Feminino, delibera que até ao final da época desportiva não lhe seja cedido o campo de jogos para competições desportivas (*Acta da Câmara*, liv. 87, 12 de Junho de 1963). Pelos vistos o castigo não teria sido aplicado, já que o *Diário dos Açores* de 28 de Junho de 1963, anunciava para o Domingo seguinte um encontro entre o *'Águia Sport'* e o Clube

Desportivo 'O Académico', da Ribeira Grande.

### Mudança de nome: Benfica Águia Sport: 1963

Tal como o seu rival *Ideal*, o *Águia* mudaria de nome em 1963 e seria admitido na Associação de Futebol em 1965. Tal como o seu rival, tal como quaisquer gêmeos rivais, mudara de *Ideal Sport Club* para *Ideal Futebol Club*, o *Águia* também mudara de *Águia Sport Club*, para *Águia Futebol Club*. Participa, tal como o *Atlético de São Pedro* e o *Ideal*, no Primeiro Campeonato Popular organizado pela Associação de Futebol de Ponta Delgada.

### Artista Sport Club: nascimento

Em Abril de 1929, de acordo com a imprensa, além do *Águia Sport Club*, surgem-nos mais duas equipas ribeiragrandenses: *Artista Sport Club* e *Club Oriental*.<sup>25</sup>

Em documentação enviada em Junho de 1929 à Associação de Futebol de S. Miguel, na qual solicita inscrição, ficamos a saber mais acerca desta equipa. Assim, as cores da equipa eram: calção branco, camisa azul e branca, metade de cada cor. Eram seus directores: Presidente, Manuel Aires Teixeira, Vice-Presidente, João da Ponte, Secretário, Arsénio da Silva Bravo, Tesoureiro, José de Melo Machado e vogais Agostinho de Melo Garcia e Manuel Cabral de Melo. O seu representante na Associação seria Serafim de Viveiros. A lista dos jogadores apresentada à Associação, naquela data, era a que se segue: José Maroto, José Pereira Cabral, Laurindo Carreiro, José Correia de Menezes, Leonel da Ponte Canário, José Borges Pimentel, José da Silva Lopes, Manuel de Sousa, Manuel Jacinto Caçador, José Augusto

## União Estrela da Ribeira Seca



**António Augusto da Motta Moniz**  
Representante do União Sport Estrela na Liga Ribeira-grandense

Pacheco, Carlos de Melo Batista e como suplentes, Evaristo Botelho de Paiva, Duarte Bárcia e Deodato Borges Moreira.<sup>26</sup>

Foi considerado inscrito a 12 de Junho de 1929.<sup>27</sup> Todavia, a 27 de Julho, a inscrição é considerada anulada.<sup>28</sup> Em Dezembro está filiado na Liga Desportiva Micaelense.<sup>29</sup> Apesar da saída do *Águia*, que se terá transformado em *Pátria*, o *Artista Sport Club* permanece. Em ofício anterior, de três de Junho de 1930, a direcção deste clube informou a direcção da Liga de que mudara a sua sede para a rua do Conselheiro João Franco.<sup>30</sup> E agradece aos grupos filiados a *'cooperação desportiva que no corrente ano desportivo lhe prestaram.'* Apesar da proibição pela Liga do campo das reses.

### Oriental

Em Abril de 1929, de acordo com a imprensa, aparece referido para a Ribeira Grande um grupo denominado *Club Oriental*. O *Diário dos Açores*, de 8 de Abril, diz que *'ontem teve lugar nas Capelas, um encontro de foot ball entre o Club Oriental da Ribeira Grande e o Recreio Capelense sendo o resultado de 5-2 a favor deste. Arbitrou o sr. Manuel Albano.'* Esta equipa, pelo que sabemos, não participa nem na Associação nem na Liga.

### Protagonistas da Liga Desportiva Ribeira-grandense

#### União Sport Estrela

Em 1933, na Ribeira Seca, sendo representante na Liga Desportiva Ribeira-grandense, António Augusto da Motta Moniz, existe o *União Sport Estrela*. Desconhecemos qual o papel de Luís da Silva Melo nesta equipa. Participou no Campeonato de Vilas e Aldeias organizado por

Manuel Albano.

### Grupo Desportivo da Fábrica da Ribeirinha

No mesmo ano, mas na Ribeirinha, sendo representante na Liga Desportiva Ribeira-grandense, Manuel de Sousa Oliveira, existia o *Grupo Desportivo da Fábrica da Ribeirinha*. Participou no referido Campeonato de Vilas e Aldeias.

### União Ribeira grandense

O grupo *União Ribeira Grandense* estreia-se a 5 de Novembro, já após a inauguração do Estádio do Rosário, contra o *Ideal*, com o qual perde por 5 a zero. Era seu capitão o Sr. Agostinho da Costa Feio. O *Correio dos Açores*, de 10 de Novembro de 1933, registou: *'Fez hoje, 5 do corrente, a sua estreia no novo campo de Jogos, sito no Largo do Rosário desta vila, o grupo União Ribeira Grandense, do qual é capitão o Sr. Agostinho da Costa Feio. Este grupo teve um desafio com o Ideal Sport Club, ganhando este por 5 a 0.'* E, faz uma avaliação da disputa: *'O jogo sem interesse algum, com fraca assistência, e se nos puséssemos aqui a dizer a verdade, aquilo foi tudo menos um jogo. A mania desta gente tanto adultos como rapazes, é jogar ao Foot Ball, treinando-se no coice, perdoem-nos a demasia da linguagem. Não percebemos nada deste jogo que certamente deve ter regras. Foi madrinha do grupo União a menina Celeste do Amaral Dâmaso, interessante filhinha do nosso amigo Sr. Manuel Pereira Dâmaso.'* Esta equipa, a 10 de Dezembro, empata a duas bolas com o *'Sport Estrela'*.<sup>31</sup> O cronista referiu que: *'devido certamente ao mau tempo, a concorrência foi muito diminuta e o jogo decorreu sem*

*interesse. Arbitrou Manuel Barnabé que agradou, tendo o jogo terminado antes dos noventa minutos devido à chuva e com um empate a 2 bolas.'* Inaugurara a sede em Janeiro de 1934, tendo o clube um hino composto pelo professor Ilídio de Andrade. Vejamos o relato que do acontecimento fez *O Distrito*, de 31 de Janeiro, de 1934: *'No último domingo, inaugurou solenemente a sua sede o Club Desportivo União Ribeira-grandense. Às 13 e 1/2 horas, formaram à frente do Club, o team, devidamente equipado e a banda Voz do Progresso, para a cerimónia do içar da bandeira, executando a referida banda o hino do Club, da autoria de Ilídio de Andrade. Em seguida, houve sessão solene, usando da palavra o Sr. Francisco Justino Machado, distinto funcionário dos Correios e Telégrafos, que num magnífico improviso, disse do fim daquela festa, da reorganização da Liga Desportiva, do projecto duma outra festa de confraternização inter clubs locais, da correcção dos jogadores, quer com adversários quer com público e fazendo votos para um glorioso futuro do Club, terminou levantando entusiásticos hurrahs, que foram acompanhados e retribuídos pelos jogadores e pela numerosa assistência, ouvindo-se novamente o hino, enquanto o orador era muito cumprimentado. Terminada a festa, partiu o team para o Estádio do Rosário, acompanhado pela Voz do Progresso, que executava um alegre passo-doble e por numerosos amigos, afim de se defrontar com o Águia Sport Club. O encontro decorreu com a máxima correcção, pertencendo o domínio do esférico ao Águia e tendo o porteiro do União brilhantíssimas defesas. Arbitrou esta partida, que terminou por um empate a zero, o nosso prezado amigo Sr. Fábio Moniz de Vasconcelos, que agradou plenamente pelo acerto e imparcialidade. Ao acabar o desafio, foi servido na sede do Club um refresco aos jogadores e à Voz do Progresso, sendo por esta ocasião feitos entusiásticos brindes. Ao club desportivo União Ribeira-grandense desejamos uma vitoriosa e longa existência.'* Não conviria e seria deselegante ao experiente *Águia* derrotar o estreante, seria uma questão de cortesia, pelo refresco e pela ocasião festiva da inauguração da sede.

Não participou no Campeonato de Vilas e Aldeias. E desapareceu após o fracasso do Estádio do Rosário.

### Flo condutor

Nas décadas de vinte e de trinta, alguns ribeiragrandenses amantes do futebol, tentaram criar uma equipa de futebol à imagem das que então surgiam em Ponta Delgada. Primeiro surgiu o *Açor*,

depois, o *Praia*, logo seguido do *Estrela e do Artista*. Os dois primeiros ter-se-ão fundido em 1924 no *Águia Sport Club*. Este novo clube, contudo, teria uma existência efémera e sobre ele desconhece-se quase tudo. Quem foram os seus dirigentes? Os seus atletas? Terão sido os atletas e os dirigentes do *Açor* e do *Praia*? Suspeita-se que sim. O *Águia Sport Club* que surge em 1929, pela mão de Francisco Justino Machado, Hermano Faria, José Teixeira Moreira e de outros, seria herdeiro do de 1924? Também não sabemos ao certo. O de 1929 teve sede provisória na rua Conde Jácome Correia, a mesma onde nasceria o *Ideal Sport Club* e alguns membros da direcção eram da elite local. Um até viria a ser dirigente do *Ideal*. Desaparece transformado em 1930, por Francisco Justino Machado, em Pátria, e reaparece em 1932/1933. O *Águia*, ao contrário do que viria a suceder mais tarde, nasceu em berço de oiro esteve, pelo menos por um curto período sediado na Matriz. A territorialização e bipolarização desportiva terão ocorrido mais tarde. Em próximo estudo tentaremos confirmar a seguinte hipótese: à medida que na década de trinta, o *Estrela* o *Artista*, o *União Ribeiragrandense* desaparecem, o *Águia* já sediado na Conceição e o *Ideal*, na Matriz, conseguem captar ou são instrumento de polarização, ou ambas as coisas, das rivalidades entre aquelas duas freguesias. Rivalidades já existentes em relação às bandas de música. Pretendeu-se, nas décadas de vinte e de trinta, ligar com solidez os clubes locais à Associação de Futebol de S. Miguel ou à dissidente Liga Desportiva Micaelense e à Liga Desportiva Ribeira-grandense.

Falhou. Lançaram-se ideias para a construção de novo campo, prometido pela autarquia ainda na década de vinte. Novo falhanço. Na década de trinta, mais precisamente em 1933, ir-se-ia, disputar o campeonato de Vilas e Aldeias, constituir-se-ia uma Liga Ribeiragrandense e construir-se-ia um campo de futebol privado. Ressurgiriam o *Águia Sport Club*, em 1932, o *Praia*, em 1933?, de novo com Luís da Silva Melo, pelo que nos dizem situados ou conotados com a freguesia da Conceição, ou com uma promíscua zona limite entre as rua do Estrela, da Praia e da Vila Nova. Desapareceriam o *Artista* e o *Estrela*, na freguesia Matriz; aparecem, em 1933, o *Grupo Desportivo*, na Ribeirinha e o *União Sport Estrela*, na Ribeira Seca, este pela mão de António Augusto da Mota Moniz. A Matriz precisava de uma equipa: apareceu, ainda em 1933, após estes, o *Ideal Sport Club*, que, segundo alguns informadores, teria resultado da 'reunião de esforços de antigos elementos do *Artista* e do *Estrela*'. Os nossos testemunhos referiram-nos que teria sido fácil obter apoio alegando 'que era para formar uma equipa na Matriz'. Ou então, como vimos anteriormente, teria resultado da circunstância de ter aparecido uma equipa de rapazes, que adquirira equipamento verde e branco diferente dos do *Artista* e do *Estrela*, e que, tendo num primeiro momento, atraído antigos atletas e dirigentes de equipas anteriores, mais tarde, tendo sido identificado 'como o grupo da Matriz', congregaria os esforços de muitos dos naturais e residentes daquela freguesia. Entretanto, já entraria, não temos provas concludentes do que afirmamos, trata-se tão só de uma hipótese de trabalho, um factor

territorial de demarcação social: os 'tarraços' pertenciam à zona confinante do Areal e os demais à 'mestrança' da Matriz. No caso da Ribeirinha e Ribeira Seca, os territórios estariam bem definidos. Algo que seria decisivamente conseguido com o renascimento do *Águia* e do *Ideal* em 1941, mas já iniciado com as duas primeiras partidas ocorridas em 1933 entre ambos. O acto refundador desta rivalidade e decisivo desta sobrevivência, na década de quarenta, é a *boda do carneiro*. Este episódio, marcará também o fim de um certo domínio tutelar do *Águia* sobre o *Ideal*. Mas aí já contam as fidelidades às cores verde e vermelha, quer em Ponta Delgada quer em Lisboa

**Agradeço novamente a Abílio Batista, meu amigo e digno Presidente da AFPD, o ter-me permitido consultar o Arquivo Histórico da Associação.**

#### Notas:

- <sup>1</sup> Não sabemos o que significa, porém, era utilizado de modo depreciativo.
- <sup>2</sup> Pai do famoso 'Quim', que pontificou na década de quarenta no *Ideal*.
- <sup>3</sup> Idem
- <sup>4</sup> Arquivo da Associação de Futebol de São Miguel, Acta de 19 de Dezembro de 1923.
- <sup>5</sup> Correio dos Açores, 13 de Maio de 1924, fl.1.
- <sup>6</sup> Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, officio de 4 de Abril de 1929.
- <sup>7</sup> Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, Acta n.º 42, 8 de Maio de 1929, fl. 58, liv.3.
- <sup>8</sup> Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, officio do *Águia Sport Club* de 18 de Maio de 1929.
- <sup>9</sup> Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, Acta n.º 58, 27 de Julho de 1929, liv.3, fl. 68.
- <sup>10</sup> Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, officio do *Águia Sport Club*, 22 de Setembro de 1929.
- <sup>11</sup> Correio dos Açores, 11 de Outubro de 1929, fl.1
- <sup>12</sup> Correio dos Açores, 28 de Dezembro de 1929, fl.1
- <sup>13</sup> Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, officio do Pátria Football Club.
- <sup>14</sup> Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, Acta n.º 39, 30 de Abril de 1930, liv.3, fl.94.
- <sup>15</sup> Arquivo da Câmara Municipal de Ribeira Grande, Actas de 29.08.29-18.06.31, 5 de Junho de 1930, fl. 122.
- <sup>16</sup> Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, officio do Pátria Football Club, Maio de 1930.
- <sup>17</sup> Correio dos Açores, 3 de Junho de 1930, fl.2.
- <sup>18</sup> Correio dos Açores, 29 de Outubro de 1932, fl.4.
- <sup>19</sup> Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, n.º 23, 1 de Fevereiro de 1933, liv.4, fl.33.
- <sup>20</sup> Correio dos Açores, 8 de Março de 1933, fl.4.
- <sup>21</sup> Correio dos Açores, 15 de Março de 1933, fl.3.
- <sup>22</sup> Correio dos Açores, 25 de maio de 1933, fl.4.
- <sup>23</sup> O Distrito, 23 de Junho de 1934.
- <sup>24</sup> Diário dos Açores, 12 de Abril de 1941.
- <sup>25</sup> Diário dos Açores, 8 de Abril de 1929, fl.1.
- <sup>26</sup> Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, documentação do *Artista Sport Club*.
- <sup>27</sup> Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, Acta n.º 49, 12 de Junho de 1929, liv.3, fl. 62.
- <sup>28</sup> Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, Acta n.º 58, 27 de Julho de 1929, liv.3, fl. 68.
- <sup>29</sup> Correio dos Açores, 28 de Dezembro de 1929, fl.1.
- <sup>30</sup> Correio dos Açores, 8 de Junho de 1930, fl.4.
- <sup>31</sup> A Razão, 15 de Dezembro de 1933, fl.3.

## Rivalidades & Rivalidades

O pobre do José Calheta  
usa agulha e *didal*  
pr'a remendar as  
camisas  
do pobre do Ideal

Já comi massa sovada  
e as favas estão de  
molho  
o Ideal ganhou a taça  
e o *Águia* ficou com o  
olho

(pode ser utilizada pelo rival, caso este ganhe)

Mário Moura

O "Águia Sport Club" da Ribeira Grande, de que sou presidente deusa filiar-se na Associação na época 1929-1930, mas não tem estatutos aprovados oficialmente e por isso os meus amigos respeitavelmente solicitam o V. Ex.º o favor de me informar com a brevidade possível se pode aceitar a filiação do "Águia" regendo-se este club, pelo estatuto da Associação ou de qualquer club filiado, até ter os seus estatutos oficialmente aprovados.

Saud. Sport

# O Spray



Quando procedíamos a uma inspeção de rotina com o avião à boca do hangar de nariz apontado a nordeste, naquela calma e serena Santana, chegou-nos à fala pela primeira vez o novo comandante.

A chegada de novos pilotos à companhia não só constituía por essa época acontecimento social como criava alvoroço.

O novo comandante era um tenente-coronel, piloto aviador da Força Aérea Portuguesa, Manuel Chitas de Brito, alentejano do distrito da princesa cidade dos beirais romanos, da vida a arder na prata dos anos, dos feudos e dos ganhões e muralhas a beijar quintais, como poeticamente a canta Antunes da Silva.

Do seu apreciável percurso sabia-se ter sido comandante de esquadra na base aérea quatro, na vizinha ilha Terceira, com a patente de major, onde fora apreciado pela sua humanização, mais respeitado ainda pelo rigor e justeza de carácter, ele próprio

que transportava militares por razões humanas ou familiares, punindo-os severamente quando estes lhe mentiam.

Na fase de adaptação ao novo equipamento da Sata - Doves -, envergando um fato macaco branco, entrou no hangar pediu um avião que de imediato lhe foi fornecido completamente abastecido. Só, voou por horas até ao mar dos Sargaços.

Permanentemente atento a tudo o que fosse segurança, a exemplo nunca entrava a bordo sem fazer a visual dos trezentos e sessenta, era também um homem inquieto com problemas sociais.

As tripulações rotativas por vezes mantinham juntos os mesmos tripulantes por períodos alargados e, assim acontecia acompanhar-lhe por semanas nas intermináveis doze viagens diárias entre Santa Maria, a primeira no rosário das ilhas e o aeródromo de Santana nesta nossa ilha do arcanjo.

Comunicativo e observador sempre olhando o céu, falando de tudo com elevação, tanto dissertava sobre a Casa de S. José, de que fora activo dirigente, das semanas de estudos ou sobre a nova estrutura aeroportuária, que defendia para a actual posição, única, para isso fazendo ensaios e investigação meteorológica, com registos a um século de

distância.

Mantinha aceso e activo diálogo com a manutenção, com a meteorologia ou com o movimento que tinha a incumbência entre muitas, de fazer travagens com jipe nas verdes e bucólicas pistas após enxurradas, a saber quanto a aderência e alongamento, para com segurança melhor utilização dos aviões.

Num mundo completamente oposto, estava o nosso funcionário, Fernando Raposo Soares, nascido por terras da Senhora da Saúde, quando o mundo se gladiava ferozmente. Após escolaridade desce à cidade e entra no mundo do trabalho, é empregado comercial, funcionário de transportadora de colectivos e na década de cinquenta funcionário da Sata via Santa Maria.

Irrequieto e activo, surpreso, viu-se excluído pelo índice de Pignet de prestar serviço militar, ele que era filho de castrense, e que estivera para ir para os pupilos, não lhes perdoou. E assim, quando a ilha enxameada pelos vinte e cinco mil na campanha do ananás, mais um quem daria por isso !?

Raposo pede farda emprestada a um amigo do histórico batalhão nove, o da guerra do caldeiro e de borzequins engraxados, bivaque à banda, cigarro ao

canto, divisas de arvorado qual cabo Sementes do Corpo Expedicionário Português em França, foi para ruidosa festa onde deu nas vistas e amoleceu corações. E naquela saudosa e doce Santana, não lhe passam os anos. Raposo, apaixonado por música e bandas, com um tinteiro de caparrosa com goma arábica à mistura, não fosse o diabo tecê-las apagando as notas em dias de chuva, copiava com velha caneta de pau e na maior ligeireza dezenas de pautas para diversas bandas.

Aos domingos, cuidado a rigor, de risca e "pipe" na sua bicicleta de caixa na corrente, sonora corneta e estridente campanha corria meia ilha à guisa de festas e arraiais. Feliz colava-se a coretos e palanquins a ouvir rapsódias e mazurcas, o sol de algum barítono ou a apreciar o virtuosismo dos regentes.

Nos serviços, Raposo era auxiliar de manutenção, tinha a seu cargo cuidar do interior dos aviões. Um dia, naquele espaço, o necessário ao transporte de não muitos passageiros e poucos tripulantes, com o comandante já a bordo, Raposo dá conta que o spray ambientador tinha acabado. Comprimindo a língua contra os lábios semicerrados começa por imitar o psse-psse-psse do spray. De ar grave, o comandante disse-

lhe para terminar a fim de não saturar o ambiente. De imediato, Raposo pediu licença e saiu. De cabeça enfiada nos ombros, passo estugado, vendo todos sem olhar para ninguém, refugiou-se no terminal.

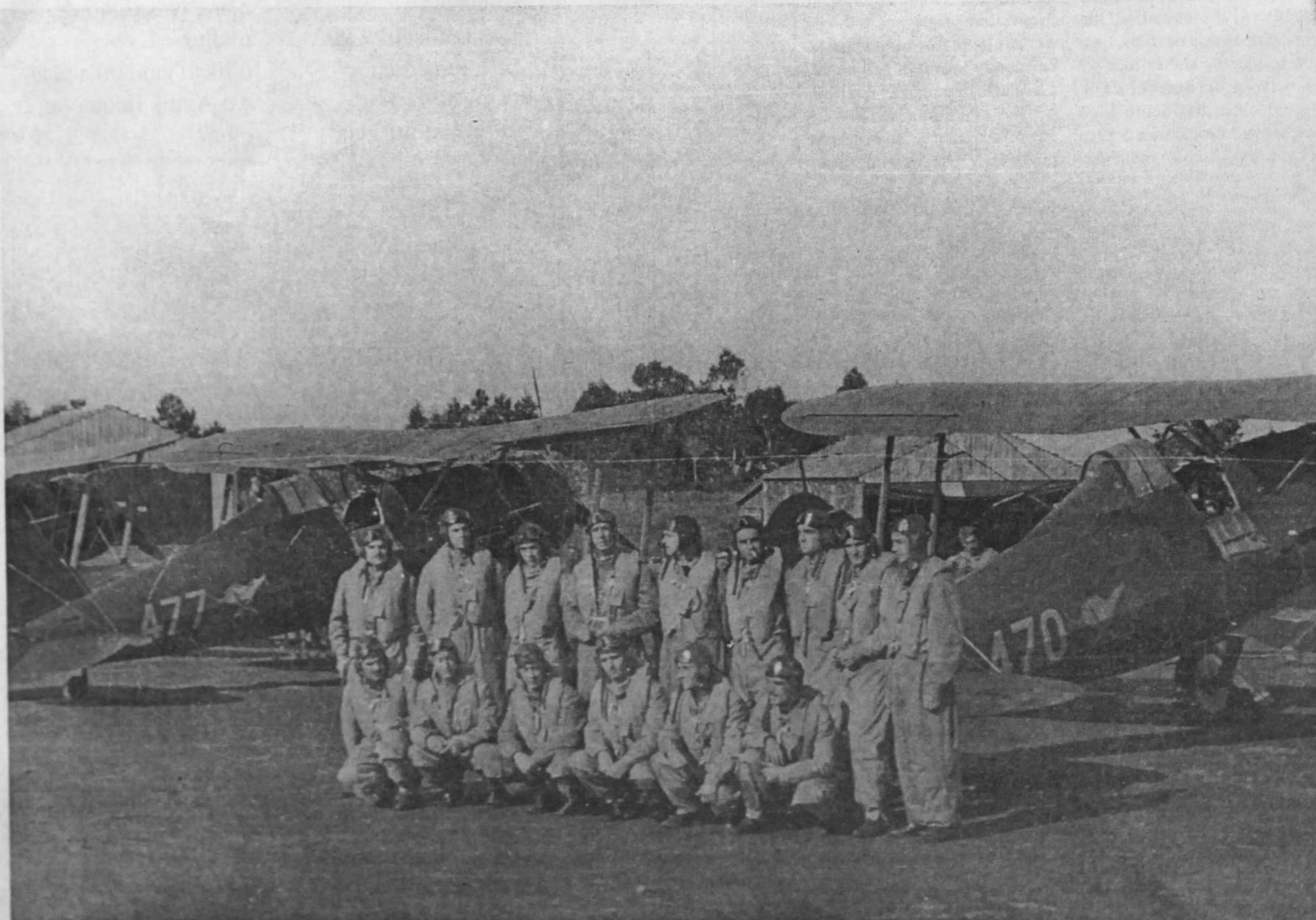
Nunca tinha usado com tanta autoridade o seu nome de "Raposo".

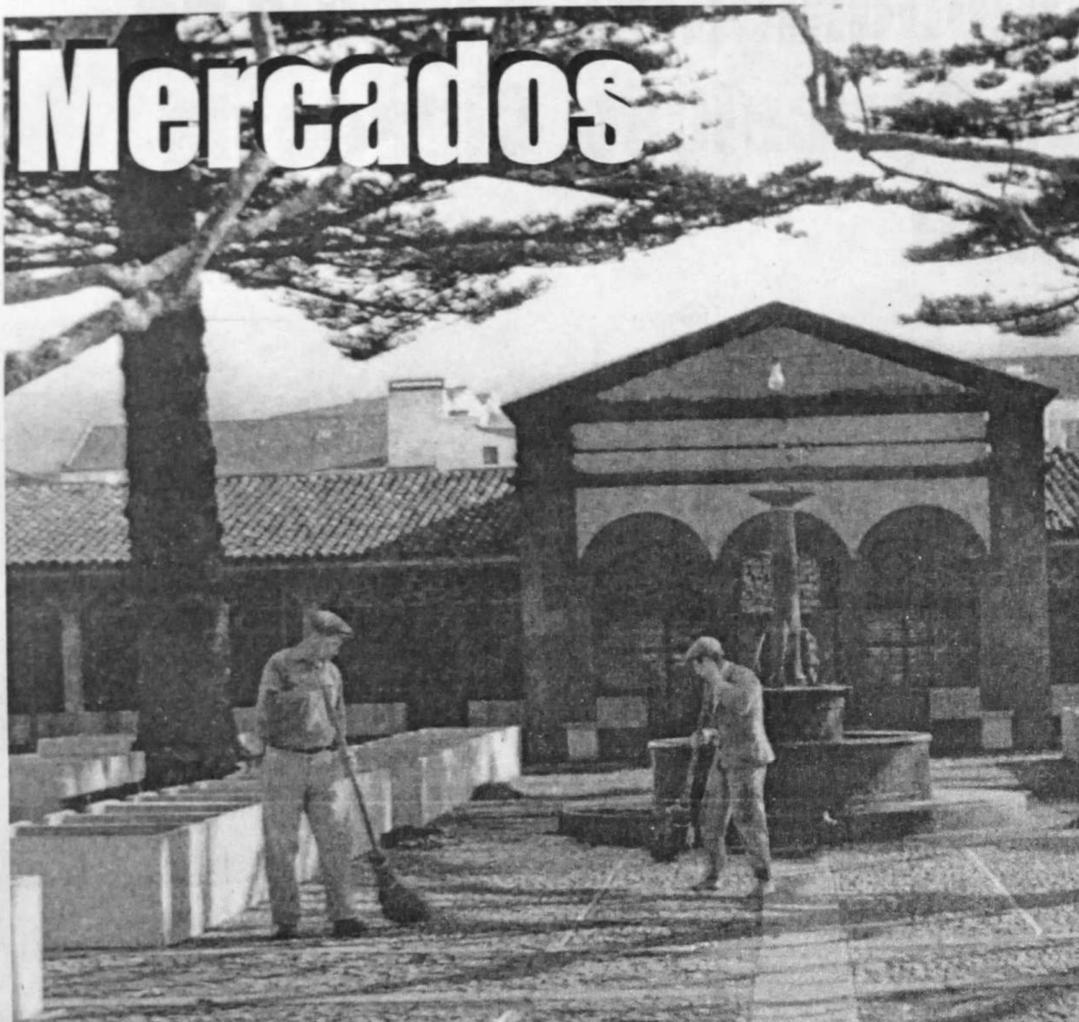
Tempos de tanta saudade.

Voaram anos, um filho do comandante Chitas de Brito é agora comandante na linha internacional da Sata. Há algum tempo teve uma deferência com um filho meu, de Lisboa para os Açores. De imediato agradeceu a gentileza e pedi para apresentar cumprimentos ao pai, senhor comandante Manuel Chitas de Brito, a residir em Pedrouços, com quem tive a honra de conviver e acompanhar por um sem número de horas voadas no céu dos Açores e no histórico aeroporto de Santana.

Fernando Raposo Soares, meu velho amigo, reside em Ponta Delgada, com os seus oitenta e muitos. A idade não lhe amorteceu o olhar nem lhe apagou o sorriso, continua tão Raposo como sempre foi.

Laureano Almeida





### Praças anteriores:

Até meados do século XIX, a praça, com todas as suas valências, das carnes ao peixe, passando pelas lenhas, legumes, ficava no largo fronteiriço aos Paços do Concelho. De meados do século XIX, como as regras básicas higieno-sanitárias se alterassem, esteve, enquanto se aguardava a abertura do actual, em 1884, no Largo Dr. Gaspar Frutuoso. Vejamos onde ficavam as diversas valências no ano de 1875: 'O mercado ou feira semanal de gados tem sido feita até ao presente, por falta de local apropriado no pequeno largo de Santo André dentro da freguesia Matriz (...). A venda de peixe tem sido feita diariamente em um pequeno barracão próximo à ponte denominada do Paraíso, junto ao jardim publico, e na parte mais transitada e concorrida d'esta Villa (...). A venda de madeiras tem sido feita (...), no pequeno mercado denominado de Nossa Senhora da Estrela na freguesia Matriz, o qual é destinado á venda de frutas, cereais, hortaliças e outros objectos de semelhante natureza (...). A venda de lenhas tem (...) sido feita junto à referida ponte do Paraíso (...). A venda de carnes verdes tem sido feita no referido local de Nossa Senhora da Estrela (...). O matadouro publico pode dizer-se, que não existe, a não se dar esse nome ao pequeno espaço, que fica de baixo de uma arcada junto á dita ponte (...). Quanto ao local para guarda de animais, basta dizer-se que o não havia (...)' (Acta de sessão de 2 de Junho de 1875; conforme:

Armindo de Melo Moreira da Silva, *Ribeira Grande: de ontem até hoje...*, v.I, 2000).

### Abertura ao público:

No dia 7 de Janeiro de 1884, abriu-se ao público, 'sem pompa nem aparatos, com tudo nos povos se devisara contentamento, por verem em um só recinto estabelecidas todas as suas feiras, e ainda pela esperança que nutrem de verem ligadas, pela nova estrada real projectada, as freguesias Matriz e Conceição, cuja construção trará consigo não só o embelezamento desta vila, mas ainda grandeza e prosperidade ao seu comércio (...)' (Acta de sessão de 10 de Janeiro de 1884; conforme: Armindo de Melo Moreira da Silva, *Ribeira Grande: de ontem até hoje...*, v.I, 2000), os mercados. O complexo dos mercados municipais foi pensado num contexto infraestrutural, próprio do fontismo, em que, para fomentar o comércio concelhio e da ilha, se previa a construção de vias de acesso, entre as quais a ponte dos oito arcos, o prolongamento da rua do Estrela, a estrada de acesso e construção de um porto condigno em Santa Iria e outras que ligariam a Vila da Ribeira Grande a todos os locais da costa Norte e Sul. Destes empreendimentos só a construção do porto de Santa Iria e o prolongamento da rua do Estrela não foram concluídos. O primeiro, ainda em inícios do século XX, era insinuado a D. Carlos I, o segundo, só neste século XX foi concluído. Em ambos os casos, deveu-se prioridades da recém empossada Junta Geral do Distrito Autó-

nomo de Ponta Delgada, instalada na sequência da outorga Autónoma. (Mário Moura, *Memórias da Ponte dos Oito Arcos da Ribeira Grande*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1996). Os terrenos onde foi implantado o complexo dos mercados municipais foram adquiridos ao Sr. Francisco de Paula Velho de Mello Cabral J. que pediu à autarquia a quantia de 1 300\$000 reis por umas casas, e por cada alqueire de terra para a rua e os mercados, 400\$00 reis. A autarquia ofereceu 350\$000 reis pela casa e 300\$00 reis pelo alqueire (Acta de sessão de 27 de Setembro de 1875; conforme: Armindo de Melo Moreira da Silva, *Ribeira Grande: de ontem até hoje...*, v.I, 2000). Desconhecemos o preço acertado. A 19 de Março de 1875, para financiar o projecto, a autarquia delibera pedir à Companhia Geral de Crédito Predial Português o empréstimo de dez contos de reis fortes. (Acta de sessão de 19 de Março de 1875; conforme: Armindo de Melo Moreira da Silva, *Ribeira Grande: de ontem até hoje...*, v.I, 2000). O projecto custou, segundo orçamento feito pelo Eng.º Distrital, 4605\$000 reis fracos. (Acta de sessão de 8 de Janeiro de 1879; conforme: Armindo de Melo Moreira da Silva, *Ribeira Grande: de ontem até hoje...*, v.I, 2000). O autor do projecto, Eng.º Mariano Augusto Faria e Maia, nasceu em Ponta Delgada em 1843 e faleceu em Lisboa em 1917. (Mário Moura, *Memórias da Ponte dos Oito Arcos da Ribeira Grande*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1996). O Presidente, em cuja vereação se deu início ao projecto mas que por falecimento não a inaugurou, era António

### Resumo:

**Quando foram abertos ao público?** No dia 7 de Janeiro de 1884.

**Que Presidente os inaugurou?** José Tavares Moreira, Vice-Presidente de António Manuel da Silveira Estrela, em 1874, foi quem os inaugurou, acompanhado pelo seu Vice-Presidente, Francisco de Paula Velho Mello Cabral, também vereador em 1874 e antigo proprietário dos terrenos onde se construíram os mesmos.

**Que Presidente os projectou?** António Manuel da Silveira Estrela.

**Quem foi o autor do projecto?** Eng.º Mariano Augusto Faria e Maia.

**Quanto custou?** 4605\$000 reis fracos.

**Anteriores proprietários do terreno?** Francisco de Paula Velho de Mello Cabral Jr..

**Quanto custou o terreno?** Francisco de Paula Velho de Mello Cabral J. pediu à autarquia 1 300\$000 reis por umas casas, e por cada alqueire de terra para a rua e os mercados, 400\$00 reis. A autarquia ofereceu 350\$000 reis pela casa e 300\$00 reis pelo alqueire. Desconhecemos o preço acertado.

**Financiamento?** Empréstimo de dez contos de reis fortes contraído à Companhia Geral de Crédito Predial Português.

Manuel da Silveira Estrela. Este faleceu em Maio de 1879. Terá servido como presidente nos anos de 62 a 65, de 1868 a 1869 e de 1874 até Abril de 1879. (Armindo de Melo Moreira da Silva, *Ribeira Grande: de ontem até hoje...*, v.I, 2000) Na altura da inauguração era Presidente de Câmara José Tavares Moreira e vereadores: João Jacinto do Couto Júnior, Francisco Jerónimo Ferreira, Francisco Pereira Garcia, Francisco de Paula Velho Mello Cabral, Jerónimo Almeida Cabral e António Taveira da Silva.

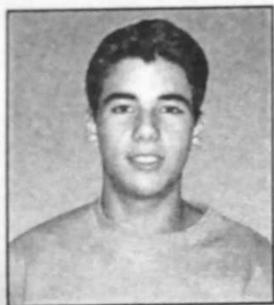
### Passos do novo mercado:

Em 20 de Maio de 1874, dez anos antes da abertura pública das novas infra-estruturas, a Câmara presidida por António Manuel da Silveira Estrela pondera 'a urgente necessidade que há de remover o matadouro público do local em que agora está (...) junto ao parapeito da ponte do Paraíso (...) a necessidade que igualmente há de um mercado para venda de carnes (...) e finalmente vendo que não há local também próprio para o depósito e venda de lenha e madeira; deliberou a Câmara a construção d'um estabelecimento em que se compreenda todos esses mercados, e que se rogasse ao Exmo. Sr. Engenheiro Distrital se dignasse dizer se lhe é possível vir a esta Villa, e o dia a fim da Camara estar reunida para conjuntamente estudar o local mais próprio para o dito estabelecimento'. (Acta de sessão de 20 de Maio de 1874; conforme: Armindo de Melo Moreira da Silva, *Ribeira Grande: de ontem até hoje...*, v.I, 2000).

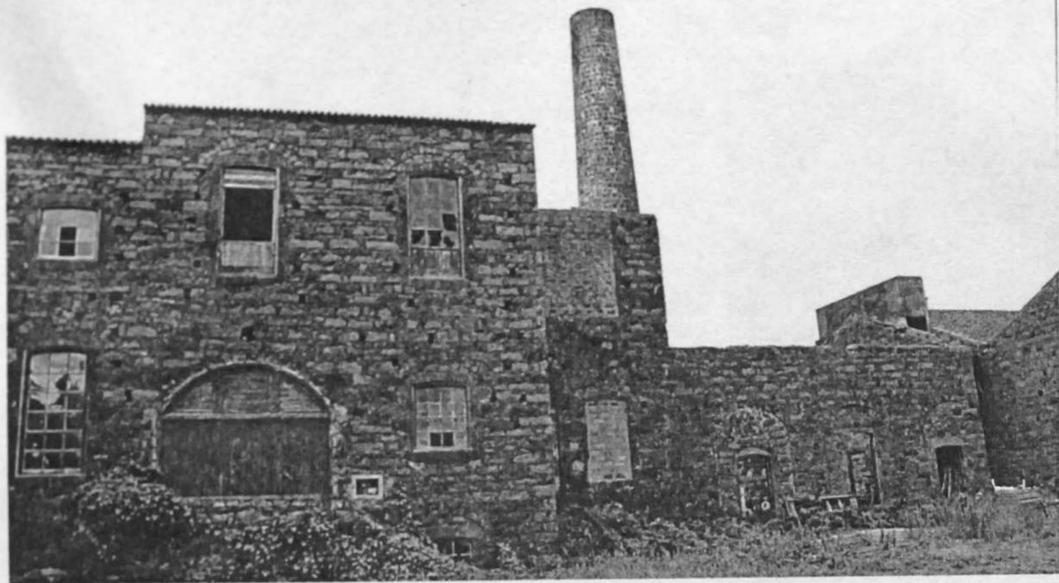
Pouco mais de nove meses após esta deliberação, na sessão de 16 de Dezembro de 1874, fez-se constar que 'a planta geral do local para a construção dos - Mercados e Matadouros - e planta dos mesmos, bem como o resumo do orçamento dos mesmos (tinham sido feitos) pelo Exmo. Sr. Engenheiro Distrital. A Camara achou esse trabalho bem feito e aprovou a sua construção (...)'. (Acta de sessão de 16 de Dezembro de 1874; conforme: Armindo de Melo Moreira da Silva, *Ribeira Grande: de ontem até hoje...*, v.I, 2000).

### Apreciação do complexo dos mercados pelo jornalista do Diário de Notícias, de Lisboa, Manuel Emídio da Silva em 1893

'(...) um vastíssimo mercado de mais de 100 metros de frente que a municipalidade da vila mandou construir na margem esquerda da ribeira, perto da ponte. Parte do mercado, destinado ao peixe, constitui, por si só, um mercado que mete a um canto os de Lisboa e Porto! Só lhe falta... o peixe, que continua a ser vendido de preferência pelas ruas! O mercado não está concluído. Se chegar a sê-lo é talvez o primeiro do país, não em importância, está claro, mas em grandeza. O projecto está elaborado com muita proficiência e elegância pelo Sr. Engenheiro Mariano Machado Faria e Maia.' (Manuel Emídio da Silva, *S. Miguel em 1893: Cousas e pessoas*, p. 68, 1893, Ponta Delgada)



# Roteiro de monumentos e locais na freguesia da Conceição, Cidade da Ribeira Grande



## Localização e demografia

A Conceição, como é vulgarmente conhecida a freguesia de Ribeira Grande - Conceição, é uma das cinco freguesias urbanas da Cidade da Ribeira Grande. De acordo com o Censo oficial da população de 2001, tem 1797 habitantes. Fica a Poente da freguesia da Matriz e a Nascente da da Ribeira Seca.

## Alguns acontecimentos

A Conceição, segundo o testemunho do cronista ribeirão-grandense Frei Agostinho de Mont' Alverne, nas suas "Crónicas da Província de S. João Evangelista", foi elevada a paróquia no ano de 1699. O Padre Egas Moniz, por seu turno,

acrescenta o dia 12 de Maio como o da elevação a paróquia, coincidindo com o dia exacto em que o licenciado Matias Nunes de Melo, seu primeiro vigário foi apresentado.<sup>1</sup>

Foi na freguesia de Ribeira Grande - Conceição que surgiu, no terceiro quartel do século XIX, não só a primeira fábrica de tratamento de chá, a de José do Canto, na Barrosa, bem como, na década de setenta do século XX, a primeira central geotérmica das ilhas. A fábrica do Álcool foi construída, tal como as da vila da Lagoa e a de Ponta Delgada, em finais do século XIX. Sendo ainda nela construída a segunda central hidroelétrica da ilha de São Miguel.

Os maiores e os melhores moinhos de água de toda a ilha de São Miguel, desde o século XVI, localizavam-se ao longo de uma vala, denominada ribeira da Condessa, ou ribeira dos moinhos, que serve de divisória às freguesias de Ribeira Grande - Matriz (paróquia de Nossa Senhora de Estrela) e de Ribeira Grande - Conceição, paróquia de Nossa Senhora de Conceição.

Foi também nela que se disputou, em finais do século XIX, mais precisamente na avenida de Luís de Camões, presenciado por numeroso público, o primeiro desafio de futebol na Ribeira Grande, quase em simultâneo com o primeiro encontro realizado na ilha. Aliás, os intervenientes no primeiro

## Roteiro

Vamos iniciar o percurso de Poente para Nascente:

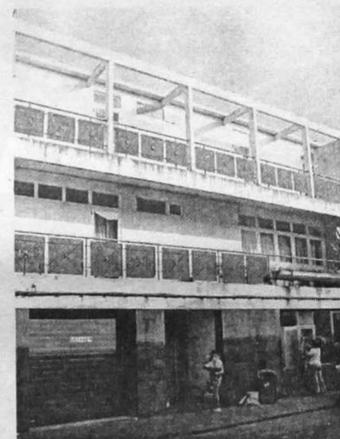
- A **Fábrica de Álcool**, na rua Adolfo de Medeiros, foi construída no último quartel do séc. XIX. O edifício da fábrica, hoje desactivada, é um magnífico exemplar de arquitectura industrial. Destacam-se a enorme chaminé e um conjunto de edifícios em pedra. Durante a II Guerra Mundial, serviu de aquartelamento a tropas do Corpo Expedicionário do Exército Português, posteriormente foi transformada em armazém de uma tabaqueira, recentemente, foi adquirida por um industrial de



no séc. XIX, mais precisamente no ano de 1832. Pouco depois, foi ocupado pelo Hospital da S. Casa da Misericórdia, onde ainda hoje se encontra. O edifício da igreja e o claustro são provavelmente do séc. XVIII. Fica situado na rua de S. Francisco.

- Ao longo da rua de S. Francisco, que a partir da igreja da Nossa Senhora da Conceição passa a denominar-se rua de Nossa Senhora da Conceição, chamamos a atenção para **duas interessantes tipologias arquitectónicas**, de acordo com a classificação proposta pelo Dr. Luís Bernardo Leite de Ataíde, no seu livro intitulado "Etnografia, arte e vida antiga nos Açores":

1- A de **pontas de diamante e avental**, surgindo em finais do



materiais de construção civil;

- A casa n.º 4 da rua Adolfo de Medeiros. No seu interior existe **um vão de porta com arco ogival abatido típico dos sécs. XIV a XVI**



encontro, ocorrido em Ponta Delgada, e os da Ribeira Grande, foram na sua maioria os mesmos, já que eram alunos do Colégio Fisher. Destes, alguns eram ribeirgrandenses.

(Segundo Mário Moura, *Ribeira Grande: Entender a Cidade*).

- O **convento Franciscano de Nossa Senhora de Guadalupe** foi fundado no séc. XVII e extinto

séc. XVI e permanecendo até meados do séc. XVIII:

Exemplos: Casas n.º 90, 68 e 61, entre outras.



2- A de **lintéis contracurvados**, cujos primeiros exemplares surgem em meados do séc. XVIII, prolongando-se os últimos exemplares conhecidos por meados do séc. XIX:  
Exemplos: A casa n.º 10 da rua de S. Francisco, tem gravada na fachada a data 1802; a n.º 74, na

séc. XVIII.

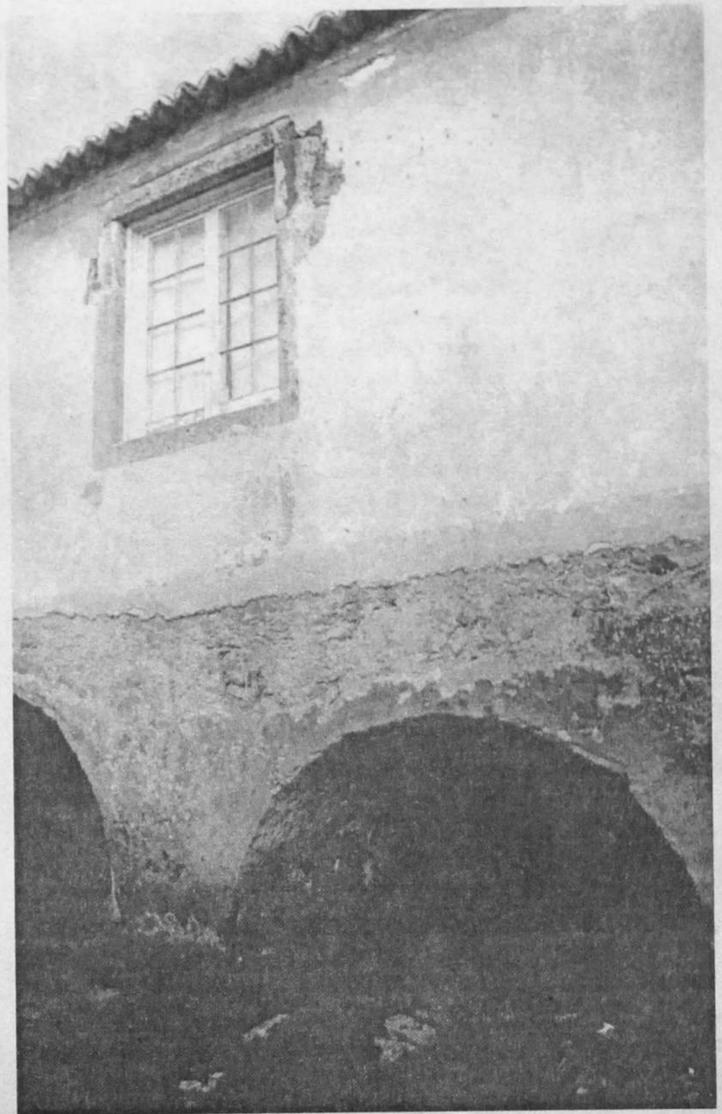
- **Casa n.º 9 da rua de São Francisco**, no canto desta rua com a de São Sebastião, no 1.º piso está o Centro Comercial da Ribeira Grande, é um exemplar da arquitectura da 'época da laranja', possivelmente da 1.ª ou

*Jordão, capitalista, proprietário e brasileiro. Azulejos oitocentistas micaelenses da Cerâmica Leite Pereira?*

- A **Escola Central**, na rua do Alcaide, edifício destinado ao Ensino Primário, terá sido concluído cerca do ano de 1931.

- Os **Moinhos do Vale** são herdeiros e descendentes dos moinhos quinhentistas da Ribeira Grande. A sua vala de água, ao mesmo tempo que alimenta os anteriores e os que lhes seguem, como já referi, serve de demarcação de fronteira entre as freguesias de Conceição e Matriz.

- A **Ermida de Nossa Senhora das Dores** é provavelmente de origem quinhentista, contudo, a feição actual será de finais do século XVII. Exibe na sua fachada a data de 1696. É conhecida por



- **Centrais geotérmicas** construídas a partir da década de setenta do século XX.

- **Ruínas da fábrica de Chá de José do Canto**, sita à Barrosa, a primeira construída nos Açores, no terceiro quartel do século XIX.

- **Areal da Ribeira Grande**, um dos melhores locais das ilhas e do país para a prática de 'windsurf'.

'ACCRG, Junta de Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, Acta da sessão do dia 2 de Fevereiro de 1896, Relatório sobre o arruamento paroquial - Projecto de demarcação e denominação das ruas da freguesia - Acórdão da utilidade pública do mesmo - Resolução final, da autoria do Padre Egas Moniz.  
**Fotografia: Otilia Botelho e Ricardo Rodrigues**



mesma rua, a de 1780; a n.º 48, 1788, sendo esta última um belo exemplar de casa de três pisos.

- A **residência da família Almeida Lima**, cujo projecto arquitectónico é da autoria do arquitecto João Rebelo, filho do famoso pintor Domingos Rebelo, construída na década de 60. É um dos raros exemplares da boa arquitectura modernista existente na Cidade da Ribeira Grande.

- A **igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição** foi construída na primeira metade do

inícios da segunda metade do século XIX.

- A **casa de João Vieira Jordão**, na rua de Nossa Senhora da Conceição, n.º 84, é um magnífico edifício oitocentista, cuja fachada é inteiramente revestida de azulejos de 1874, provavelmente fabricados na fábrica de Cerâmica Leite na Lagoa. Repare-se igualmente nas duas figuras alegóricas alusivas ao comércio e à indústria, colocadas junto ao telhado. É um bom exemplar de "Casa brasileira". Segundo Mário Moura, *A Casa de João Vieira*

Conceição Velha, ao que se crê, por ter sido a primitiva igreja paroquial. Egas Moniz afirma-o.

- O **Solar de Nossa Senhora do Vencimento**, uma casa de famílias nobres com capela anexa, pertence à família Canto Taveira. Provavelmente o solar terá começado a ser construído ainda no séc. XVII, prolongando-se, porém, pelo século XVIII.

- **Fábrica de Licor de Maracujá do Ezequiel**.



**Júlio Borges Moura**

# Nomes das nossas ruas



Segunda e última parte do Projecto de demarcação e denominação das ruas da freguesia de Nossa Senhora da Conceição, Cidade de Ribeira Grande, da autoria do Padre Egas Moniz, de 2 de

Fevereiro de 1896, cuja pesquisa foi feita pelo Sr. Luís Gamboa, sendo a transcrição da nossa responsabilidade. Esta cópia foi nos entregue pelo Padre António Rocha, após a ida do Sr. Luís Gamboa para os Estados Unidos da América do Norte. A seu pedido, e com muito gosto, demos à estampa tão importante documento.

São conservados os limites e denominações às ruas:

**Do Alcaide**, afluente da que se denomina do Vale;

**De Luís de Camões**, que a do Estrela intercepta e emboca pela que se diz Direita [rua de Nossa Senhora da Conceição];

**Do Estrela**, entremeadada nos Mercados;

**Do Vencimento**, que a ermida da mesma invocação encima;

**Das Rosas**, que sobe da sua afluência na do Vencimento até embocar na encruzilhada do Carcanha [canto formado pela confluência das ruas do Ouvidor, São Sebastião, Rosas e Hintze Ribeiro];

**Dos Apóstolos**, que entra pela que denominam dos Foros, girando com desembocadura na que se diz do Rego Esquerdo.

Para comemorar a estadia de D. Pedro IV



Na casa que forma a bocaça poliédrica da rua do Arco, fica esta até à afluência da Fonte-grande, ou de João do Outeiro, com o nome de **rua da Constituição** [actualmente ruas Dr. Eduíno Rocha e Mouzinho de Albuquerque].

Os grupos ditos do Vale e da Conceição Velha são desdobrados pelos lanços que as constituem, nas ruas seguintes:

**Rua da Salvação**, desde a ermida que a denomina, na embocadura, até onde enquadra com a rua do Alcaide; (estendendo às duas freguesias a mesma égide titular, assim como a rua é comum a ambas).

**Rua da Roda**, esquadriada (?) com a do

Alcaide, na desembocadura, e com a que chamam Funda; (para lembrança da roda de enfeitados que houve na segunda casa do lado sul, subindo, deste lanço da rua do Vale).

**Rua do Vigário Matias**, circunscrita ao derradeiro lanço do corpo subordinado ao título do vale, com foz na rua de São Sebastião; (perpetuando o nome do primeiro pároco que teve a freguesia).

**Rua das Dores**, constituída pelo corpo vertical do grupo da Conceição Velha, vulgo Calvário; (e de título justificado na moderna invocação da ermida sobranceira).

**Rua da Conceição Velha**, determinada pelo ramal perpendicular à de São Sebastião, que desemboca, subindo, no largo da ermida dominante; (para fixar a origem da paróquia e a invocação primitiva da mesma ermida).

**Rua do Chazeiro**, enquadrada na encruzilhada do Carcanha, por onde emboca, e na do Doutor Paula, ou de São Vicente, em que aflui; (derivando o nome da planta de chá que floresce na quinta adjacente do Ouvidor, para indicar no Concelho a prioridade local da vegetação do arbusto chinês, e pôr termo às variantes de Conceição Velha, Outeiro, Lagos, António Manuel e Ouvidor, porque a mesma rua é conhecida).

O agrupamento subordinado, sem razão plausível, ao título de **rua Funda**, fica, segundo os seus ramais, dividido em:

**Rua do Alverne**, confluenta com a das Dores para a que se diz Direita; (por homenagem da pátria a seu distinto filho o cronista Fr. Agostinho de Monte Alverne).

**Rua do Rodovalho**, que parte da antecedente para a sacristia da igreja paroquial; (no intuito de comemorar o apelido do padre Francisco Rodovalho Melo, primeiro cura que houve na freguesia).

**Travessa de Santa Ana**, que converge da rua antecedente para a embocadura lateral da torre da Conceição; (derivando o nome da capela do baptistério adjacente).

São também bipartidas, por seus ramais componentes, as ruas ditas de São Sebastião e do Rego Esquerdo, denominando-se:



No tocante à primeira:

**Rua de São Sebastião**, o lanço que sobe em esquadria da de São Francisco para a das Rosas; (por não *obliterar* a notícia da ermida que nela houve consagrada ao glorioso mártir narbonense).

**Rua do Bispo Leitão**, o lanço que desce esquadrado da de São Francisco até à trincheira do areal; (perpetuando assim na paróquia o nome do bispo que a erigiu, D. António Vieira Leitão, de santa memória).

Pelo que respeita à segunda:

**Rua de Bartolomeu do Quental**, o ramo embocado pela que chamam dos Foros; (em comemoração do venerável opositor à Matriz de Nossa Senhora da Estrela, que, nobilitando a família do célebre poeta Antero do Quental, de quem foram os terrenos contíguos, ilustra a igreja e a literatura nacional).

**Rua do Provedor**, o ramo que aflui da antecedente para a do Vencimento; (memorando o facto de Francisco Tavares Homem, administrador do solar adjacente, ser o primeiro provedor da Confraria do Santíssimo Sacramento erecta na paróquia e um dos seus instituidores).

As vielas designadas com o título promíscuo de Foral da Areia passam a denominar-se separadamente:

**Rua das Dunas**, a que vai desde a sua origem na rua do Bispo Leitão até às dunas do areal; (que lhe justificam o nome).

**Beco de João Vieira**, a viela oriental do grupo; (em memória do pobre campino que ali construiu a primeira casa em que mora ainda, como patriarca dos vizinhos).

**Beco de Manuel da Areia**, a viela ocidental do aforamento; (perpetuando de igual forma o nome do seu primeiro habitante, que preside também os demais com gravidade não inferior à de seu mano João Vieira).

Sem alteração dos limites actuais passam a denominar-se:

**Rua da Feira**, a da Praia, que conduz ao mercado das rezas, embocando pela esquina setentrional do mesmo;

**Rua do Infante**, a do Rodrigo, que vem da encruzilhada do Vencimento desembocar na viela das Dunas; (em lembrança do quinto centenário natalício do Infante D. Henrique, sob cujos auspícios se descobriu esta ilha).

**Rua de João Albino**, [actual rua Hintze Ribeiro], a dos Foros, que sobe, na direcção norte sul, do abocamento do Carcanha até esquadrar com a das Galinhas, [actual rua do Berquó]; (por ter sido o berço do príncipe dos poetas ribeiragrandenses João Albino Peixoto).

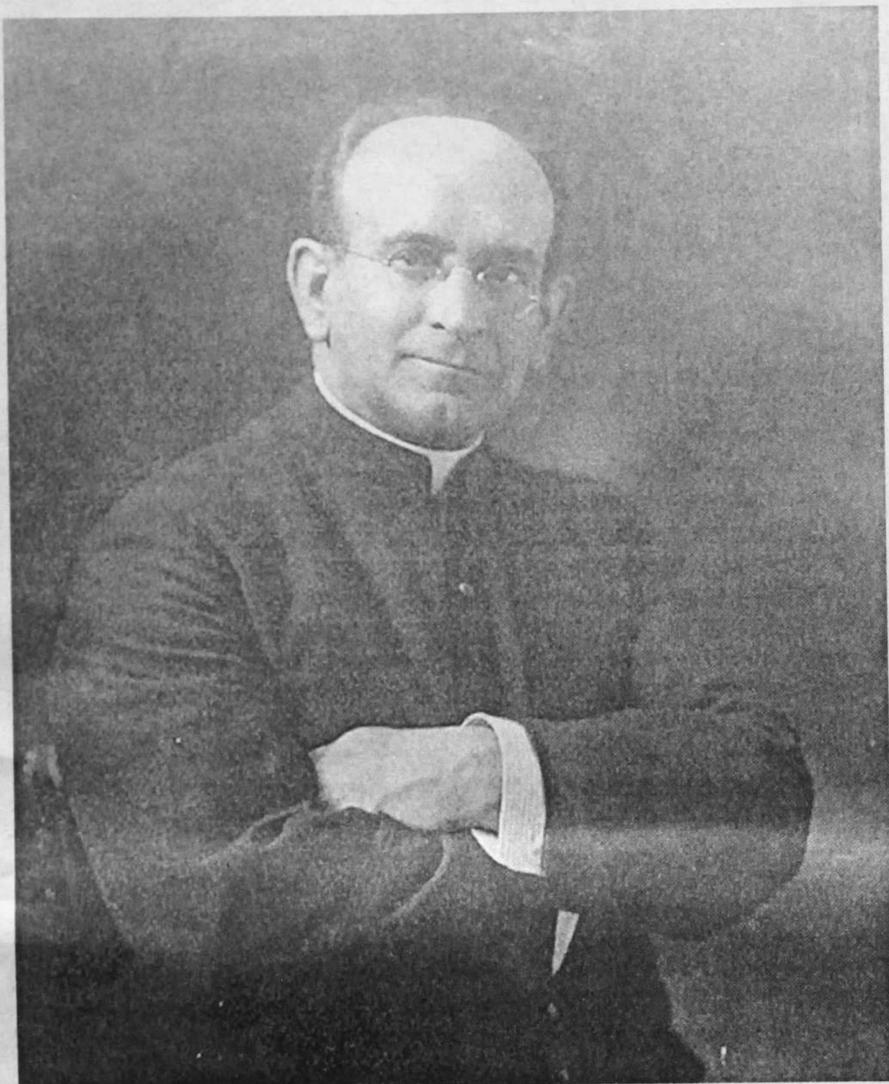
**Rua das Dezasseis Pedras**, a do cabo dos Foros, que conflui com a antecedente para o sítio do Pico Arde; (para recordar as inscrições lapidárias da ermida que o linhagista João de Arruda Botelho erigiu no mesmo sítio), [ainda no Museu Carlos Machado].

**Rua do Berquó**, a das Galinhas, ou das Gibas, cuja foz delimita as precedentes; (justificando-se a denominação no facto do doutor Francisco Berquó Delrio ser o primeiro visitador da Paróquia que lavrou capítulo para o seu regimen, e do apelido dele se conservar na família distinta que tem vivenda estival na mesma rua).

**Beco do Guido**, o que se prolonga com a rua das Galinhas; (por haver nascido e morado nele Guido Botelho, prestimoso na arte de encanar pernas fracturadas).

**Rua da Fábrica**, a da Palha, que converge da encruzilhada da de São Vicente, ou do Doutor Paula, para a confluência da antecedente no boqueirão da ribeira; (comemorando a fábrica de chitas estabelecida pelo Conde da Ribeira no século XVIII, de que restam apenas os vestígios locais da casa das tintas).

# Caixa Económica da Ribeira Grande: 2 de Janeiro de 1909



Cónego Cristiano de Jesus Borges



Dr. Eduino Rocha



«No dia 2 de janeiro [1909] iniciou as suas transacções a «Caixa Económica da Ribeira Grande» sociedade anonyma de responsabilidade limitada, por acções e é inacreditavel o capital que ella tem já em giro. No que não abunda é em pequenos depositos, pelo que se vê que o povo ainda não está educado para isso, parte que muitos d'entre elles os façam já e apregoem os benefícios que este estabelecimento lhes esta prestando. O depósito minimo nesta caixa é de 500 reis, o que mostra bem o cunho que lhe imprimiram, incitando todas as classes á economia. São actuaes directores em maioria os ex.mos snrs. Manuel Borges Velho de Mello Cabral, dr. Eduino Rocha e dr. Hermano da Silva Motta, coadjuvados pelo escripturario o ex.mo snr. Armando de Castro Carneiro. Durante a ausencia do ex.mo snr. Dr. Eduino Rocha, que actualmente se acha na ilha de Fayal,

ficou a substitui-lo o ex.mo sr. dr. Virgínio Cabral de Lima. Há muito que se fazia sentir a falta d'um estabelecimento d'esta natureza entre nós, e ha muito também que o sr. dr. Eduino Rocha afagava e estudava o projecto de o estabelecer. Testando havia já muito pol-o (Sic) em pratica antepozeram-se-lhe dificuldades que o demoveram por algum tempo do seu intento, até que finalmente em agosto passado tratou de novo o caso com o ex.mo snr. Conego Christiano de Jesus Borges, sendo outorgada em setembro a escriptura da sociedade perante o notário ex. mo sr. Manuel Tavares Corrêa. O capital social é de 25. 000. 000 de reis.<sup>1</sup> No mesmo jornal ribeiragrandense, de 4 de Setembro, a folhas três, anunciava-se que acabara de 'chegar pelo paquete S. Miguel á Caixa Económica d'esta villa, um novo cofre d'uma das mais acreditadas fábricas do Porto.' Um ano após a abertura é feito um balanço positivo: 'O estado florescente a que no primeiro anno

chegou a Caixa Económica Ribeira Grandense, é, na verdade, admirável e surpreendente. Um movimento de 130 contos, ninguém o podia prever, e por isso a todos causou admiração e espanto. O que este facto vem demonstrar, foi a urgente falta de há muito estava fazendo na Ribeira Grande, um estabelecimento de credito, onde os habitantes do concelho, tivessem ao pé da porta, o dinheiro necessário para as suas transacções. Foi um passo gigantesco que os ribeiragrandenses deram e que muito influirá no seu progresso e importância. E o futuro, não muito distante, se encarregará de demonstrar, quanto valorizou o concelho a fundação da caixa.'<sup>2</sup>

<sup>1</sup>A *Semana*, Ribeira Grande, N.º 1, 9 de Agosto de 1909, fl.2.

<sup>2</sup> *Idem*

***'O estado florescente a que no primeiro anno chegou a Caixa Económica Ribeira Grandense, é, na verdade, admirável e surpreendente. Um movimento de 130 contos, ninguém o podia prever, e por isso a todos causou admiração e espanto.'***

# Sociedade de Instrução e Recreio em 1912



Fotografia do acontecimento



'A nobre Sociedade Instrução e Recreio d'esta villa, mudou a sua séde da casa da Sr. Manuel Duarte Silva, da rua do Passal, onde

esteve provisoriamente installada, para a casa que o Sr. João Borges Cordeiro possui na rua de Nossa Senhora da Conceição [Possivelmente a casa onde hoje está instalada a loja e residência de Dinarte Ferreira Miranda].

No quintal do bello edificio que agora occupa, mandou a Sociedade construir um jogo de croquet, cuja inauguração, realisada no dia 16 de Junho passado, foi muito festejada, assistindo a filarmónica «Voz do Progresso» da distincta regencia do Sr. Fortunado ds (Sic) Lima, que tocou o hymno da Sociedade e muitas outras peças do seu variado e selecto repertorio.

O terraço subjacente a um caramanchão que existe no quintal, estava repleto de senhoras, cujas toilettes elegantes, policromaticas, tornavam o recinto lindamente pittoresco.

Ao ser iniciada a primeira partida, tocou

a filarmónica o hymno da sociedade e foram arremessadas inumeras girandolas de foguetes.

Terminado o Jogo, as Senhoras deram entrada nas salas da Sociedade, onde se dançou com muita animação até avançada hora da Noite.

Foi uma bella festa, que deixou uma grata impressão na memoria de todos os assistentes.

A Sociedade tem continuado a ser muito frequentada todos os domingos, por muitas damas e cavalheiros, que se reúnem nas salas ao findarem as partidas de croquet, terminando a diversão por animadas soirées dan-

çantes.

Muito folgamos de que esta illustre Sociedade se mantenha à altura das suas nobres tradições e fazemos votos para que conserve a florescente prosperidade que gosa actualmente.<sup>11</sup>

<sup>1</sup>Correio do Norte, Ribeira Grande, N.º 1, 6 de Julho de 1912, fl.3.

Célia Cabral Pereira

## As primeiras projecções cinematográficas na Ribeira Grande: 1910

(continuação da última página)

Convém salientar que em 1914, as sessões cinematográficas tinham já conquistado a simpatia de muitas pessoas da Ribeira Grande. Temos informação de sessões assistidas por 300 pessoas, o que, para a altura seria muito significativo. Tal afluência demonstra à sociedade o entusiasmo que reinava naquela altura entre a população da Ribeira Grande.<sup>13</sup> Em 1916, elogiava-se as pessoas que faziam sacrifícios para proporcionar bons espectáculos cinematográficos, no entanto, havia um obstáculo que era a má formação do povo, visto este ser 'na sua maioria analfabeto, não entende as fitas, preferindo as palhaçadas, assumpto tão

proprio para ferir a atenção das creanças, e entreter-lhes o espirito infantil, superficial e impressionista.' Apellando-se para a necessidade de se fundar na Ribeira Grande uma Casa de espectáculos publicos ou um Salão cinematográfico com palco.<sup>14</sup>

Entre 1916 e 1917, no Coliseu Social foram apresentadas várias sessões de cinema, no entanto, eram apresentados espectáculos de variedades.<sup>15</sup>

No ano seguinte, procedeu-se à angariação de accionistas para a constituição de uma sociedade tendo por meta a construção de um Salão Cinematográfico na Ribeira Grande.<sup>16</sup>

Após esta breve exposição, podemos dizer que desde na primeira década do século passado, o cinema se tornou um meio de entretenimento e de instrução para a população local.

<sup>1</sup>A Semana, Ribeira Grande, N.º 23, 8 de Janeiro de 1910, fls. 3-4.

<sup>2</sup>Correio do Norte, Ribeira Grande, N.º 29 Janeiro de 1910, fl.3.

<sup>3</sup>A Semana, Ribeira Grande, N.º 47, 25 de Junho de 1910, fl.4.

<sup>4</sup>Correio do Norte, Ribeira Grande, N.º 8, 24 de Agosto de 1912, fl.3.

<sup>5</sup>A Estrela Oriental, Ribeira Grande, 7 de Setembro de 1912, fl.3.

<sup>6</sup>Correio do Norte, Ribeira Grande, N.º 10, 14 de Setembro de 1912, fl.3.

<sup>7</sup>Idem, N.º 18, 16 de Novembro de 1912, fl.3.

<sup>8</sup>Ibidem, N.º 14, 12 de Outubro de 1912, fl. 3.

<sup>9</sup>Ibidem, N.º 19, 23 de Novembro de 1912, fl.3.

<sup>10</sup>A Estrela Oriental, Ribeira Grande, 30 de Novembro de 1912, fl.2.

<sup>11</sup>Correio do Norte, Ribeira Grande, N.º 20, 30 de Novembro de 1912, fl.3.

<sup>12</sup>Idem, N.º 42, 10 de Maio de 1913, fl.3.

<sup>13</sup>Idem, N.º 20, 17 de Outubro de 1914, fl.3.

<sup>14</sup>Ecos do Norte, Ribeira Grande, N.º 2, 15 de Julho de 1916, s. fl.

<sup>15</sup>Idem, N.º 27, 6 de Janeiro de 1917, s. fl.

<sup>16</sup>Idem, N.º 111, 7 de Setembro de 1918, s. fl.

## A minha selecção

# João Correia, médio centro

Nascido para o futebol no *Sporting Clube Ideal*, para o ano de 1966, ainda no tempo do *centro campista* Manuel Pedro, jogador seu ídolo, João Correia haveria de se evidenciar como um atleta de rija personalidade. O futebol até foi um meio para a sua afirmação pessoal e no seio da comunidade. Jogador com domínio sobre largos espaços, abnegado pela bola, sempre com condição física exemplar, até treinava no chamado *período do defeso* [entre as épocas], fazia o esférico correr em todo o campo. Era um jogador para o colectivo, para o envolvimento total da equipa. O factor individual, nomeadamente o drible, só deveria ser utilizado como recurso. Aprendera a lição com o Manuel Pedro. Aliás, acabou por ser o seu substituto no centro do terreno. 'Tive muito orgulho em substituir o Manuel Pedro [diz João Correia]. Quando este emigrou eu estava a iniciar a minha carreira de futebolista, na equipa sénior do *Ideal*. Eu ao lado dele não me considerava um jogador. Ele era um futebolista completo. Por exemplo, fazia golos de cabeça como ninguém. Sempre me considerei um jogador do meio campo. Sentia-me bastante bem no miolo do terreno; na ala esquerda nada bem; na direita mais ou menos. E uma coisa que incessantemente fiz foi nunca deixar de mostrar grande abnegação ao jogo: lutar muito pela bola e apoiar os colegas'. *Idealista* inflamado só não representou o Clube da Ribeira Grande na temporada de 1976-77, tendo nesta sido jogador do *Operário* da Lagoa. Esse curto afastamento deveu-se ao desejo de desenvolver ainda mais a sua capacidade futebolística, coisa que o *Ideal*, à altura, um segundo divisionário, não o permitia. 'Foi com alguma pena minha que deixei o *Ideal*, que sempre foi a minha equipa. Sentia que tinha algumas potencialidades para jogar mais e melhor futebol', recorda João Correia. E assim teve. Nessa época de *médio centro* saltou para *ponta de lança*. Os golos ultrapassaram os vinte, lembra. *Verde* de coração, aspirou jogar no *Lusitânia*, da Ilha Terceira, não o conseguindo. O *Santa Clara* convidou-o, porém, os estudos negaram-no.

João Correia, 51 anos, Jurista, jogou futebol durante 16 anos. No *Sporting Clube Ideal* foi jogador, treinador e director. Terminou a sua carreira, 'sem grande currículo', reconhece, num momento de grande revolução no futebol da Ribeira Grande: o factor dinheiro, mobilizador para a rotação/permuta de jogadores e de treinadores, com consequências já sobejamente conhecidas, por um lado, notórias melhorias ao nível de treinos e qualidade de jogo, e, por outro, criação de fissuras na relação *adepto-jogador*, inclusive, perturbação na gestão desportiva. No caso do *Sporting Clube Ideal*, revolução essa iniciada por Fernando Anselmo. Estávamos na temporada de 1979-80. O *Velho Ideal* acabara. O futebol na Ribeira Grande iria começar a percorrer um caminho que o levaria a forte afirmação, qual nova identidade, dentro da Ilha e da Região.

### Velho Ideal: treinar avulso

Naquele *Velho Ideal*, e até mesmo nos seus

rivais ribeiragrandenses, onde a paixão desinteressada pela bola, o chamado amadorismo puro, era o denominador comum, João Correia confirma que se treinava de um modo avulso. 'No meu tempo, o treino era rudimentar. Tive várias experiências de treino. Estou em condições de dizer que a maioria dos treinadores que tive na minha carreira não preparavam os treinos. Não tinham grande qualidade, nem podiam ter já que não havia formação. Davam-se uns pontapés à baliza, marcavam-se uns *pontapés de canto* e faziam-se treinos de conjunto. No fundo, íamos para o campo jogar futebol. Eram treinadores com poucas evoluções'. Já

Um novo ânimo na qualidade do jogo e na gestão ao nível do dirigismo desportivo aparecera. As suas consequências foram ambivalentes.

### Revolução de Fernando Anselmo Bico d'obra

Fernando Anselmo, natural de Ribeira Seca, Ribeira Grande, ligado ao *Ideal* como *unha com carne*, criou um *Novo Ideal*, uma equipa recheada de muitos jogadores de *fora de casa*, desafogando, por exemplo, o histórico sectarismo entre *Benfica Águia* e *Sporting Clube Ideal*. As duas equipas eram o reflexo das condições sociais e

A revolução de Anselmo propagar-se-ia aos restantes Clubes da terra. O *Atlético de São Pedro* tem aspirações e 'contrata' jogadores. O *Ribeirinha* o mesmo. Por último, o *Benfica Águia*, que durante anos aspira a um campeonato da I Divisão Distrital, acaba por ser a primeira equipa ribeiragrandense a conseguí-lo [época: 1982-83], o que a leva ao Campeonato da III Divisão Nacional, Série E [temporada: 1983-84]. O *Ideal* segue-lhe as pegadas, mas já sem João Correia, no campeonato de 1984-85. O *Ideal* de finais de oitenta, duas vezes campeão de São Miguel, é o vivo exemplo da mais diversa origem de jogadores.



como jogador do *Operário* da Lagoa haveria de ter boa oportunidade de conhecer treinadores brilhantes. 'No *Operário* foi o ano em que treinei mais nos aspectos físico, técnico e tático. O chamado *trabalho de balneário* [psicológico e tático] também o fazíamos'. João Correia rememora o trabalho Manuel Inácio de Melo e de João Gualberto, este último com capacidade de por a equipa 'a jogar com os olhos fechados'. 'Fazia a equipa movimentar-se dentro do campo de uma forma praticamente automática. As movimentações dos jogadores e as jogadas, que não eram muitas, mas eram estudadas, facilitavam o nosso desempenho. Fez-me jogar um futebol melhor e até fez-me marcar golos. É certo que como jogador do meio campo marcava golos, mas com o João Gualberto, que me colocou a jogar como *ponta de lança*, marquei muitos golos', diz. Porém, como treinador do *Ideal* João Correia recorda, com muito agrado, o seu trabalho ao nível do apuramento físico e técnico dos jogadores. A parte tática deixava-o a outro, bastantes vezes ao Fernando Anselmo. Desse *Velho Ideal* resta, acima de tudo, as memoráveis subidas à I Divisão Distrital nas épocas de 1972-73 e de 1977-78. Dos seus gloriosos atletas, de sessenta e setenta, nenhum deixou rasto simbólico perene. 'Os grandes jogadores do *Ideal*, que poderiam ser símbolos para o Clube, tal como o Manuel Rita para o *Benfica Águia*, emigraram [afirma João Correia]. Não jogaram no seu Clube o número de anos suficientes para que se transformassem em marcos. Podia falar do Manuel Pedro e do vulgarmente conhecido Fernando *Renegado*, avançado centro de técnica apuradíssima. Nunca joguei com ele mas vi-o jogar. Era uma referência que arrastava adeptos.' Entretanto, uma revolução aproximava-se.

económicas dos seus elementos. Do ponto de vista futebolístico até a ex-Vila da Ribeira Grande se encontrava geograficamente dividida. João Correia salienta que 'Os do *Águia* [de quem sempre foi um admirador; aliás, a sua infância foi marcada positivamente pelas equipas do *Benfica Águia*] vinham do litoral, da areia. Já eu jogava futebol no Largo das Freiras e no Asilo Bernardo Manuel da Silveira Estrela. Eram zonas completamente distintas. Com diferenças sociais e económicas bem evidentes. A do litoral mais pobre, a do interior mais rica. Nesse cenário, as permutas de jogadores entre *Ideal* e *Águia* eram muito difíceis'. Na reviravolta protagonizada por Fernando Anselmo do *Águia* vão para o *Ideal*: Manuel Rita, António Grilo, António China; do *Atlético de São Pedro* José Pereira; não se esquecendo alguns continentais. Era o início da rotação/permuta de jogadores entre as várias equipas da Ribeira Grande, mas não só, de que os anos oitenta são bem a prova. Ainda para o *Ideal*, o treinador deixa de ser um curioso com alguma experiência da bola [em regra ex-jogadores, experimentou João Correia] e passa a ser um Técnico credenciado. Falámos de José António Cordeiro, um natural da Ribeira Grande. João Correia evoca o seu metódico trabalho. Não foram campeões da Ilha de São Miguel na época de 1979-80, mas em meados de 80 bem que souberam jogar contra o *Sporting Clube de Portugal* no Campo Municipal de Ribeira Grande, a convite do *Ideal*. 'Neste jogo [recorda João Correia] eu e o *Pedrinho* Cordeiro sentimos que tínhamos jogado de igual para igual. Perdemos por dois a zero. Os do *Sporting* não terão dado tudo o que tinham para dar, mas acho que conseguimos jogar próximos deles'. Parece que o vinco para novas concepções de treino e de jogo fora implantado.

Em jeito de conclusão, poderemos adiantar que Fernando Anselmo contribuiu para que o futebol ribeiragrandense revelasse grande pujança durante a década de oitenta. As vitórias de Ilha e Regionais disso são prova. Porém, um outro lado da sua revolução haveria de se evidenciar. 1. As ligações *adepto-jogador*, tão fortes anteriormente, tendem a desaparecer. Os adeptos já não se revêm nos jogadores de *fora de casa*. Afastam-se dos Campos de Futebol. 2. Os dirigentes desportivos, na sua grande maioria, não souberam gerir a nova realidade financeira, subitamente, introduzida no futebol da Ilha e da Região. As equipas da Cidade ribeiragrandense começam a desaparecer: *Atlético*, *Benfica Águia*, *Ribeirinha*. Actualmente, só o *Ideal* sobrevive. [Na opinião de João Correia há que fazer ressuscitar o glorioso *Benfica Águia*]. 4. Equipas da Ilha de São Miguel começaram a militar em campeonatos de nível nacional, de que o *Santa Clara* é o melhor exemplo. 5. Por fim, a Televisão, com as suas transmissões de jogos nacionais e internacionais, encarregou-se de deslocar e adensar outros interesses clubísticos. Para a relação *adepto-jogador* João Correia lembra o seguinte: 'Quando jogava futebol a massa associativa que acompanhava a equipa era em número muito razoável. Vivía o jogo em si de uma forma emotiva. O jogador não se sentia sozinho no campo. Sabia que tinha muita gente a vê-lo jogar. Isso era muito estimulante. Sem embargo, o futebol que actualmente se pratica na Ilha e nos Açores evoluiu bastante. Os jogadores têm mais capacidades. A rapidez do jogo é outra. Os treinadores têm formação. Contudo, essa melhoria não fez nem faz com que as pessoas vão ao futebol'. Um *bico d'obra* a revolução de Fernando Anselmo! A mitologia clássica com o seu deus Janus bem merece ser recordada.

**Obs.:** Os conceitos *Velho Ideal* e *Novo Ideal* devemo-los aos trabalhos do Mestre Mário Fernando Oliveira Moura, porém, aqui utilizados em contextos históricos diferentes.

# A lenda da flor do maracujá

Esta deliciosa e intrigante história é conhecida em todo o mundo, com apenas algumas variantes. Na Europa actual a lenda é baseada na *Passiflora caerulea*, muito provavelmente porque ela foi a primeira espécie do género *Passiflora* a ser introduzida no continente europeu.

Aqui nos Açores a única espécie cultivada é a *Passiflora edulis Sims*.

Todavia, a história original foi sem dúvida alguma baseada em alguma outra espécie desconhecida actualmente, supostamente com folhas em forma de lança e glândulas negras na parte inferior das folhas.

A História conta-nos que em 1609 Jacomo Bosio, um monge que arduamente trabalhava no seu tratado sobre a Cruz do Calvário, quando um frade agostinho de nome Emmanuel de Villegas e mexicano de nascimento, chegou a Roma. Ele mostrou a Jacomo Bosio o desenho de uma flor maravilhosa, mas Bosio hesitou em incluir o desenho no seu livro para glória de Cristo. Contudo, depois de receber mais desenhos e descrições dos padres da Nova Espanha e depois de ver os desenhos finalmente publicados pelos Dominicanos de Bolonha, ficou satisfeito por saber que esta fantástica flor realmente existia. Ele considerou esta flor como o mais incrível exemplo da *Croce Trionfante* descoberto na floresta. Ele notou que a flor não representava propriamente a Cruz de Cristo, mas mais os mistérios da Paixão.

No Perú, na Nova Espanha e nas Índias Ocidentais, as pessoas de descendência castelhana ainda a chamam de *Flor das Cinco Chagas*.

Bosio observou que a flor em forma de campainha levava muito tempo a se formar e que depois apenas permanecia aberta durante um único dia. Bosio escreveu: "É possível que na Sua infinita sabedoria, Ele tenha

criado esta flor para indicar que os Mistérios da Cruz e da Sua Paixão, necessitassem ser ocultados dos povos gentios desses países, até ao tempo predestinado pela Sua imensa magestade".

O maracujá de Bosio exhibe a coroa de espinhos (que são os filamentos da corola), os três pregos (que são os três estigmas florais) e a coluna da flagelação (o androginófero), tal como eles aparecem representados nas insígnias eclesiásticas. Ele escreveu que algumas variedades de maracujá na Nova Espanha, têm os filamentos da corola com bandas alternadas de rosa escuro e branco, sugerindo uma coroa de espinhos manchada com sangue. Bosio descreve a coluna (androginófero) no centro da flor rodeada pela coroa de espinhos e encimada pelos 3 pregos. Junto à base da coluna existem os 5 estames que representam as cinco chagas recebidas por Cristo na cruz.

Nos filamentos da corola existem ao todo 72 filamentos, o que segundo a Tradição era o número de espinhos existentes na coroa de espinhos que foi colocada sobre a cabeça de Cristo.

O maracujá de Bosio tinha também abundantes e bonitas folhas com a forma da ponta de

uma lança e a parte inferior das mesmas apresentava 30 manchas negras arredondadas, significando as 30 moedas de prata com as quais Judas traiu Cristo.

Os autores europeus posteriores que desejavam fazer do maracujá um exemplo maravilhosamente misterioso do trabalho de Nosso Senhor, apenas tinham a *Passiflora caerulea* e assim a história teve que ser revista. Foi então retirada a parte das folhas em forma de lança e com as respectivas manchas. Por conseguinte, acrescentou-se outra coisa: as folhas da *P. caerulea* que possuem 5 lóbulos, passaram a representar as mãos dos homens que condenaram Cristo à morte. As pétalas brancas significam a pureza e o total das 10 pétalas representam os 10 apóstolos presentes durante a Crucificação. Pedro e Judas estavam ausentes. As três brácteas florais representam a Santíssima Trindade e as gavinhas todas enroladas, representam as cordas com as quais amarraram Cristo na cruz.

É por este motivo que o maracujá também é conhecido por *flor da paixão*, também designado na língua inglesa por *passion flower*. *Passion* significa paixão e *flower* flor.

Paulo Miranda

**Nota:** Para mais informações sobre o maracujá e as várias espécies do género *Passiflora*, envie-me um email, ou consulte na internet, a página da *Sociedade Internacional de Passifloráceas (PSI)*: <http://www.passiflora.org>

Consulte também estas outras páginas:  
<http://www.passiflora-uk.co.uk>  
<http://www.passiflora.it>  
<http://www.passiflora.info>  
<http://listserv.surfnet.nl/archives/passiflora-L.html>  
<http://mobot.mobot.org/W3T/Search/image/iix203.html>  
<http://www.passiflora.ru>  
[http://groups.yahoo.com/group/Passiflora\\_Images](http://groups.yahoo.com/group/Passiflora_Images)  
<http://www.passionflow.co.uk>  
<http://www.henkwooters.myweb.nl>  
<http://www.passiebloem.nl>  
<http://brazilianplants.cjb.net>  
<http://membres.lycos.fr/houelc>  
<http://www.passiflorasite.100.nl>  
[http://www.toms-treibhaus.de/Startseite/Passiflora/\\_passiflora\\_.html](http://www.toms-treibhaus.de/Startseite/Passiflora/_passiflora_.html)

## Memórias da Minha Terra...



Embalado na magia da ribeira que, ora medonha, ora sonolenta, sussura sempre grande e orgulhosa pelo meio da cidade bonacheira... em quentes verões, nas folgas da sebenta, horas a fio passei eu à sua beira nos jardins da então vila buliçosa...

E a água saltitando corria ao mar...

Cismando como os filósofos d'outrora que decifravam da vida o mais profundo, ou chilreando qual belo passarinho quando desperta radiante aurora, sonhava eu voar, desvendar meio mundo à cata da felicidade em boa hora, ignorando as agruras do caminho...

E os passarinhos trinavam nos ninhos...

Era jovem e... com castelos sonhava... porventura mais alterosos e lindos que o das Poças, nos íngremes rochedos onde o mar azul banhistas afagava, e mil outros teciam sonhos infindos no areal que outrora não findava da nua costa nos sombrios penedos...

E o sol acalentava sonhos doirados...

Em dias de festa, repicavam os sinos exultando fé e boa disposição, e com garbo marchavam bandas musicais que vinham dos mais variados destinos abrilhantar a majestosa procissão em uniformes elegantes e finos, com passos muito solenes e magistras...

E a música empolgava os corações...

Que alegria o povo em festa era ver, bons amigos, todos os entes queridos irmanados, em júbilo genuíno, num só sentir, num só vibrar e num só crer... emocionados e agradecidos a Deus e também ao próximo bendizer nesses dias de homenagem ao Divino...

E ouvia-se o dueto dos sinos e dos foguetes...

Memórias gravadas no meu coração, perenes, imutáveis, eternamente... enquanto palpitar com alento e vida, e raízes tiver no meu natal rincão... enquanto vibrar em mim alma e mente até à minha última exalação, com leal amor as saberei acalentar...

E saudades infindas apertam o coração...

Fernando Soares Silva

A Junta de Freguesia de Conceição deseja



Feliz Natal e próspero ano novo



# FUSOLÂNDIA

'Depois de sairmos da nossa terra, a gente é Portugee na América e Calafona nos Açores, mas não é uma coisa nem outra...'



## Ribeira Grande: Uma 'Ponte' aberta para o 'Rio Atlântico' e sua Diáspora

*Parafraseando o escritor açoriano João de Melo, não exagerarei se vos disser que hoje somos "gente feliz com lágrimas", regressámos a casa – à nossa querida Ribeira Grande.*

*Voltámos às origens, à terra que nos viu nascer.*

*Este Encontro é mais um "mergulho nas nossas raízes" com a particularidade, desta vez, de ser cá, no nosso berço natal.*

*Muitas têm sido as iniciativas sócio-culturais levadas a cabo por "ribeiragrاندenses" da diáspora a fim de manterem viva, nos nossos espíritos e na nossa alma, a nossa Ribeira Grande e suas gentes. Os "Convívios dos Naturais do Concelho da Ribeira Grande" e os Encontros dos "Amigos de Rabo de Peixe" que anualmente têm tido lugar nos Estados Unidos e Canadá, acontecimentos estes que congregam centenas de ribeiragrاندenses e rabopeixenses, são bom exemplo de dinamismo e de amor dos nossos emigrantes ao torrão natal.*

(Continua na página 6)

Boas Festas

IDEAL



NANA

Boas Festas

MODE

Rua Sousa e Silva nº 58  
Matriz - 9600 RIBEIRA GRANDE  
Tel: 296 474 563

- > Roupa de criança
- > Lingerie
- > Roupa de senhora
- > Sapataria
- > Peles

# Dinis Paiva – 25+1 Anos de Espectáculo!



Num domingo, no dia 18 de Novembro de 2001, no restaurante "Venus de Milo", em Swansea-Mass, o

conhecido Dinis Paiva foi alvo de uma justa homenagem pelos seus vinte e cinco anos de carreira artística.

Associaram-se a esta festa um bom número de cantores, várias entidades locais, nomeadamente políticos e dirigentes de organizações culturais e desportivas.

A popularidade do homenageado é tanta, que as cerca de mil pessoas ali presentes, pareciam ser todas seus familiares.

Muita música, muitas ofertas, muitos risos e gargalhadas preencheram os intervalos do banquete. Quem conhece Dinis sabe muito bem que a boa disposição é obrigatória nestas e noutras ocasiões.

Nasceu no Porto Formoso - concelho da Ribeira Grande em 1946, e passou parte da sua infância e juventude na ilha Terceira, onde se iniciou no mundo do espectáculo, primeiro no folclore e depois no teatro.

Enquanto foi militar (fuzileiro da Marinha) cantou muito. No Ultramar, com o seu hábil dom de contar anedotas, animava os natais dos soldados com música e gargalhadas. E em Lisboa

cantou com amigos, e depois na Ribeira Grande, onde foi um dinâmico morador. Na terra dos fuseiros fez muitas amizades. Muita gente ainda se deve lembrar da sua ligação com o *Benfica Águia*.

Emigrou para os Estados Unidos em 1974 e, em Fall River, nas noites de fado cantava no restaurante *Sagres*.

Em 1978, apareceu a sua primeira gravação e em 1980, a segunda.

Trabalhou muito tempo com Jorge Ferreira, depois comprou o restaurante *Estrela do Mar* em East-Providence, onde conheceu muitos (e bons) artistas e amigos.

Participou com "cantorias e bailaricos" no filme "MYSTIC PIZZA" e num outro intitulado "A ALEGRIA DE UM PARA A DESGRAÇA DE DOIS".

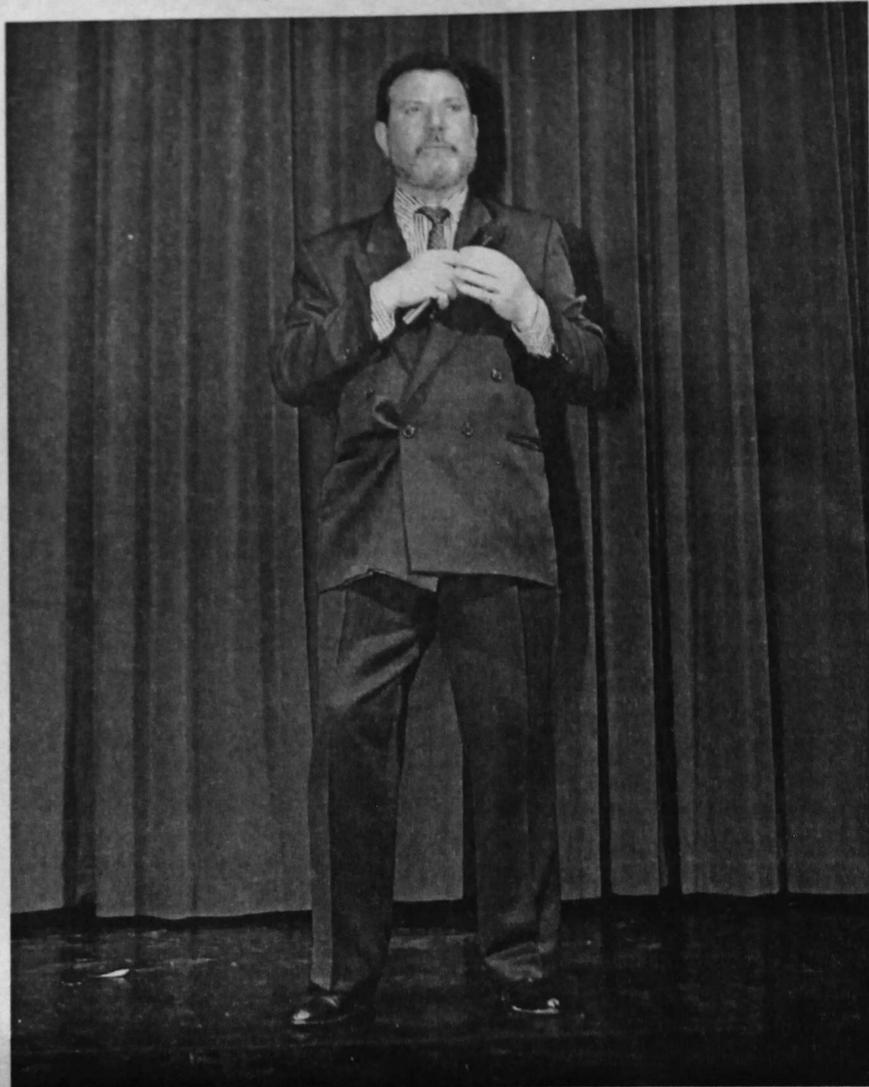
Actualmente é dono do restaurante *O Dinis* (em East-Providence).

Faz uma média de 60 espectáculos por ano e diz que nunca leva nada preparado para o palco, porque nunca sabe o tipo de espectadores que vai encontrar.

Tem sido ao longo dos anos (desde o primeiro) o Mestre-de-Cerimónias nos banquetes de confraternização dos ribeiragrandenses na Nova-Inglaterra.

Para além de programas radiofónicos que já realizou, também colabora com a televisão portuguesa (Canal 20) e com todos os que necessitam da sua ajuda.

Enfim é um "Homem" da comunidade luso-americana. É único pela sua habilidade de "troca de pronúncias". Quem não o conhece pode ser facilmente baralhado, principalmente quando a mesma pessoa faz um diálogo entre 3 ou



4 indivíduos imaginários.

Por isso, até mesmo uma anedota sem pés nem cabeça, se for contada pelo Dinis, faz rir toda a gente!

É com muita alegria que nos congratulamos com o "nosso" José Dinis e

dizemos com orgulho que ele é um dos nossos. Parabéns!

Alfredo da Ponte

## Os quês e os porquês

# Uma estória de fim de ano

ponte@aer.com



Não tarda nada o ano velho está aí a cair de morto, e às doze badaladas da meia-noite vai ser outra vez uma roqueirada de encher o olho, só fogo de vista para a gente esbugalhar os olhos e ver estrelas de todas as cores a cair pelo céu abaixo. Não havia necessidade, com tanta estrela que já há no céu, umas supernovas, outras infinitamente velhas, umas anãs brancas, outras gigantes vermelhas, mais buracos negros e poeira cósmica, mas alto lá, que se me meto por aí vou parar ao fim do mundo.

A culpa desta arengada é ser muito distraído e ter ido passear para o hiper das poucas vergonhas consumistas, e vai daí dei de caras com um grande saldo "reveillon", lembrava-me lá o que isso era, mas estava lá escarrapachado, pague um, leve uma dúzia, e eu levei. Achei a coisa pesadona, mas não podia ser o preço, que estava em saldo, e quando cheguei a casa, tudo já bem chocalhado da calçada, vi que trazia uma carrada de garrafas, todas com rolha a mais, aqueles cabeços de cortiça a espichar pelos respectivos gargalos, e ainda por cima tudo bem apertado com verga retorcida.

Essa agora, só mesmo para chatear o freguês, e fui aos arames, quer dizer, despartei o vergame, e ainda estava a pensar distraído como ia meter o saca-rolhas naquela

cortiça toda, quando a pequena armada de garrafas começou aos tiros, uma boa dúzia de estoiros, imaginem, tal salva de rolhas foi acertar em cheio no tecto, fez ricochete, por pouco que não me deixava a casa em cacos e me dava cabo do canastro. Eu podia estar distraído mas não estava tolo, percebi logo, aqui há gás, e havia, gás carbónico ou dióxido de carbono, o tal do aquecimento global e do efeito de estufa, por que diabo hão-de dar vinte nomes à mesma coisa, é só para confundir a gente. E como a pressão dentro das garrafas de espumante era grande, daí aquele peso do vidro grosso, a rolha a espichar, os chatos dos arames, a ver se o gás carbónico não saía antes da hora, mas safu, e agora!?

Estava eu atarantado com aquele gás todo, já tinha lido algures ser aquilo uma criação de Baco, ou eram as

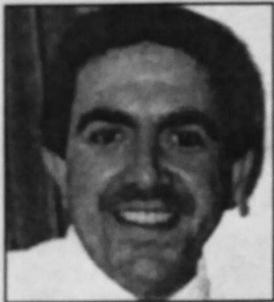


leveduras que causavam a fermentação do mosto, não interessa agora, e dei por mim à procura de copos para aproveitar o que ainda jorrava daquele arsenal de canhões de cortiça e espuma. O gás carbónico escapara-se mas não todo, ainda havia muito dissolvido, porque o espumante continuava a borbulhar nos copos, mas coisa estranha, borbulhava só em certos sítios. E foi quando percebi que o gás não podia de repente dizer, pronto, vou-me embora, estavam as moléculas sozinhas, aqui e ali, no meio do espumante, primeiro precisavam de achar parceiras, que a união faz a força, e melhor oportunidade para isso não havia que uma bolha já formada numa imperfeição qualquer nas paredes dum copo. Aí se agregavam, primeiro uma, depois muitas mais moléculas de gás carbónico, até fazer uma bolha que se visse e subisse até à superfície, para logo outra se formar e lhe seguir o rasto, e assim por diante.

Era ver aquela profusão de copos e garrafas, aquilo parecia um campo de fontes hidrotermais no fundo do oceano, uma maré de chaminés de gás carbónico, e eu a pensar que o espumante ia deixar de o ser antes do tempo, as borbulhas não aguentavam até ao "reveillon", que era a noite de fim de ano, já me lembrava. Ora, para grandes males, grandes remédios, o ano acabava ali, roqueirada já tinha havido, bebia-se o que restava, logo e já, e era assunto arrumado. E foi, mas antes que fosse, arranjei-vos esta arengada.

Rui Melo Ponte

# Convívios de Ribeiragrandenses nas Américas



Os anúncios de encontros de gente, de um ou outro lugar de origem, de há alguns anos a esta parte, na

América são muito frequentes para quase todos os fins-de-semana. Destes tais chamados "convívios", até já nasceram organizações e, uma delas é o Convívio Ribeiragrandense da Nova Inglaterra, que este ano completou o seu décimo aniversário.

Desta organização, cerca de 7 anos depois, nasceu um rebento no Canadá e ao que parece, os ribeiragrandenses da diáspora estão agora mais unidos do que nunca.

## O Convívio em Montreal

No passado dia 5 de Outubro, a província canadiana de Quebec, pelo quarto ano consecutivo saudou os naturais e amigos do concelho da Ribeira Grande. O encontro dos ribeiragrandenses, como nos anos anteriores, teve lugar na cidade de Montreal, no salão de festas da igreja de "L'ENFANT JESUS". No referido lugar, estiveram presentes cerca de 500 pessoas, incluindo pouco mais de quarenta que foram dos Estados Unidos. Várias figuras da Ribeira Grande se fizeram deslocar a esta festa, que foi abrilhantada por diversos artistas portugueses residentes naquela província, finalizando com o grande nome da música portuguesa, Marco Paulo, que foi ao Canadá com este propósito, sem trazer consigo a sua orquestra. A Câmara Municipal de Ribeira Grande fez-se representar pelo seu Vice-Presidente, o Sr. Filomeno Gouveia, que veio acompanhado pela esposa. A Junta de Freguesia de Matriz, "enviou" o seu Presidente, António Anacleto, nosso antigo colega de escola, de quem temos boas recordações, acompanhado pela simpática esposa Marta, nossa antiga vizinha. O Sr. Albano Garcia representou a Casa do Povo e o Sr. Ildeberto Piques Garcia representou-se a si próprio, sendo acompanhado também pela esposa. Rever conterrâneos é sempre agradável. Vimos em Montreal, pessoas que nem sequer sabíamos ter emigrado da 'sua' Ribeira Grande, e outras de quem matámos muitas saudades.

## A Pinta da Eduarda

Havíamos conhecido a Eduarda, nos tempos do ensino secundário, sempre com aquele charme que fascinava a

rapaziada. O seu perfume de baunilha mis-turado com a laca que usava no cabelo, davam-lhe um cheiro único e inconfundível. A Eduarda era elegante. Aos quinze anos de idade, as suas pernas muito bem torneadas, das canelas aos joelhos mediriam uns abastados 50cm, sendo a altura total da personagem, cerca de 1,80m. E o peso da jovem, rondaria os 80 quilos. Vinte e cinco anos mais tarde, no Convívio Ribeiragrandense em Montreal encontramos a mesma pessoa.

Linda como sempre, ou talvez mais bela do que nunca! Foi até o João Manuel, com quem estávamos de conversa fiada, que na altura em que ela passou, nos cha-

mou a atenção nestes termos: 'Alfredo, lá vai a Eduarda!... Sempre com a mesma pinta!... já viste? Vimos sim! E reparamos que uma coisa mudou: a sua vaidade! Desta vez até nos pudemos cumprimentar, o que era impossível fazer há 25 anos atrás... São coisas da (i)emigração!...

## O Convívio em Fall River

Fall River, para além de ser cidade-irmã de Ponta Delgada, é também de todas as outras Cidades e Vilas dos Açores (pelo menos, no ponto de vista do imigrante). Nos anos anteriores, na Nova Inglaterra, o Convívio Ribeiragrandense começava

na igreja do Senhor Santo Cristo, desta cidade, onde era celebrada missa por alma dos ribeiragrandenses falecidos, e terminava com o banquete, na vila vizinha de Westport. Neste corrente ano, a comissão achou por bem sair desta rotina, por várias razões. E assim, no dia 12 de Outubro, realizou-se no restaurante Beira Alta, em Fall River, a dita Confraternização Anual dos Naturais e Amigos do Concelho da Ribeira Grande da Nova Inglaterra. Como convidados de honra, tivemos as presenças simpáticas do casal Plínio e Celina da Ponte, na companhia do seu filho, Dr. Rui Ponte, cientista do Massachusetts Institute of Technology, e morador aqui perto de nós, mais precisamente em Cambridge (MA). O único autarca do concelho da Ribeira Grande que nos visitou foi o Sr. Carlos Dinis, Presidente da Junta de Freguesia de Fenais d'Ajuda. Nenhum outro aqui apareceu. Parece incrível, mas é verdade! Mas, a festa fez-se sem aqueles que não apareceram, até, talvez, um pouco melhor! Antes poucos e bons, como diz o ditado. Tivemos a agradável visita de um ilustre ribeiragrandense, radicado na Califórnia há mais de 40 anos. Trata-se do Dr. Décio Garcia Machado Oliveira, um homem bastante popular e sem peneiras, poeta por natureza e dono de uma boa disposição fora do vulgar. Juntando-se a esta grande festa ribeiragrandense, alguns membros da comissão organizadora destes convívios no Canadá, também nos visitaram. Sinal de que não estamos sós. Voltando aos convidados de honra: algumas dezenas de velhos alunos da Sra. Dona Celina fizeram sorrir a simpática professora e velhos amigos e conhecidos rodearam o Sr. Plínio, que morava na rua da Ponte Nova, era funcionário da Caixa Agrícola e membro de várias associações na Ribeira Grande. O Dr. Rui, por sua vez, com a sua simplicidade, falou para cerca de quatrocentas pessoas ali presentes, e com poucas palavras disse tanta coisa, como ele o sabe fazer. Depois do discurso, já sentado à mesa, o nosso amigo Zeca Faria remexendo no passado, falou-lhe da camisa do *Ideal* que o Dr. Rui tanto gostava de vestir e outras coisas deste género. E assim se faz um óptimo convívio, sem haver política misturada com os sentimentos de quem vive a Ribeira Grande.

Quanto à ausência das entidades oficiais, achamos melhor nem tecer comentários a este respeito.

## Recordação do

## X CONVÍVIO DOS NATURAIS E AMIGOS DO CONCELHO DA RIBEIRA GRANDE



Fall River, MA  
12 de Outubro de 2002



# 'Depois de sairmos da nossa terra, a gente é Portugee na América e Calafona nos Açores, mas não é uma coisa nem outra...'

Sentados a uma mesa do *Bar da Académica*, encostado ao *Kennedy Park*, passámos uma tarde gélida do pavoroso Inverno da Nova Inglaterra, ele a recordar o passado, eu a ouvi-lo. Fumávamos 'Boa Viagem' e bebíamos 'Cerveja Melo Abreu'. Já lá vão mais de vinte anos, ele permaneceu em Fall River, não sei se vivo e de saúde, eu regresssei à Ribeira Grande.

Porém, continuaremos a ser pela vida fora imigrantes e regressantes. Estaremos lá e cá, como estaremos aqui e agora, lá e outrora.

Entre a ida e o retorno, o retorno e a ida, quer o façamos só em corpo ou em espírito, acodem-me três tratamentos pictóricos do sucesso: 'Os Emigrantes' de Mestre

Domingos Rebelo, descrevendo naturalisticamente uma bucólica partida; 'Os Regressantes' de Tomás Borba Vieira, descrevendo expressionisticamente o retorno; e 'O Tríptico dos Emigrantes' de Almada Negreiros, questionando modernisticamente o drama da partida.

A conseguir o que pretendo, estas notas não serão fruto de pesquisa científica, serão apenas o exercício de uma convivência. Referir-me-ei à Lusolândia da Nova Inglaterra entre os anos de 1975 e 1983.

A existir tese que resuma o pensamento expresso nestas notas, seria a seguinte: **todo o emigrante, ao partir, é já uma regressante, ainda que nunca mais regressse fisicamente ao local de partida.** A existir um juízo de valor sobre o assunto, resumi-lo-ia assim: a emigração, apesar de ser veículo privilegiado de enriquecimento cultural, é um enxerto doloroso.

## O Imigrante / Regressante

Sair com o corpo da terra onde se cresceu, pouco importa se bem ou mal, constitui um acto que poderá ser rotulado de heroico ou de louco. Dominam a decisão o coração e o estômago. Os motivos que levavam o açoriano a emigrar mudaram. Antes era refúgio de muitas fomes. Foi também desertor da guerra colonial. As mudanças ocorridas na sociedade açoriana, tornaram-nos cada vez mais num aventureiro. Proponho-vos como verificação empírica da minha tese, um simples exercício mental. Calça os 'mocassins' do imigrante/re-

gressante, anda com eles até sentires o que ele sente. Sugeriam os membros de uma tribo de índios norte-americanos. Comecem por sentir a despedida.

É certo que o incandescente desejo de partir, adormece a dor da partida. Só desabrochará por completo, lá longe, a frio, quando todas as dores rebentam. A dor da saída é **aná** para os que partem e **gigantesca** para os que ficam.

O emigrante/ regressante ao se instalar na cadeira do *Boeing* rumo ao *sonho*, acredita que o que vai perder será sempre menos do que ganhará no destino. Dos meus companheiros de voo, só alguns, foram de facto para os Estados Unidos da América do Norte. Eram

sobretudo estudantes. Mesmo estes, deslocar-se-iam com assiduidade à Lusolândia, ao seu arquipélago, e à Fusolândia, a sua freguesia.

Iríamos ao *Chaves Market* comprar pé de torresmo, iríamos jogar matraquilhos à Académica, iríamos à procissão de *Fall River*, ou leríamos o *Portuguese Times* e ouviríamos a Rádio lusolândesa de *New Bedford*.

Ao chegar ao destino, à medida que vai, ao pulso, realizando o sonho de conforto, assaltam-lhe dúvidas. Será que tomei a melhor decisão? Tenderá ele a desabafar para com os seus envergonhados botões.

É o estar lá de corpo sem alma e estar cá de alma sem corpo. Porém, o cá, não se situa nem no espaço dos Açores, nem no tempo concreto dos Açores. Regressa invariavelmente a um tempo e a um espaço inventados, por vezes mistificados, a uma outra ilha, a outra freguesia no meio da confusa bruma dos seus enxertos. A uma ilha e a uma freguesia fora de qualquer mapa. Uma ilha sempre historicamente sonhada, mas nunca atingida. Desde os tempos dos primeiros povoadores destas ilhas. Continuem a imaginar-se imi-

grantes/regressantes. Vendam tudo, tratem das *tortuosas* papeladas convictos de que cada papel *preenchido* e *carimbado* e reconhecido, é um passo de gigante em direcção ao *Jardim do Éden*.

Na Ribeira Grande ainda, antes ainda do

embarque, já vivem fora dela, lá, na outra margem da *grande ribeira* Atlântica. E os dias que faltam para a hora da partida parecem-lhes uma estúpida eternidade. Marcam-se passagens, e, até que enfim, atravessa-se, num ápice a *grande ribeira* que une a 'terra da desgraça' à 'terra da fartura'.

E agora? Ter de recomeçar *tudo de novo* é tarefa árdua. Imaginem o camponês, num ai, transformado em operário fabril. Trabalhar o maior número de horas a qualquer hora. Chegar a casa e encontrar a *mulher* a sair para trabalhar o maior número de horas a horas desencontradas. Deitar-se quando os filhos se levantam e levantar-se quando os filhos e a *mulher* se deitam. Alguns só se encontram aos Domingos. Outros nem isso.

Assim será por muito tempo quando se recomeça. Há quem não resista e regresse de imediato. Outros não desistem por um triz, porque 'para trás mija a burra e anda o caranguejo', deixam-se ir ficando. Prometendo, todavia, a si, a tudo e a todos, regressar, mal tenham amealhado um 'bom pé de meia.' Poucos serão os que regressam.

Os filhos crescem, dão-lhes netos, pouco a pouco, enredam-se as malhas da teia em que a vida é tecida. Ficam, pois: uns por gosto, outros por resignação. A vinda ao Coração de Jesus ou ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, dessedenta-lhes a sede de regresso à terra natal. Mas, tal como todas

a cova lhes resolverá o dilema. Outros não querem regressar por nada deste e do outro mundo. Ou não podem. Contudo, fazem-no sempre, ainda que o façam lá, na terra de adopção, recorrendo à transplantação do *modus vivendi* das suas ilhas imaginárias. Tomemos o exemplo do imigrante que gosta de futebol. Em regra, reparte o seu amor clubístico entre o clube da terra natal, o clube de *Lisboa* e o clube da sua terra de adopção. Os jornais desportivos continuam, tal como cá, a ser lidos com sofreguidão pelos lusolandeses, e os relatos desportivos, serão os programas de maior audiência. O lusolandês, exímio desportista de telecomando e sofá, acaba por aderir a

desportos da terra de adopção. Passam a gostar de *Boxing*, ou de *Wrestling*, ou de *Basketball*, ou de *Baseball* ou ainda de *Hockey*. Torcem por equipas da área de residência, como por exemplo, pelo *Boston Celtics*, para o Basquete, pelo *Boston Bruins* para o Hóquei, ou pelo *Red Sox* para o *Baseball*. Este triângulo espacio-cultural, cujos vértices derramam-se pela Lusolândia, pela América e pelos Açores, caracteriza quaisquer manifestações no seio das comunidades imigrantes.

O *fuseiro* oriundo da Matriz de Nossa Senhora de Estrela, em Fall River, tomará como suas, pelo menos, três festas: a do Coração de Jesus da Matriz, a do Senhor Santo Cristo dos Milagres, de Ponta Delgada, e a do Senhor Santo Cristo na igreja



Mural (pormenor) da Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos: Almada Negreiros



Os emigrantes: Mestre Domingos Rebelo. Cortesia do Museu Carlos Machado

as sedes, esta jamais se extinguirá. Regressam à terra de adopção desiludidos, alguns jurando nunca mais voltar, porque o que encontraram na terra natal não correspondeu, como não poderia, à sua terra natal. Esta ingratidão e cegueira é fruto de desfasamento entre a fantasia e a realidade. Como o apego *telúrico* à terra natal é visceral, passados meses ou anos, reaviva-se-lhes os desejos de regresso. Só

da mesma invocação da sua nova Cidade. Nem mesmo por hipótese remota, os clubes de lá como as festas de lá, poderão ser melhores que os clubes e as festas de cá. É este mesmo espírito que justifica o mercado da saudade. Existindo lá batatas, couves, atum, etc., nunca tais batatas, couves e atum, poderão ser melhores que as batatas, as couves e o atum de cá. Para se justificarem dizem que 'nem o mar nem a terra dos

*Açores são iguais ao mar e à terra da América.* Creio que assim o imigrante consegue mitigar o sentimento de ambivalência cultural provocado pela proximidade de uma cultura dominante. E assim preenche o vazio causado pelo *'desenraizamento.'*

A Lusolândia, dito engendrado pela verve irónica de Onésimo Teotónio de Almeida, é formada por um ajuntamento de ilhas de margens ambíguas, devassadas pelo mundo americano. Formam pelo menos dois arquipélagos: o do leste, a Lusolândia da Nova Inglaterra, e o do oeste, a Lusolândia da Califórnia. Mas existem, tal como cá, freguesias, por isso existe a Fusolândia, expressão cunhada por Alfredo da Ponte. Alguns lusolandeses trabalham nos Estados Unidos da América do Norte mas regressam ao fim do dia de trabalho à Lusolândia. O americano, filho de imigrantes paridos nas quatro partidas do mundo, comerciante até à medula, tolera as Lusolândias, sejam elas as *Pequenas Itálias* ou as *Chinatowns*.

O americano, ao invés do canadiano, espera, ou pelo menos ainda o esperava em 1983, altura em que regresssei à rua do Botelho, que o lusolandês da segunda geração se assimilasse, ou pelo menos não hostilizasse a matriz W.A.S.P. (*White, Anglo-Saxon and Protestant*). Assim se concretizaria o sonho do *Melting Pot*.

Para os meios académicos, é uma ilusão. O modelo canadiano, para alguns, estará mais conforme a realidade.

A experiência da imigração não é sentida de modo igual por todos. **A constante saudade, sentimento nostálgico do que ficou atrás ou algures à frente, do que não se pode levar na mala, aumenta na razão directa da idade do imigrante.** E, por razões que gostaria de ver analisadas, é mais benigna para com os imigrantes do sexo feminino. É mais leve nos mais novos e mais pesada nos mais velhos.

A Lusolândia, ao mesmo tempo que serve de *amortecedor* ao choque cultural, pode funcionar como *travão* à participação dos lusolandeses na vida cívica da sua pátria adoptiva.



São poucos os recenseados e são ainda menos os que participam regularmente na vida cívica. O peso político lusolandês não corresponde ao seu potencial peso sócio-demográfico. Se assim fosse, como ambicionam alguns mais perspicazes, outra seria a sua influência. Casos como os do senador John Correia, ou de Alfredo Alves, ou ainda de Heitor de Sousa, entre outros, constituem excepções à regra. Ainda assim o **peso** não é despreciando. Se assim não fosse, não surgiriam políticos *'americanos de nação'* tais como o senador federal Clairbone Pell, ou Barney Frank, a *'fazer malícias à comunidade'*.

Surgiram, há pouco, hostes sequiosas de lusodescendentes interessados na terra dos avós. É, sobretudo, um fenómeno observável entre as camadas mais escolarizadas de lusodescendentes. Estão inseridos na cultura dominante, fazendo parte das elites dirigentes, vivendo *distante* da Lusolândia. Outrora, muitos deles acharam conveniente disfarçar a sua origem. São eloquentes os exemplos do maestro John Philip Sousa, ou do romancista John dos Passos.

Ao regressar a Casa em 1983, pude ainda assistir ao início desta vaga de fome pela memória avoenga protagonizada pelo filme *Roots (Raízes)*. Fome mitigada em numerosos cursos e cadeiras universitárias, em muitos e desvairados livros, versando a



Os regressantes: Mestre Tomaz Borba Vieira. Cortesia do autor e do Museu Carlos Machado

experiência imigrante.

O cabeça de casal açoriano recém-emigrado arregimenta a família inteira para a fábrica. O recém-chegado à Lusolândia, num gesto que pode ser classificado de solidário, é assistido pela família que o precedeu. Mobilam-lhe o apartamento, abastecem-lhe a dispensa, arranjam-lhe trabalho. Dão-lhe **'de comer ao mesmo tempo que lhe ensinam a pescar'**.

Do Estado de adopção recebem o sonho e o pesadelo. São as prestações da casa, os impostos da casa, as prestações do carro, dos electrodomésticos, as contas do óleo, do gás, da electricidade, etc... Todo o imigrante recém-chegado à Lusolândia, necessita para **'se governar'** de duas *'feras'*. Uma destina-se à sobrevivência, outra às poupanças.

Mesmo assim, o imigrante não esquece os que ficaram atrás. Manda-lhes, sempre que pode, tudo o que pode. Move-lhe a vontade de provar aos que cá ficaram que ele está **bem**, mas, também uma **vontade de dar**.

Alguns já com **'pé de meia'**, cientes de que o trabalho fabril nunca lhes tirará da **cepa torta**, arriscam **'montar-se por conta própria'**. Abrem agências de viagens, de seguros, mercearias, tornam-se construtores civis, concessionários de **Dunkin Donuts**, etc... Entre eles, Salvador Couto e Carlos Teixeira, conseguiram ultrapassar as barreiras do comércio intra-comunitário e lançaram-se na conquista do mercado americano.

A haver diferença, para além da linguística, entre o mundo anglo-saxónico e o pequeno universo lusolandês esta residirá na oposição entre as cultura da solidariedade do Espírito Santo e a **'do salve-se quem puder'**, tipificada pela política social da administração Reagan.

O lusolandês em *lay-off* recebe de consciência tranquila aquilo que descontou, o americano, nas mesmas circunstâncias, fá-lo com *'shame'* (vergonha). Para este último, tratar-se-á de um atestado ao seu insucesso. O insucesso é o maior pesadelo da cultura americana. Existe uma outra diferença, rapidamente incorporada pelo imigrante: **a ética protestante do trabalho,**

ainda que temperada pelo culto da solidariedade.

Consiste no seguinte: *se trabalhares mais e melhor do que os outros, ficarás mais rico e melhor do que eles e Deus abençoará a tua riqueza.* É a descomplexificação da riqueza tanto quanto a ética católica lho poderá permitir? Se calhar. Quebram-se decididamente os elos da cadeia de fatalismo multissecular.

O filho de um pescador de Rabo de Peixe, em Rabo de Peixe, seria pescador, tal como o pai, tal como foi o avô, o bisavô e assim até ao primeiro na família que começou a pescar. Porém, na América, este destino, no confronto com exemplos concretos, tende a desaparecer. O filho do pescador de Rabo de Peixe, pode chegar a professor universitário, a político de sucesso, a técnico de computadores bem remunerado. A permanecer pescador, sobretudo se estudou, tornar-se-á num que adopta atitudes empresariais modernas.

A terceira geração, em certos casos a segunda, quando pode, abandona a Lusolândia e a Fusolândia. A segunda, ainda se mantém por perto, porém, a terceira, afasta-se para local distante, deixando atrás os novos imigrantes.

Existe, como em qualquer parte, conflito geracional, sobretudo entre pais e adolescentes, no entanto, na Lusolândia, este conflito parece *redobrar*. A cultura açoriana, em estado *puro*, dos pais choca com a cultura *crioula* dos filhos, que já não sendo culturalmente açoriana, ainda não é americana. Sendo a língua inglesa como ponte para o mundo americano, não basta atravessá-la para se ser americano.

Em teoria o imigrante só não poderá chegara Presidente dos Estados Unidos, na prática, seja pela ambiguidade cultural em que vive, seja pela sua inapetência, ele ficará *a anos luz* desta quimera. Os pais como, regra geral, não dominam o inglês, porque precisam de pontes para o mundo americano, adoptam um dialecto *crioulo*, o lusolandês. O lusolandês, como todos os *crioulos*, recorre ao nível do vocabulário, em parte, ao vocabulário da pátria de adopção, conservando, porém, a estrutura da língua

mãe, o português. O lusolandês é a língua franca da Lusolândia. Comércio, indústria, repartições públicas, etc..., exibem letreiros bem visíveis: *'Aqui Portugêis!'* O lusolandês entende o inglês mas, por princípio, responde em lusolandês, o filho, entende o lusolandês mas responde em inglês. Para contactos mais sérios com a *'nação americana'* o lusolandês recorre aos filhos que foram à *'escola americana'*. O orgulho ferido do cabeça *tradicional* de casal, obrigado pela sua cultura a tudo prover, sofre duros rumbos na auto-estima. Os filhos, sabendo que os pais dependem deles, às vezes, abusam.

#### Conclusão:

O imigrante lusolandês, ao contrário do que vem indicado nos *'papéis'*, não deixa os Açores, deixa a sua freguesia algures numa ilha dos Açores.

A freguesia e a ilha são a medida-padrão com que descobre o mundo. Dirige-se ao continente americano, a que sempre se sentiu ligado, e monta residência numa das ilhas do arquipélago da Lusolândia. Em regra, se for oriundo da Freguesia da Matriz, por exemplo, deve dirigir-se a *Fall River*, sua correspondente no estado de *Rhode Island*. Lá reencontrará pais, irmãos e amigos.



O que o emigrante leva na bagagem é muito mais do que os vinte ou trinta quilos legalmente permitidos. Transporta o peso da sua cultura. Cultura que é diferente da americana.

**Por que escolhi para título destas notas a frase irónica de um velho e relho imigrante reformado, residente na Cidade lusolandesa**

**de Fall River? Se calhar por sintetizar, a meu ver, o estado de alma do Emigrante/Imigrante, sempre Regressante.**

# Ribeira Grande: Uma 'Ponte' aberta para o 'Rio Atlântico' e sua Diáspora



**(Continuação da página Fusolândia 1)**

A Ribeira Grande, e as gentes deste Concelho, estão em dívida permanente para com toda esta dedicada gente imigrante que muito faz para promover a nossa Cultura, usos e costumes em terras da diáspora Açoriana. Todos esses dedicados "ribeiragrândenses" mereciam estar aqui hoje. Uma coisa é certa, porém, todos estes homens e mulheres, independentemente das posições e responsabilidades que assumem nas

organizações de que fazem parte, são os verdadeiros "embaixadores" do nosso Concelho e da nossa Região do outro lado do Atlântico.

A emigração tem sido, ao longo da História, uma constante do povo Açoriano. Daí não nos surpreender que alguém já tivesse afirmado que: "Quem quiser conhecer os Açores e os Açorianos não pode ignorar a realidade emigratória". Contam-se por milhares o número de Açorianos que deixaram as ilhas nos últimos 250 anos. Brasil, Estados Unidos, Bermudas e, mais recentemente, a partir dos anos 1950, o Canadá, têm sido os destinos preferidos dos Açorianos, logo dos naturais do Concelho da Ribeira Grande.

Hoje vivem, aproximadamente 1,5 milhões de Açorianos e Açor-descendentes no estrangeiro. Os Açorianos da diáspora são gente que um dia, por necessidade, se viu forçada a sair das Ilhas à procura de uma vida melhor. A maioria partiu sem família, dinheiro e, nalguns casos, vergada de dívidas. Uma vez chegados ao destino final, teve de enfrentar o obs-

táculo da língua (no caso da América do Norte e Bermudas) e o inevitável choque cultural. Se muitos foram bafejados pela sorte do "sonho" Norte Americano, outros acabaram por 'comer o pão que o diabo amassou!' No fundo, e apesar dos muitos sacrifícios a que os nossos imigrantes foram sujeitos e as humilhações a que alguns foram submetidos por desconhecimento da língua, a maioria da nossa gente comunga da ideia de que "valeu a pena emigrar". Apesar das muitas saudades pela terra natal, sublinhe-se que o imigrante Açoriano, ao contrário do Continental, foi para ficar, criou raízes, integrando-se nas sociedades de acolhimento. Certo que fomos para ficar, mas as nossas ilhas emigraram connosco.

Contam-se já por algumas dezenas de milhar (200.000/300.000[?]) os naturais do Concelho da Ribeira Grande e seus descendentes que vivem do outro lado do Atlântico. Em qualquer lugar de fixação, deixaram sempre bem vincada a sua presença não só pela sua enorme capacidade de trabalho, pelos valores culturais e religiosos que transportaram

consigo, mas também pelo estoicismo com que se enraízam e se integram nas sociedades de acolhimento, sem nunca perderem as raízes da sua terra de origem - Ribeira Grande - e destas "nove pérolas no meio do Atlântico plantadas".

É importante que se reconheça o trabalho desenvolvido pelas nossas gentes junto das comunidades onde estão inseridas. Os imigrantes naturais deste vasto Concelho da Ribeira Grande, sejam eles das Calhetas, do Pico da Pedra ou de Rabo de Peixe, da Ribeira Seca, da Lomba de Santa Bárbara, da Matriz, da Conceição, da Ribeirinha, do Porto Formoso, de São Brás, da Maia, da Lomba da Maia ou dos Fenais da Ajuda, [acho que não me esqueci de mencionar nenhuma freguesia] já deram provas, mais do que suficientes, da capacidade de trabalho voluntário junto das nossas comunidades imigradas. Contam-se por centenas os voluntários deste Concelho, das mais variadas idades, que labutam diariamente em prol das nossas Comunidades e das nossas gentes. E isto sem qualquer obtenção de recompensa ou de reconhecimento que





não seja a da satisfação pessoal. Estes homens e mulheres voluntários, merecem todo o nosso respeito, aplauso e agradecimento sentido. Hoje, a Cidade da Ribeira Grande não será só constituída pelas pessoas que nela vivem, mas constituída por todos os “ribeiragrandenses”, independentemente da freguesia onde nasceram, que vivem na “diáspora”. As nossas Comunidades, maioritariamente de origem Açoriana, são os melhores representantes de Portugal e da nossa Região, assim como dos nossos valores e da nossa Cultura do outro lado do Atlântico.

Muitos são os filhos desta terra, que no estrangeiro, têm desenvolvido um trabalho extraordinário em domínios como os da solidariedade social, da educação, do trabalho das empresas, do desporto e, até, da política. Importante é verificar que temos hoje, entre nós, apenas uma “amostra” de alguns filhos e filhas desta terra que continuam a trabalhar, afinadamente, em prol das nossas comunidades de imigrantes. Todos reconhecemos que ainda há muito a fazer junto das comunidades onde residimos. Por exemplo, no campo da educação onde muitos dos nossos jovens não completam o ensino secundário, é necessário que se evite que abandonem, que sigam os estudos superiores. É importante criar infra-estruturas nas nossas comunidades a fim de acolhermos os nossos velhinhos num espaço onde se fale a Língua Portuguesa, onde se sintam em casa. O consumo por vezes abusivo do álcool, e da droga, por parte dos mais jovens, é um dos problemas preocupantes com que nos enfrentamos nos dias de hoje. Muito importante também é criarmos um “lobby” forte a fim de termos uma “voz” mais activa na vida política dos países onde vivemos. Não podemos dizer “stop” aos governos do Canadá e dos Estados Unidos, que continuam a tratar os nossos repatriados como se de “lixo se tratasse”, se não tivermos uma voz mais forte na vida política desses dois países. A legislação em vigor aplicada por estes dois países tem que mudar, mas para que isto aconteça, temos de ser mais unidos e trabalharmos em bloco – Açorianos dos Estados Unidos e do Canadá.

Contava-se, há uns anos atrás, que a “Braga Bridge”, a ponte que liga Fall River a Somerset e Swansea – era a maior ponte do mundo. E isto porque ligava Portugal à América! Neste contexto, eu acrescentaria que a nossa centenária e bonita ponte dos Oito Arcos (onde ainda não se paga portagem) tem sido, ao longo dos anos, não só o “ex-libris” de todos os

“ribeiragrandenses” que tiveram de atravessar o Atlântico à procura de um futuro melhor, mas também aquele “símbolo”, a tal verdadeira “ponte” que, no nosso imaginário, nos mantém em contacto com a nossa terra de origem. Partimos um dia, mas a nossa Ribeira Grande, com suas bonitas freguesias e gentes acolhedoras, continuam nos nossos corações.

Naquele outro “arquipélago” Açoriano – o do lado de lá – encontra-se “ilhas” de gente do nosso Concelho. Por exemplo em Toronto e Montreal, há grandes concentrações de ribeiragrandenses e raboexenses, enquanto que em Hull (Quebeque) predominam os oriundos da Maia. Nos Estados Unidos o mesmo cenário repete-se um pouco de costa a costa do país, salientando-se entretanto a Cidade de East Providence (hoje Cidade irmã da Ribeira Grande) com um número apreciável de gentes oriundas da Cidade da Ribeira Grande. Nas Bermudas onde a esmagadora maioria é oriunda ou descende de Açorianos, sobretudo de Micaelenses, os raboexenses formam uma parte importante da comunidade local.

Diz-se, e eu concordarei, que a décima ilha Açoriana está nos Estados Unidos e tem por capital Fall River. Eu acrescentaria que, há já uns anos, se formou – a 11 Ilha (esta não de origem vulcânica, apesar do sangue que nos corre nas veias ser de basalto negro). Esta nova “ilha”, situada no Canadá, tem por capital a Cidade de Toronto. É em Toronto que se concentra a maioria dos Açorianos e de naturais do Concelho da Ribeira Grande.

Toronto, é hoje a Cidade mais multicultural do Continente Norte Americano, e com Fall River, são as duas Cidades mais Açorianas da diáspora. Há, presente-mente, mais Açorianos a viver nessas duas Cidades Norte Americanas do que em todo o arquipélago dos Açores. É importante que os nossos políticos Açorianos prestem mais atenção a esta realidade. Nestas duas Cidades temos ruas onde se concentram centenas de famílias Açorianas oriundas das nove ilhas do arquipélago e do Continente Português, incluindo da nossa vizinha ilha da Madeira. Vivemos “Açores e Portugal” todos os dias em terras da “América”! Nesses bairros, que construímos e onde a nossa presença é predominante, sentimos-nos em casa. Af partilhámos as nossas alegrias e tristezas. Aliás, foi em terras de imigração que os Portugueses das Ilhas e do Continente começaram a conhecer-se melhor. A pouco e pouco fomos entendendo que somos mais iguais

do que à primeira vista parecia.

Depois de quase três séculos de terra de emigração, os Açores, na entrada do novo milénio, passaram a ser terra de imigração, o que será um bom sinal. Sinal de progresso e prosperidade na Região, o que implica que os filhos desta terra e deste Concelho não têm que sair à procura de um futuro melhor no estrangeiro. Tal como afirmava ainda recentemente em Providencie (Rhode Island) o meu bom amigo e ilustre filho deste Concelho, o Professor Doutor Onésimo Teotónio de Almeida, docente da “Brown University”: ‘visionamos cada vez mais esse nosso arquipélago como uma pirâmide cada vez mais equilibrada, vertical, no meio de um oceano, cada vez mais Rio Atlântico. No eixo dessa pirâmide encontram-se os imigrantes da diáspora Açoriana que tanto cá como lá se sentem em casa!’

Em conferência que proferi no ano passado na “Casa dos Açores de Toronto”, e que titulei de “Gentes que nós somos: Reflexões sobre a Diáspora Açoriana”, referi que nós, os mais jovens, “só amamos aquilo que conhecemos”. Afirmava que muitos dos nossos jovens nascidos em terras da América do Norte de pais Açorianos, não conhecem os Açores – a terra de nascimento dos pais. O pouco que conhecem da realidade Açores/Portugal é ‘feito’ através dos pais e da família que viveram num arquipélago, diria numa “ilha,” muito diferente da de hoje. Tudo ou quase tudo mudou nos Açores nos últimos 25/30 anos. Dito isto, há, portanto, todo um trabalho de base a fazer junto dos nossos jovens que pouco sabem da terra dos pais e que cada vez menos falam a sua língua materna – o Português.

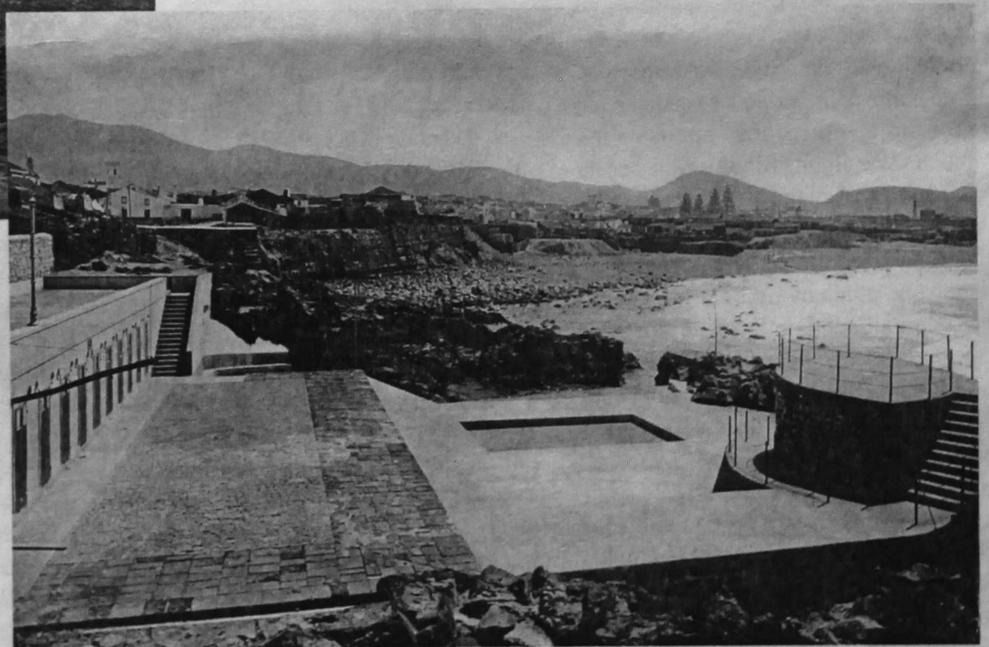
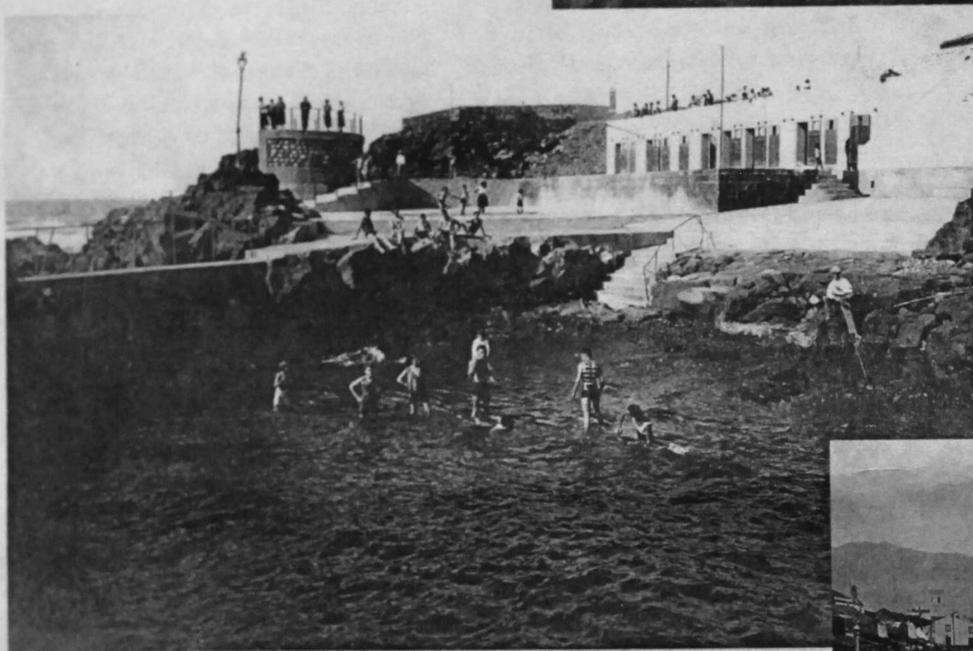
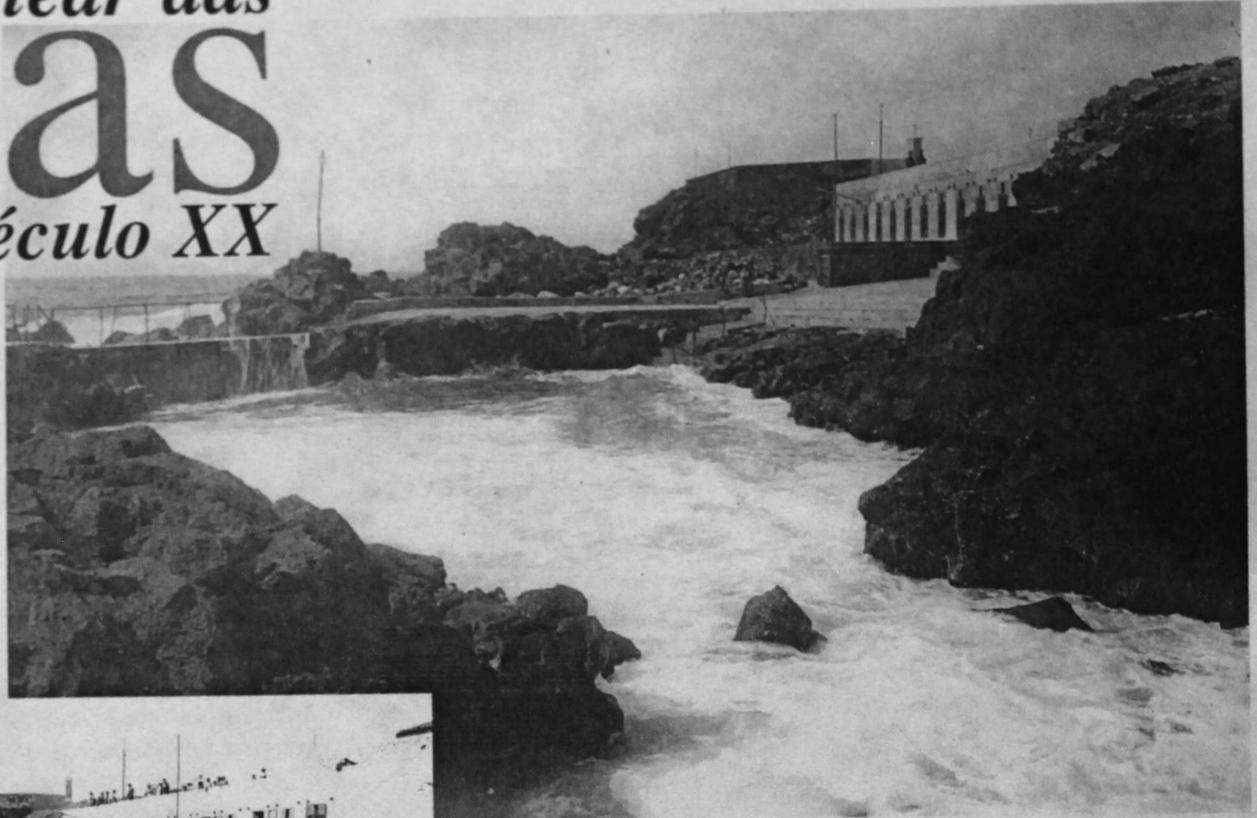
Para os nossos jovens da diáspora, os dilemas inerentes à identificação cultural apresentam o mais crucial desafio que as novas gerações enfrentam. Para muitos jovens, ser “Americano”, “Canadiano”, “Bermudense” e/ou “Português” continua a ser um problema de identidade sem solução. Nas palavras de um deles “a coisa mais fácil é renunciar completamente a herança cultural. A mais difícil é virar costas à integração e adoptar o ‘gueto’, o que conduz ao isolacionismo”. Para muitos deles, ser um Luso-Americano ou Luso-Canadiano é ser capaz de conciliar duas culturas distintas, como síntese, não de maneira antagónica. No estado actual da vida das nossas Comunidades, existem indicações de que se para alguns jovens a identidade étnica constitui uma fonte de enriquecimento, para outros ela pode ser uma fonte de conflitos.

Somos Comunidades em transição – do isolamento à integração. Nas nossas Comunidades, sobretudo as de origem Açoriana, os jovens vão-se inserindo aos poucos no “mainstream” – aquilo a que alguém já chamou de “lenta osmose da assimilação” dos Açorianos da diáspora. Temos de acarinhar os nossos jovens, dar-lhes uma “voz” mais activa na vida das nossas Comunidades, voz que os nossos jovens têm direito. Eles e elas são o futuro das nossas Comunidades. Como mantê-los ligados à terra de origem dos pais e avós, é uma das perguntas que frequentemente, entre nós imigrantes Açorianos, que muito amamos esta terra, se faz. Acredito que só graças a iniciativas “regionais”, sejam elas “semanas culturais”, “convívios/encontros entre jovens”; intercâmbios a nível escolar tanto a nível secundário como a nível universitário com a Região; exposições, festivais de música Açoriana e conferências proferidas por gente que fale a linguagem dos nossos jovens, poderão ser algumas das muitas iniciativas a tomar-se, a fim de não perdermos os nossos jovens e a sua ligação aos Açores. Só através de iniciativas desta natureza será possível aos nossos jovens mergulhar nas nossas raízes e, ao mesmo tempo, cimentar os laços de amizade e de solidariedade que une todos os Açorianos da diáspora. É importante manter ligados os nossos jovens aos Açores e a Portugal, cativando-os através dos nossos valores, da nossa Cultura e das nossas potencialidades turísticas e económicas. Neste momento crucial das nossas Comunidades eu diria que “ou ganhamos a Juventude ou perdemos as Comunidades.”

Os Açores e o Concelho da Ribeira Grande serão maiores na diáspora com acontecimentos como este. Pela maneira como fomos acolhidos e pelo carinho que nos dispensaram, esta Câmara Municipal através do seu Presidente, provou, mais uma vez, que não se esqueceu de nós imigrantes e filhos deste Concelho.

Quando vamos ter o Museu do Imigrante Açoriano? Chegou o momento de prestar-lhes a homenagem que merece. Nada melhor do que um “Museu” dedicado a ele a fim de perpetuar junto dos mais novos o que foi a “vida” dessas gentes, incluindo os inúmeros desafios e sucessos que o imigrante Açoriano teve. de enfrentar em terras da imigração.

# Zona Balnear das **Poças** ao longo do **5º** século XX



# NANA

*Boas Festas*

## MODE

Rua Sousa e Silva nº 58  
Matriz - 9600 RIBEIRA GRANDE  
Tel: 296 474 563

- > Roupa de criança
- > Lingerie
- > Roupa de senhora
- > Sapataria
- > Peles

*Boas Festas*

**IDEAL**



## A MINHA TERRA

*(Algueres em Portugal Insular)*



Mil vezes, do mirante, junto ao mar  
toda a vila meus olhos percorreram:  
vejo ainda nas ruas, a brincar,  
a minha infância, em risos que morreram...

É minha aquela terra onde nasceram  
e, certo dia, foram repousar  
os meus que eternamente adormeceram  
na paz de Deus, mais doce que o luar.

Aquele mar do norte que se espraia,  
subindo o areal em que desmaia,  
é meu e será meu até ao fim.

É minha aquela espuma que se alteia  
nas rochas, a bramar, à lua cheia,  
pois tudo isto vive dentro em mim!

Oliveira San-Bento



João Botelho



*Desejamos a todos  
um Santo e feliz Natal  
e um excelente ano de 2003*

# Dia do Sacerdócio



Convencionou-se denominar assim o dia 6 de Agosto, em que o Reverendo Prior da Matriz da Ribeira

Grande comemora a data festiva da sua primeira missa. Já lá vão dobrados, na voragem do tempo, quarenta e tantos anos em que o então nóvel presbítero subiu pela primeira vez os degraus do altar. Foi isto em 1908, (se não me falha a memória), na encantadora ermida de N. S. das Mercês, Vila da Lagoa.

Daí para cá, dizer quão fecundo há sido o trabalho verdadeiramente apostólico deste obreiro do Senhor, falar do seu entranhado amor pelas coisas da Arte, é tarefa que não me cumpre descrever, pois de todos já é sobejamente conhecida a vida e a figura deste homem ilustre.

No dia 6 de Agosto reúnem-se os padres e os seminaristas, as crianças e os fiéis desta freguesia Matriz, todos congregados em volta do seu pastor desvelado, a rodeá-lo e a aquecê-lo com a sua amizade, simpatia e reconhecimento.

Isto já há vários anos!

Prouve a divina Providência conceder-nos agora mais uma oportunidade para desfrutarmos as suaves delícias que esta data evolva.

Manhã cedo, repicam os sinos em hosanas e aleluias. A missa começa e os tons do órgão, transpassando pelas frestas e portas do templo, caminham a sussurar pelos espaços até morrerem ao longe, suaves como pensamentos do Céu.

Ao Evangelho, discorre o Reverendo Prior acerca das suas emoções e dos



seus anseios, acabando por agradecer aos inúmeros fiéis e às crianças a sua presença amiga e respeitosa.

Quase todos comungam e recebem estampas comemorativas da festazinha. No presbitério é oferecido um almoço aos sacerdotes e seminaristas naturais da freguesia que puderam comparecer. Os outros, são recordados no decorrer da refeição íntima.

A fechar com chave de ouro aquele dia, realiza-se a Hora Santa à noite. Bem digno é o sr. padre Evaristo Carreiro Gouveia dum homenagem assim pública. Seu corpo alquebrado, encimado por cabelos prateados, é raro e vivo exemplo de trabalho em prol da Igreja

fundada por Cristo.

Pioneiro incansável do Bem e da Verdade, íman a atraír-nos para os cumes da Montanha Santa e marco a guiar e proteger nossos passos nas sendas da virtude, o Prior da Ribeira Grande é devedor do nosso sincero preito de homenagem e eterno reconhecimento. É grande, pois, a nossa alegria. Os quarenta e tantos anos de labuta deste insígne sacerdote e amigo irradiam suprema beleza e claridade, que nos encham o coração de celestial confiança e amor.

Bendito seja o que vem em nome de Deus.

Ad multos anos, Sr. Prior

Na foto, aqui incluída, em primeiro plano a contar da esquerda p'rá a direita:

Edmundo Oliveira, Hermínio Pontes, José Ferreira, SR. PRIOR, Fernando Frade e Albano Oliveira, seminaristas.

Em segundo plano, mesma ordem: Padres Artur Paiva, Cristovão Garcia, Dr. Moreira Candelária e Artur Agostinho. Salvo erro, esta fotografia foi "tirada" em Agosto de 1948! Do grupo sobrevivem hoje apenas o Pe. Artur Agostinho, Pe. Joe Ferreira e o Fernando Frade.

Pe. Ferreira Moreno

## Celebrando uma data

Apraz-me transcrever a "crónica ligeira" (Aqui, Capital do Norte!) que escrevi há meio século com o nome de J. Filomeno, e que o *Diário dos Açores* publicou aos 12 de Agosto de 1953. (Ferreira Moreno)



Em primeiro plano, de joelhos, a contar da esquerda, Filomeno Araújo Lima; e a contar da direita, Décio Machado Oliveira. (Do Asilo, os três ao centro).

Em segundo plano, de pé, o segundo a contar da esquerda, Benjamim Ferreira; e a contar da direita, José Ferreira. O guarda-rêdes e restantes são do Asilo, cujo nomes não me ocorrem à mente.

Visto que eu e meu irmão éramos Seminaristas, usamos calças em vez de calções. Há! Há!

No dia 4 do corrente mês d' Agosto, a nobre e importante vila da Ribeira Grande completou 446 anos de existência. Na verdade, El-Rei D. Manuel I houve por bem elevar este lugar a vila, no dia 4 d' Agosto do

longínquo ano de 1507. Assim se desmembrou da tutela de Vila Franca Franca do Campo esta ridente terra, real metrópole do Norte da ilha do Arcaño, fidalga vila alcandorada em rochas de basalto, batidas por um mar quase sempre agitado.

Esta gloriosa data passou despercebida a muita gente. Não, porém, a um grupo de rapazes que, p'ra honrar a efeméride, se reuniram p'ra um amigável "match" futebolístico.

A assistência não era muita, mas o suficiente p'ra despertar brios e entusiasmos. Como o Sr. presidente da Câmara não comparecesse, deu-se início ao prélio, entre a mocidade radiosa desta terra, figurada nos estudantes do Externato Ribeiragrandense e nos valorosos rapazes do Asilo Escola Agrícola. Houve troca de ramalhetes e uma alocação por um dos componentes dos grupos ali representados.

O desafio decorreu agradavelmente, repleto de lances emocionantes e bem gizados, de parte a parte, o que arrancou da assistência fartos aplausos. E a partida fechou com um empate a duas bolas... um resultado que traduz ao vivo o equilíbrio do jogo!

A assistência retirou-se certamente satisfeita, e os rapazes... também.

Em nome deles, aqui fica exarado o seu

reconhecimento ao popular clube "Ideal" pela cativante gentileza do empréstimo do equipamento necessário a um empreendimento deste género.

Oxalá apareçam sempre boas vontades prontas a secundar actos de tão capital importância na vida dos jovens. É que o desporto, como disse alguém, "múltipla a actividade física, e a actividade física é o sustentáculo da actividade moral. O desporto dá o espírito de combate e de luta que torna valentes os homens, a ponto de nada os fazer recuar.

O desporto dá o gosto do sofrimento, ensina a necessidade do sacrifício p'rá conservação da força. Sobretudo, o desporto - tal qual deve ser entendido: desenvolvimento racional das forças físicas - leva em linha recta ao ideal humano: a vitória da vontade!"

De facto, qual é mais lamentável: ver a mocidade despendendo alegria e vigor nos campos do desporto, ou atrofiando-se nas vias da ociosidade?

A resposta, guarde-a cada um para si.

Pe. Ferreira Moreno

# Um bonito jardim

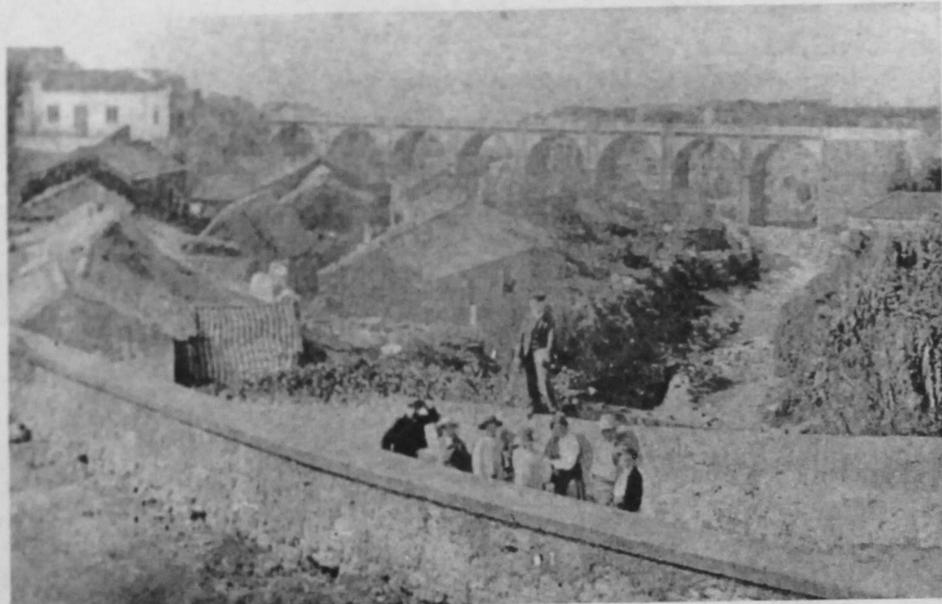


Tão alegre e bem feliz  
 Está a linda e velha matriz  
 Comparada a outras mais,  
 Agora com novo jardim,  
 Coisa que se não vê assim  
 Por outras terras iguais.  
 Tem as árvores que já tinha,  
 Joga branca miudinha  
 Com riscas pretas compridas,  
 Tem trapézios e quadrados  
 Triângulos círculos fechados  
 Com grande rigor de medidas.  
 Linhas mistas perfeitas  
 Outras paralelas direitas  
 Com muito saber e mestria,  
 Tudo tão bem desenhado  
 Um verdadeiro tratado  
 Da mais sábia geometria.  
 Tem pedras daquelas polidas  
 De patinadas calçadas,  
 Das muitas desaparecidas  
 Por insensatez removidas  
 Que levaram nossas passadas.  
 Lagos cascatas e ponte...  
 Com águas vinda do monte  
 Em livre queda, cantantes,  
 E mesmo com a Virgem ali perto,  
 De peito e coração aberto  
 Segredarão pares amantes.  
 Que bom se acontecesse  
 Ali um roseiral crescesse  
 E lindas rosas florissem,  
 E que as promessas segredadas  
 Junto com rosas e de mãos dadas  
 Os degraus de altar subissem.  
 É bom ver como se expande  
 A linda Ribeira Grande  
 Com melhoramentos assim,  
 Muitos te darão parabéns  
 Pelo novo espaço que tens  
 Um lindo e bonito jardim.

Ribeira Grande, Setembro 2002, em dia de  
 Coração de Jesus  
 Laureano Almeida



# Fonte Grande



Rua da Fonte Grande

'(...) Basta recordar que aquella obra *monumental*, coeva dos Wisigodos, architectada sob um estylo groenhandico, está ahi para mostrar á geração presente e atestar os vindouros que os nossos antepassados soffreram por largos annos o jugo castelhano, para que ninguem ouse levantar vista ou voz indignada contra o grandioso padrão!

Fonte histórica e milagrosa, que já de tuas bicas saíram chicharros promptos a entrarem na frigideira! Fonte virtuosa, que tens triplice condão de servires de retrete, ourinol, e de refrescar as guelas aguardentadas e resequidas do sol e do resono dos malandrins e matulões, que, de barriga para o ar, dormem a sésta sobre os parapeitos da tua lamacenta plataforma! Tu que já serviste de protexto a alguns mesquinhos forretas, que gostam de gosar á custa alheia, para a queda de um ministerio, porque o seu presidente te mandára tapar!

Tu!...

Onde bebe o publicano,  
Do começo ao fim, do anno,  
Onde bebe um boticario,  
E Onde bebe um notario,  
Onde mata a sede um prior  
E um civil mandão mor,  
Um commendador Dom Chico,  
E até mesmo algum burrico!  
Todos bebem por igual  
Na fonte internacional!  
Tu!...

para ESSE, na margem da Ribeira, e para o S, na rua de Gonçalo Bezerra outras fontes, porque a Preguiça, segundo é notorio, tambem morreu com sede á borda d'agua!

Fica-te «em longa paz assim direita,  
O' fonte maravilhosa,  
O' fonte *monumental*,  
Archivo d'obscenidades,  
E's «Fonte Internacional»!  
(ass) Um que paga mas não gosa.<sup>1</sup>

'Por ordem de ex. ma comissão municipal, acaba de ser demolida a tradicional «fonte grande» d'esta villa. O camartello destruidor não poupou aquella reliquia de passado.

A febre delirante dos melhoramentos não transgiu com aquella velharia, e não duvidou transforma-la em ruinas para sobre ellas alicerçar o edificio da sua triumphante realza.

Não se respeitou a tradição.

Gargalhou-se sarcasticamente sobre as cinzas dos antepassados. Correspondeu-se com a mais feia

Eu te chrismo tambem em – Fonte dos Aromas – porque, depois que tiraram de ao pé de ti um não menos celebre barracão de peixe, adquiriste não só a sua *freguezia*, mas tambem (Sic) a sua *fragancia*. Descança, pois, em paz por todos os séculos, sem fim, e sem que o camartello demolidor jamais possa tocar ao de leve nas tuas egypticas pyramides!

Não importa que de ti distem apenas uns duzentos passos para o NO, na sua do Arco, para o NE, no jardim,

ingratidão aos extraordinários beneficios d'aquella hospitaleira fonte. Esqueceu-se que nas suas frescas aguas muitas sêdes se mitigaram nas calmosas tardes de estio, e que o seu elegante alpendre, de rogoroso estylo gothico, acolheu sempre á sua sombra todos os povos, sem distincção de raças, todas as classes sociaes, sem preferencia nem predileções, sem espirito de facção ou politica.

Por isso mais de um olhar de tristeza se tem lançado para aquellas pedras soltas, irreverentemente expostas ao sol como os casos de uma sepultura violada. Mais de uma lagrima de saudade, pela calada da noite, tem cahido silenciosa sobre aquelles escombros desoladores, n'uma derradeira homenagem de respeito, n'uma sincera manifestação de sentimento...

Respeitamos esse doce e poetico sentimentalismo dos que á «fonte grande» tinham alliadas as mais gratas e suaves recordações; mas não podemos deixar de reconhecer que a obra, que a actual comissão municipal alli pretende realizar, de há muito tempo se impunha, tendo até sido objecto de uma porfiada companha do extincto jornal a «Semana».

Uma arcaria d'aquella ordem, lembrando muito a rudimentar, a primitiva architectura dos alpendres de aldeia, collocada no centro da nossa importante e formosa villa, é simplesmente horrivel. O forasteiro que, depois de percorrer e admirar a nossa bella rua direita defrontava com a «fonte grande», achava-a decerto uma coisa archaica, como uns restos da Ribeira Grande antiga, engastados com mau gosto da Ribeira Grande do nosso tempo.

Ainda bem que a ex. ma camara desta villa se resolveu agora a metter mãos a obra tão necessaria, e que há muito

tempo se reclamava como um bello melhoramento para a nossa terra. (...)<sup>2</sup>



Fonte Velha de Castelo de Vide, Alentejo. Segundo o Dr. Jorge Gamboa de Vasconcelos assemelhar-se-la à Fonte Grande

<sup>1</sup> A *Semana*, Ribeira Grande, N.º 34, 26 de Março de 1910, fl.3.

<sup>2</sup> *Correio do Norte*, Ribeira Grande, N.º 31, 15 de Fevereiro de 1913, fl.2-3.

## Acerca do Terreiro da Forca

Prezadíssimo e ilustre afilhado

*Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa.* Um dia d'estes, abrindo a carteira de bolso, sempre magra de dinheiro e recheada de papeis, deparei com a tua carta datada de 18 de Outubro do corrente ano, sobre Pelourinhos.

Confesso que fiquei mal humorado comigo mesmo, e porque não dizer tudo? Envergonhado por não ter logo respondido. Apenas recebi a tua carta, fui imediatamente ver os Roteiros, que nada me elucidaram. Depois fui ao Snr. Cónego Cristiano, que tam bem nada me soube dizer, mostrando-me no entanto a *Enciclopédia Portuguesa*, de Maximiano Lemos – Porto, e que julgo terás consultado sobre a palavra Pelourinho e sua origem.

Mas como não era isso, que desejas, mas sim fatos concretos d'aqui, e como não tinha pessôa antiga, que m'os fornecesse descuidei-me em responder-te.

Agora sempre apurei alguns dados, que vão na nota, que inclusa te envio. Devo acrescentar, que quando vim para aqui causava-me estranheza, que, em quase todas asa encomendas de missas, vinha sempre uma por alma de Francisco Rapozo, e perguntando eu quem era esse Francisco Rapozo, que interessava tantos parentes e amigos mesmo depois de morto, respondiam-me que não o conheciam, mas que os antigos sempre falavam bem d'ele. Esta superstição, que vai já desaparecendo, vejo por tudo isto, ir mergulhar as suas rafzes na forca. E nada mais tendo a acrescentar, envia-te um grande abraço em Cristo Senhor Nosso.

Teu Padrinho e amigo  
P.e Evaristo carreiro Gouveia

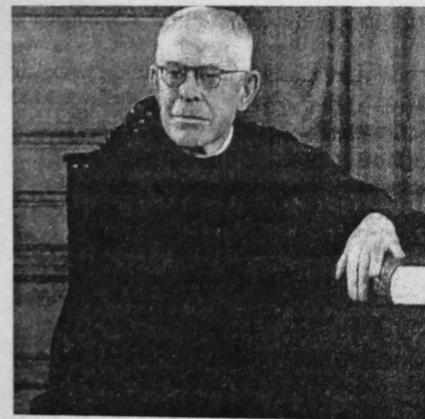
Notas acerca do 'Pelourinho' na Ribeira Grande

O Pelourinho ficava em frente à Câmara. Era uma espécie de pial [sic] com argolas.

No lugar do actual jardim havia um mercado de hortaliças.

A Forca ficava perto do Palheiro ou 'Miradoiro de Santa Luzia'. Era como um balcão. Actualmente esse lugar é chamado: Terreiro da Forca. As pessoas mais antigas falam muito dum Francisco Rapozo que, dizem, teria tomado parte juntamente com outros dois, no assassinato dum Juiz. Por isso, foram à Forca e as suas cabeças foram expostas na Rua de N. S. da Conceição – Rua principal da Vila. Há pessoas que dizem que F. Rapozo teria sido executado inocentemente. Por esse motivo, o invocam em alguma aflicção. Dizem ainda que foi 3 vezes à Forca e que só morreu à terceira vez. – São estas as notas acerca do Pelourinho da Forca. Ribeira Grande, 10-12-1943

Padre Evaristo Carreiro Gouveia  
Serviços de Documentação da  
Universidade dos Açores, Fundo José do  
Canto, 1814 - C



PS: Ainda em Dezembro de 2002, segundo o Padre Edmundo Pacheco, lhe encomendaram missas pela alma de Francisco Rapozo.

Mário Moura

Mário Moura

# A Ribeira Grande através dos tempos

## Gaspar Frutuoso: 3º quartel do século XVI

'[A Ribeira Grande] Até ao ano de mil e quinhentos e quinze não havia da ponte para a parte do ponente mais de duas casas somente. Mas, veio depois em tanto crescimento, que é agora a maior vila, mais rica e de mais gente que há em todo este bispado de Angra.'

## Frei Diogo das Chagas: 1646

'Não tem a Villa de Ribeira Grande mais de huma so freguesia sendo assim que he mui capaz de se fazerem duas ao menos (porque se não he tam grande como a Cidade, he pouco menos que ella) por ser mui grande em si, e numerosa em fogos na qual achei (conforme o liuro do anno de 1642) auer na ditta Villa, 1155 fogos, e 3313 almas de comunhão, e 643 de confissão, somente que comparadas as almas e fogos com as que deixamos apontadas as fol. 173, do anno de 1640 acho crescerem nestes dous annos, 36 fogos e 72 almas maiores e menores, que he o mesmo que de confissão e comunhão e oje que estamos em 1646, muitos mais auera e tudo a Villa sustenta muito bem por sua larguesa e lauranças que são as milhores da Ilha e he de tanto trafego e trato, como a Milhor Villa do Reino, por seus portos secos, que do mar não os tem que [...] tam grandiosa, que a cidade se lhe não acenta e por [...] de ser cidade por discurso do tempo o ade ui[r a ser?].'<sup>2</sup>

## António Cordeiro: 1717 (data de edição)

'Da famoso Villa da Ribeyra Grande, & mais Lugares do Norte. A grande, & rica Villa de Ribeyra Grande he o mayor povo que há em S. Miguel, abayxo da Cidade.'<sup>3</sup>

## John Webster: 1821

'A Ribeira-Grande é em tamanho a segunda povoação da ilha, e tem cerca de três mil habitantes. Nobilita-a o título de cidade, e o seu nome

deriva d'um pequeno ribeiro que a atravessa. As ruas são estreitas e irregulares, vê-se pouca gente n'ellas, e por toda a parte prevalece uma nota frizante de tristeza e abandono. As casas são construídas de lava, e são em todo o sentido semelhantes às da capital [...]'<sup>4</sup>

## João Sores de Albergaria: 1822 (data de edição)

'Esta vila florescente é uma bela habitação para os estudiosos, e melancólicos que se aborrecem dos tumultos [...]'<sup>5</sup>

## Caroline Pomeroy: 1824

Em Agosto de 1824, na entrada de 6 daquele mês, no seu Diário, Caroline Pomeroy descreve assim a sua visita à Ribeira Grande, onde ao que parece, além do jantar, só regista a visita ao mosteiro de Jesus, visita, a julgar pela de Ashe e agora de Caroline, obrigatória: «Voltámos pela Ribeira Grande, que é uma bonita vila

[...] Depois de repousarmos durante cerca de duas horas visitámos o convento das freiras, mas como todos os parlatórios estavam ocupados só vimos algumas através da grade da Igreja, que também fomos visitar»<sup>6</sup>.

## Capitão Boid: 1832 (?)

'[A Ribeira Grande] É a segunda localidade da ilha, em tamanho, parecendo que conta entre doze e treze mil habitantes, incluindo os das duas aldeias adjacentes da Ribeirinha e Ribeira Seca, que são quase contíguas. É, porém, tristonha e mal edificada; suas casas espalham-se quase indiscriminadamente por sobre terreno pedregoso e acidentado, formando ruas estreitas e irregulares junto à costa.'<sup>7</sup>

## Joseph e Henry Bullar: 1836-1839

'Na vila, cujas ruas são mais largas e limpas do que as de Ponta Delgada, não se notava grande movimento comercial. Um ou dois padres de batinas apertadas, um grupo de ociosos debruçados ou encostados ao parapeito da ponte, um comerciante de panos, de casaco de linho cor de laranja, bocejando à porta da loja, um grupo de homens comendo favas torradas numa taberna; um morgado à varanda em mangas de camisa enxovalhada; burros, porcos, galos e galinhas rodeadas de ninhadas de pintainhos côr de limão, de mistura com um ou outro grave capote azul de mulher, a sarcotear-se ao Sol, eis os personagens da rua nesta vila, semelhantes aos que deixáramos em Vila Franca'<sup>8</sup>.

## Elisa W. Nye: 1847

'Segunda-feira, 25 de Outubro. A tia Mary Ann chamou-me às cinco e meia dizendo-me que me apressasse quanto possível, pois que teríamos de almoçar e partir para a Ribeira Grande. O Roberto arranhou uma carruagem para a

tia Mary Ann, o sr. Coggeshall, Henrique e eu, ao passo que ele foi a cavalo. A Ribeira Grande é muito maior do que Vila Franca, sendo a segunda em tamanho na Ilha, com cerca de 8 000 habitantes. Tira o seu nome de uma pequena ribeira que a atravessa. As ruas são largas e muito regulares, com várias casas muito formosas'<sup>9</sup>.

## Leopold von Jedina: 1874-1875

'Na nossa frente, espriava-se a costa e para descanso da vista não havia senão algumas planícies em redor da Ribeira Grande, prolongando-se para longe, cobertas na sua quase totalidade por campos monótonos de trigo, com excepção de Capelas, de aspecto agradável. A circulação mais activa na estrada denunciava a vizinhança da Ribeira Grande, a cuja ampla praça chegámos às 8 horas, depois de atravessarmos longo arrabalde. Em breve

percorremos a praça com suas árvores, a câmara municipal, de belo aspecto, e as principais ruas; por toda a parte observámos asseio e ordem, tudo, porém, com o cunho inevitável de terra de província. Dispensámos maior atenção à igreja, edificio não desprovido de beleza no seu conjunto e cujo altar-mor, sobretudo, se torna verdadeiramente notável pelas suas esculturas. Não pudemos deixar de rir com o aspecto de muitas mulheres, que, embocadas nos capotes e parecendo profundamente absortas em suas rezas, seguiam, no entanto, com grave atenção, os movimentos dos estrangeiros.

Quando, à saída, nos persignámos, murmuraram com extraordinária admiração: - São cristãos! Como todas as vilas de S. Miguel, foi a Ribeira Grande outrora fortificada, principalmente do lado do mar. Na visita que fizemos ao velho forte do norte, observámos uma ressaca de enorme violência. As vagas rolavam em baixo, quebrando-se contra a muralha de granito com um ruído de trovão e com tanta violência que a faziam estremecer'<sup>10</sup>.

## Cónego Cristiano Borges de Jesus: 1903 (data de edição)

'E assim tem vindo, pelos annos adiante, a engrandecer-se, a enriquecer-se, a notabilizar-se, na sua industria, no seu commercio, na agricultura, a Villa da Ribeira Grande, a qual só poderá queixar-se da falta d'um porto abrigado; pois que, se o possuísse, era ella que estava destinada de há muito a ser a capital da ilha de S. Miguel. \Dest' arte não será para admirar que essa importante e laboriosa villa, rivalisando e até mesmo excedendo muitas cidades do continente do reino, venha tambem, mais tarde a gosar fóros de cidade. \A Ribeira Grande, pois, pelas suas especiaes condições, pela tenacidade dos seus habitantes, tem reservado um grande futuro.'<sup>11</sup>

## Dr. Francisco Carreiro da Costa: 1948

'O concelho da Ribeira Grande, parcela notável dentre as mais que constituem todo o distrito de Ponta Delgada. Conquanto considerado o segundo em importância, devido ao facto do de Ponta Delgada beneficiar da circunstância de ter nele a sede do Distrito, a verdade é que este concelho da Ribeira Grande, é o cofre da ilha de S. Miguel - a arca onde esta conserva tudo quanto de melhor e de mais proveitoso possui [...]'<sup>12</sup>



## Raquel Soeiro de Brito: 1955 (data de edição)

'A Vila da Ribeira Grande (8.000 habitantes) é actualmente a mais importante de São Miguel, tanto pelo número de habitantes como por ser a única que apresenta um ar urbano, com um jardim público onde se encontra sempre gente que passa, no vaivém diário, ou permanece cavaqueando, e um conjunto de elegantes edificios: que a tornam "mais graciosa do que muitas outras" (G. Frutuoso), tal como no século XVI.'<sup>13</sup>

<sup>1</sup> Gaspar Frutuoso, Saudades da Terra, liv.4, vol.2, fl.103, ICPD, 1981.

<sup>2</sup> Frei Diogo das Chagas, Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores, 1998, 162-163.

<sup>3</sup> António Cordeiro, história Insulana, SRAC, 1981, fl.142.

<sup>4</sup> John Webster, Arquivo dos Açores, v.14, UA, 1983, p. 33.

<sup>5</sup> João Soares de Albergaria, Corografia Açórica, Jornal de Cultura, 1995, p. 77.

<sup>6</sup> Pomeroy, Caroline, Diário, in 'Insulana', Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1997, v. 53, p. 107.

<sup>7</sup> Captain Boid, Descrição dos Açores ou Ilhas Ocidentais, Insulana, v. 7, 1951, n.º 3-4, p. 335.

<sup>8</sup> Joseph e Henry Bullar, Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas, 2.ª edição, ICPD, 1986, p. 153.

<sup>9</sup> Elisa W. Nye, Diário de uma viagem da América aos Açores no veleiro Slyph em Julho de 1847, ICPD, 1973-1974, v. 29-30, pp. 64-65.

<sup>10</sup> Leopold von Jedina, A corveta Helgoland da Marinha de Guerra Austríaca no porto de Ponta Delgada, em 1874-1875, Insulana, pp. 397-399.

<sup>11</sup> AAVV, Album Açoriano, Lisboa, Editores - Oliveira e Baptista, 1903, p.135.

<sup>12</sup> Francisco Carreiro da Costa, A lição da Ribeira Grande, Ponta Delgada, 1949, fl. 7-8.

<sup>13</sup> Raquel Soeiro de Brito, A Ilha de São Miguel - Estudo Geográfico, Lisboa, Instituto de Alta Cultura - Centro de estudos Geográficos, 1955, p.189.

# Imagens do Jardim de Ribeira Grande



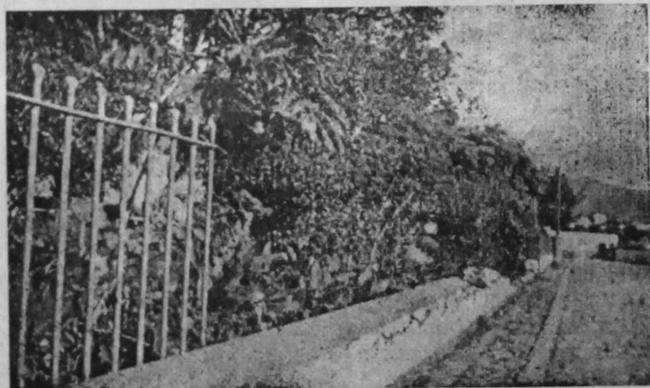
cerca de 1858 - gravura do álbum de Cândido Abranches



finais do Séc. XIX, inícios do séc. XX



cerca de 1919



aspectos da destruição provocada pela grande cheia de Agosto de 1919



1931



1941

## O Jardim da Minha Infância



No Jardim da minha infância havia alegria e crianças a brincar. Os namorados também aproveitavam para estarem mais perto das noivas e quebrarem assim o jejum de afastamento obrigatório que o regime vigente do namoro à distância lhes impunha. As árvores eram mais novas e deixavam passar melhor a luz para as flores dos canteiros que cresciam viçosas e coloridas.

Não existiam ainda as poderosas raízes que, à flor da terra, algumas árvores ostentam hoje como a que convidar os bancos que as circundam a desviarem-se para fora delas, para maior comodidade das pessoas.

Era mesmo uma pequena preciosidade, o jardim da minha meninice. Situava-se no coração da então Vila-Cidade, a quase igual distância do Teatro e do lindo edifício da Câmara Municipal.

Mas os tempos mudaram e os jovens, libertos de antigos constrangimentos, procuram outros locais de lazer mais consentâneos como o seu novo modo de ser e estar na

vida.

Que fazer agora com esta nossa antiga jóia, com este verdadeiro "ex libris" da Ribeira Grande?

Talvez seja ainda possível a recuperação adequada deste precioso espaço. Talvez seja ainda viável de criação com êxito de espaços verdadeiramente lúdicos e de cultura para os mais novos, sem esquecer os idosos que são em cada vez maior número.

O futuro é dos jovens, ajudemos a prepará-lo!

# Os Hiffen



**R.M.- A vossa banda é constituída por quem?**

**R.M.:** Nuno Pereira, baixo, 23 anos; Renato Medeiros, guitarra solo, 20 anos; Lizardo Melo, guitarra ritmo, 22 anos; Catarina Medeiros, vocalista, 17 anos; Mário Tavares, bateria, 21 anos e Rui Sousa, teclas.

**R.M.- O vosso grupo surgiu quando?**

**R.M.-** O grupo "Hiffen" em si surgiu há 5 anos, mas a constituição actual só existe há um ano. Neste momento a banda apresenta-se com bons músicos, pois alguns membros já foram vencedores de concursos, em particular Mário Tavares



que venceu o concurso de baterias e o Renato Medeiros que venceu o concurso de guitarra solo Açores.

**R.M.- Por que escolheram o nome "Hiffen"?**

**N.P.-** "Hiffen" significa união e foi o que aconteceu nesta banda. Começou por apenas três pessoas a que mais tarde se juntaram o Renato e a Catarina.

**R.M.- Que tipo de músicas vocês tocam?**

**R.M.-** A maioria das bandas consegue distinguir o seu estilo de música, porque quando estão a ensaiar ou a tocar relacionam aquilo que tocam com certos

estilos de música, o que não acontece connosco. Nós tocamos *rock, metal, power metal* e toda esta junção dá origem a um estilo de música a qual não sabemos o nome.

**R.M.- E as músicas são escritas por quem?**

**R.M.-** Eu escrevo músicas e letras. São escritas em casa, à parte, e depois são trabalhadas pelo resto da banda. Neste momento já estão compostas doze músicas.

**R.M.- Quanto a trabalhos já realizados?**

**R.M.-** A nível de trabalhos estamos muito atrasados devido a uma pessoa, que é o nosso *manager*, que promete muito e pouco faz.

**C.M.-** Isto sem querer deixar ninguém mal!! É claro.

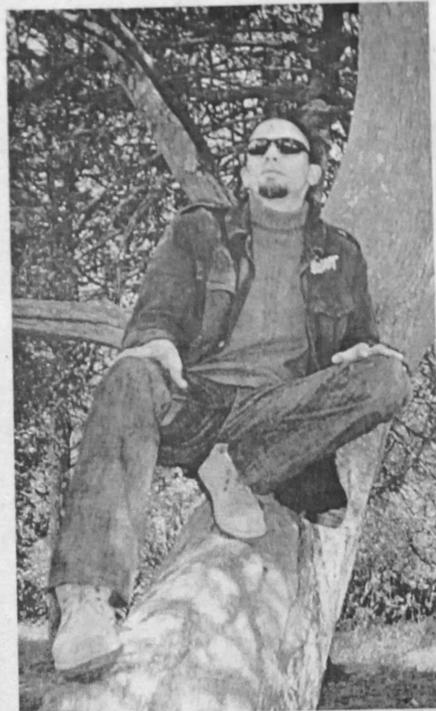
**R.M.-** Mas mesmo assim já tivemos diversas actuações: Santa Maria, Giestas Rock, S. Pedro (P.Delgada), Pub-Bar Escala, Porto Formoso e festas da cidade, que por acaso foi o melhor espectáculo até agora, a nível de palco, som e público.

**R.M.- O dinheiro ganho nessas actuações é utilizado em quê?**

**R.M.-** O dinheiro das actuações reverte para a banda em geral, para material específico. Pois cada músico investe no seu próprio material.

**R.M.- Quanto a ajudas. O que é que vocês acham?**

**R.M.-** Acho que somos a única banda cá que nunca pediu ajuda para nada, nunca mandámos uma carta e nunca telefonámos para uma Câmara Municipal a pedir ajuda. A banda está a desenrascar-se sozinha, já temos gasto em material à volta de 22,500 euros (4500 contos), o que já é muito. Quanto à possibilidade de pedirmos ajudas é óbvio que não está fora de questão, principalmente agora que vamos gravar um CD. Neste momento, o



orçamento do CD é de 2500 euros (500 contos), mas é certo que não iremos pedir à Câmara da Ribeira Grande este total.

Nós temos noção que estas entidades têm outras coisas para se preocuparem, mas é preciso não esquecer que "Quem ajuda dá esmola"

**R.M.- E quanto a projectos para o futuro?**

**R.M.-** Em meados deste mês vamos começar a gravar um CD, que vai ser lançado a nível nacional e a nível promocional para o estrangeiro, para rádios e editoras tipo a Sony, EMI.

No Verão que vem a banda irá lançar o CD, primeiro no Canadá e América, e só depois na Ribeira Grande.

Neste momento todo o público interessado poderá contactar-nos através do nosso site [WWW.HIFFEN.4T.COM](http://WWW.HIFFEN.4T.COM)

**Rita Medeiros e Ângela Medeiros**



## Abertura solene do Instituto Gaspar Frutuoso: 18 de Outubro de 1914



'Realisou-se domingo passado, pela uma hora da tarde, com grande assistência de senhoras e cavalheiros, a abertura solenne do Instituto Gaspar Frutuoso. Tomou a presidência o sr. Manuel B. Velho de Mello Cabral digno administrador deste concelho, assistindo também o presidente da Junta sr. Lucindo Ferreira Machado e o sr. João Cabral de Mello e Silva vice provedor da Confraria do Santíssimo da Matriz d'esta villa. A abertura foi anunciada pela filarmónica «Voz do Progresso» desta villa. Nesta ocasião leu o brilhante discurso o sr. António Tavares Torres, que falou na instrução e no melhoramento que esta villa há muito reclamava. Em seguida pronunciou palavras eloquentes o rev.º Sr. Conego Damazo, que espoz a vida e o talento do sempre lembrado

dr. Gaspar Frutuoso. Pronunciou também palavras de agradecimento a todos, o sr. Ezequiel Moreira da Silva director deste Instituto.

Aos illustres professores os nossos sinceros parabens de tão louvada idéa e agradecemos o convite que nos foi feito.<sup>1</sup> Pela pena de José de Sousa Caloura, avô do nosso colaborador, Sr. Padre António Rocha, ficamos a saber muito mais: 'E' com verdadeira satisfação que registo nesta secção o estabelecimento d'este collegio na minha terra. Já de há muito que na Ribeira Grande se fazia sentir a falta d'um Instituto d' esta natureza que certamente veiu preencher uma lacuna. Acentuar a sua utilidade é um dever que imperiosamente se nos impõe e bem assim pela alta significação e pelo subido conceito de entusiasmo que a ideia da criação d'este collegio despertou em todos os Ribeiragrandenses. O Instituto Gaspar Frutuoso será, cremos bem, um collegio modelar, attentas as superiores qualidades que exornam os seus professores, porquanto sabemos os dotes de intelligencia

e as belas qualidades moraes que cada um d' eles têm. O Rev.º Conego Damazo, o sr. Laurindo de Melo Garcia e o nosso amigo Ezequiel Lopes da Silva reune os predicados indispensáveis para bem se desempenharem da honrosa missão de que se incumbiram. O nome de «Gaspar Frutuoso» que o Collegio tem é um dos nomes que honram sobremaneira a Ribeira Grande, (...). Sabemos que este Instituto á subsidiado pela nossa Camara, Junta da parochia e Irmandade do Santissimo da Matriz (...). Essa luz será tanto necessário, conforme as trevas em vivermos. E todos sabem que muitas creanças ao terminarem o seu exame primario do 2.º grau ficam inativas e sem poderem proseguir pela falta de meios para sustentarem em Ponta Delgada aonde iriam para o Lyceu. Assim com um collegio da natureza do Instituto Gaspar Frutuoso, ficam aptas pelo menos a cursarem gratis até ao 3.º ano e bem assim aqueles que o quizerem, pois ficariam sabendo mais alguma coisa. (...) Honra àqueles que trabalharam pela sua criação (...).<sup>2</sup>



**Director, Ezequiel MÓreira da Silva, e alunos do Instituto Gaspar Frutuoso**

<sup>1</sup> *Correio do Norte*, Ribeira Grande, N.º 21, 24 de Outubro de 1914, fl.3.

<sup>2</sup> *Correio do Norte*, Ribeira Grande, N.º 21, 24 de Outubro de 1914, fl.3.

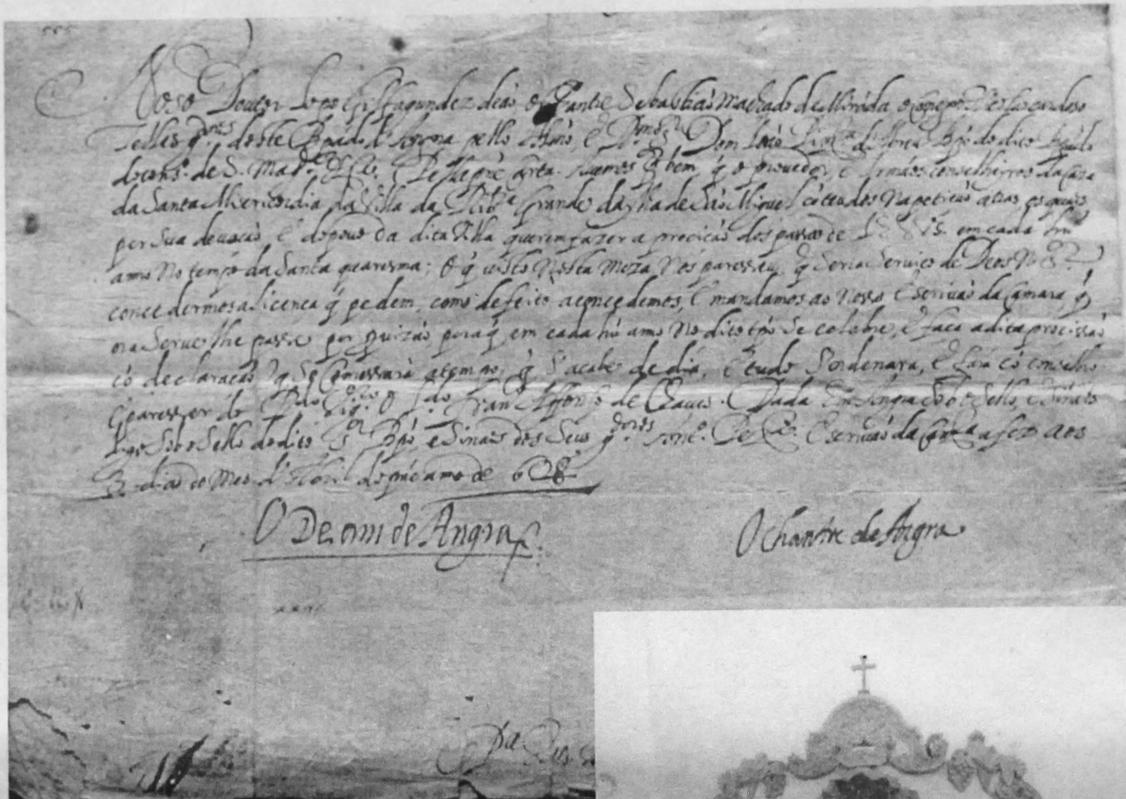
**Célia Cabral Pereira**

# Igreja do Espírito Santo, ou Igreja do Senhor dos Passos ou ainda da Misericórdia Velha

A ermida do Espírito Santo, sita à Praça Municipal da Cidade de Ribeira Grande, é conhecida por igreja da Misericórdia e igreja do Senhor dos Passos. Do Espírito Santo, por ser este o seu orago; da Misericórdia, por ter sido anexa o Hospital da Santa Casa da Misericórdia; do Senhor dos Passos, por nela se realizar a Festa do mesmo nome. Naquele local, em 1522, já existia uma ermida do Espírito Santo. Gaspar Frutuoso, ao enumerar as ermidas sufragâneas de Nossa Senhora da Estrela, diz-nos que havia 'a do Espírito Santo, que é um Hospital para pobres e doentes, situado junto à praça...'<sup>1</sup> Porém, só aos 7 de Novembro de 1592 a Câmara propõe e é aceite a ideia de se fazer na Vila uma Misericórdia assentando 'que fosse na igreja do Espírito Santo, onde, de presente, estava o hospital, contíguo à praça, por ser sítio bastante para as oficinas que a dita Casa havia mister.'<sup>2</sup> A nova irmandade obtém autorização

do bispo D. Manuel de Gouveia, aos 14 de Fevereiro de 1593.<sup>3</sup> Perto de meados do século XVIII e prolongando-se até quase finais do mesmo século, procedeu-se à reconstrução do templo, suas dependências, bem como à construção dos passos quaresmais em pedra e cal.<sup>4</sup>

As obras decorriam quer no interior quer no exterior: 'o gasto que fez com a



condução da água da fonte que corre no frontispício desta Santa Casa que emportou em trinta e cinco mil oitocentos e oitenta Reis e também apresentou o gasto que fez o soalho da igreja'.<sup>5</sup> Ou ainda, 'acordarão se fizesse vistoria no retábulo do Altar de Nossa Senhora do Amparo cujo fez o mestre Dionzio de Fontes e na sua presença se avaliou pela mesma Mesa toda a obra'.<sup>6</sup>

Finalmente, em 1790, os irmãos estendem a sua acção às ermidas dos Passos: 'Fazer os Santos Passos de pedra e cal a imitação dos Passos da Cidade e da Vila da Lagoa'.<sup>7</sup>

O Hospital da Santa Casa é transferido oficialmente para o extinto convento de Nossa Senhora da Guadalupe, onde hoje se encontra, em 1839. A solenidade do Senhor dos Passos que aí se celebrava desde o século XVIII passou durante alguns anos a ser celebrada na igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, tendo de seguida regressado à ermida do Espírito Santo. A Irmandade do Senhor dos Passos, autónoma da Santa Casa de Misericórdia, foi criada oficialmente no ano de 1888.<sup>8</sup>



<sup>1</sup>Frutuoso, Gaspar, *Saudades da Terra*, 1981, lv.4, v. 2, p. 107

<sup>2</sup>Alverne, Frei Agostinho de Monte, *Crónicas da Província de S. João Evangelista e ilhas dos Açores*, 1961, v. 2, p.

<sup>3</sup>Idem

<sup>4</sup>ASCMRG, *Receitas da Santa Casa da Misericórdia, 1725...*, 1748, fl. 96

<sup>5</sup>Idem [4 de Julho de 1778] fl. 94

<sup>6</sup>Idem [12 / 01 / 1775], fl. 83.

<sup>7</sup>Idem, ibid, [11 / 07 / 1790], fl. 142 v.

<sup>8</sup>Estatutos da Irmandade do Senhor dos Passos na Villa da Ribeira-Grande, Typographia do Noticiarista, Ribeira Grande, 1889.